



Instituto Superior Politécnico Gaya
Escola Superior de Educação de Santa Maria

Mestrado em Educação Pré-Escolar
Unidade Curricular: Projeto de Seminário

Ano 2012/13

ENRIQUECIMENTO DO VOCABULÁRIO EM CONTEXTO DE SALA DE 2 ANOS

Autor: Raquel Bartosch

Docente: Doutora Ana Paula Cabral
Orientador: Doutor Adriano Basto

19 de Julho de 2013

Agradecimentos

Agradeço ao meu Orientador, Doutor Adriano Basto, todo o apoio, força e dedicação. A sua disponibilidade e o ter acreditado em mim foram predominantes para a realização deste projeto; sem a sua motivação, a concretização deste trabalho não seria possível.

A todos os docentes da Escola Superior de Educação Santa Maria que, de alguma forma, contribuíram para a sua elaboração, em especial à Doutora Ana Paula Cabral e à Mestre Isabel Carvalho, que me transmitiram muita força e reconheceram a potencialidade deste projeto.

Um muito obrigado à minha amiga Sónia Ferreira que esteve presente ao longo da minha vida académica e profissional e sempre me apoiou.

À minha família e amigos que me transmitiram confiança, reconheceram o meu valor e não cobraram a meu afastamento em momento algum.

Em especial à minha mãe, ao meu pai e irmãos que me deram um porto de abrigo e limparam as minhas lágrimas.

Ao meu marido que compreendeu a minha “ausência” e me apoiou nos momentos mais difíceis.

Por último, à Instituição onde realizei o estágio e desenvolvi o projeto, em especial à Educadora Cooperante, ao grupo e respetivas famílias, que valorizaram o meu trabalho e me apoiaram incondicionalmente.

Às “minhas crianças”, pois sem elas este projeto não faria sentido.

A todos um profundo e sincero Obrigado.

Índice

Introdução

I. Caracterização do contexto

1.1 Meio envolvente	6
1.2 Instituição	7
1.3 Intervenientes	9

II. Enquadramento teórico

2.1 A aquisição da linguagem	10
2.2 Características da linguagem	13
2.2.1 Características dos 24 aos 36 meses	15
2.3 Desenvolvimento da linguagem	16
2.3.1 Linguagem Oral	19

III. Enquadramento metodológico do projeto de investigação e seus resultados/ conclusões

3.1 Problema/Objeto de estudo	22
3.2 Justificação da escolha do tema /pertinência do estudo	23
3.3 Participantes	23
3.4 Método de Investigação - Investigação-ação	25
3.4.1 Técnicas e instrumentos de recolha de dados	28
3.4.2 Análise de dados	30
3.4.3 Cuidados éticos	30

IV. Reflexão sobre a prática pedagógica

4.1 Objetivos definidos/ alcançados	32
4.2 Integração, Receção e Acompanhamento	33
4.3 Atividades desenvolvidas e materiais produzidos	34

V. Reflexão crítica final

Bibliografia

Apêndices

Anexos

Introdução

O presente trabalho surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar na Unidade Curricular de Projeto de Seminário. É um projeto de investigação e visa seguir o plano do mesmo.

Encontra-se dividido em cinco capítulos. O primeiro versa a caracterização do contexto e engloba os seguintes tópicos: meio envolvente; Instituição; intervenientes. Pretendemos dar a conhecer o meio em que realizamos a investigação, a instituição, bem como as pessoas inseridas na mesma.

O segundo capítulo explanará o enquadramento teórico, reunindo diferentes abordagens, a aquisição da linguagem na perspetiva de Chomsky, Piaget e Vygotsky; as características da linguagem e as que remetem para a de uma criança dos vinte e quatro aos trinta e seis meses segundo Rigolet, assim como o desenvolvimento da linguagem, analisando a perspetiva de vários autores, sobretudo a de Sim-Sim.

O terceiro capítulo compreende o enquadramento metodológico do projeto de investigação e seus resultados/conclusões. Contemplará o problema/objeto de estudo; a justificação da escolha do tema/pertinência do estudo; participantes; método de investigação (Investigação-Ação); técnicas e instrumentos de recolha de dados; análise destes e os cuidados éticos. Ocupar-se-á de grande parte do percurso deste projeto.

O quarto capítulo diz respeito à reflexão sobre a prática pedagógica e compreende os objetivos definidos/alcançados; a nossa integração, receção e acompanhamento, bem como as atividades desenvolvidas e materiais produzidos.

Finalmente, no último capítulo, o quinto, elaboraremos uma reflexão crítica que envolverá todo o nosso percurso na realização deste projeto.

Este surge inserido dentro do contexto da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada que tem como objetivos gerais: exercitar metodologias e estratégias de investigação na área da educação que permitam a pesquisa sobre a atividade educativa e organizacional de uma Escola; compreender e analisar no contacto direto com docentes, alunos e famílias, as problemáticas inerentes ao quotidiano de uma Escola; compreender e analisar a Escola, enquanto comunidade educativa: suas perspetivas e organização; realizar uma observação participante, experienciando situações do quotidiano da Escola e refletir sobre as observações efetuadas; analisar, organizar, planificar e realizar pequenas ocasiões de ensino/aprendizagem em pequeno e em grande grupo, numa perspetiva

diferenciada e multicultural; analisar diferentes organizações do espaço e materiais, do tempo e do grupo, enquanto dimensões da organização curricular; construir e aplicar instrumentos e estratégias de ensino/aprendizagem; reconhecer, registar e avaliar, progressivamente, os efeitos da intervenção educativa, visando a apropriação de uma atitude científica; manifestar capacidade relacional e de comunicação, bem como equilíbrio emocional, nas diferentes situações inerentes à prática em contexto profissional; evidenciar um comportamento ético e deontológico inerente à profissão. O estágio foi realizado numa Creche e teve a duração de duzentas horas. No entanto, a metodologia utilizada para o projeto teve a duração de um mês.

As perspetivas sobre o estágio vão crescendo, na medida em que o conhecimento aumenta, ou seja, numa primeira fase de observação, olhar é ver, ver e tentar absorver tudo o que nos rodeia. Numa segunda observação, o olhar torna-se, sem dúvida, mais cuidadoso, minucioso, talvez mesmo clínico.

Na verdade, o facto de estarmos perante uma realidade conhecida faz com que estejamos mais atentos a determinadas situações, mais sensibilizados para algumas conjunturas. O contacto com as crianças enriquece-nos e permite-nos perspetivar novos horizontes e experiências.

A construção deste projeto remete para uma reflexão crítica final, como conclusão e apreciação do trabalho desenvolvido.

I. Caracterização do contexto

1.1 Meio envolvente

A instituição onde realizámos o presente projeto de investigação situa-se na cidade do Porto, na freguesia de Aldoar. Esta é uma das 15 freguesias do concelho do Porto e ocupa uma área de 2.41 km², o que corresponde a 5.82% de região do município. Os últimos dados fornecidos pelo INE (Instituto Nacional de Estatística), apontam que a freguesia de Aldoar é habitada por 12.843 pessoas (5.41% dos habitantes no concelho), destas, 19.62% têm mais de 65 anos e 13.98% compreendem crianças e adolescentes. Em termos demográficos, sabemos que das 4.850 famílias habitantes na freguesia, 21.79% são compostas por uma única pessoa e 8.06% são famílias com quatro ou mais indivíduos. (Fonte: <http://www.imovirtual.com/viver/demografia/-/Porto/Porto/Aldoar/>) consultado a 16 de maio de 2013

Em 1973, as escavações feitas por Adriano Vasco Rodrigues vieram corroborar a tese que esta freguesia data do período que antecede os Romanos. A freguesia foi incluída na cidade do Porto em Novembro de 1895. Antigamente, dividia a povoação entre o Porto e Bouças, atual cidade de Matosinhos. Aldoar era, à época, atravessada por vários riachos, a maioria entroncando num ribeiro, a Ribeira de Aldoar, que circulava pela atual Avenida da Boavista, indo desaguar ao mar, junto ao Castelo do Queijo.

Foram muitos os mesteres que marcaram o desenvolvimento desta freguesia, entre eles moleiros, ferradores, oleiros, carpinteiros e alguns pescadores. Durante algum tempo, a freguesia manteve as suas características da ruralidade. Porém, com o passar do tempo este fator foi desvanecendo e o urbanismo foi dando a Aldoar um aspeto mais citadino. O urbanismo foi fortemente desenvolvido com a construção de núcleos habitacionais de qualidade acrescida, construídos pelas cooperativas de habitação e o aumento de transportes. No entanto, na Rua da Vilarinha continuam a existir casas do século XIX, com varandas decoradas e escadas de acesso à rua.

Atualmente, a freguesia mistura a ruralidade com urbanidade. Nos últimos anos, tem progredido em termos económicos e a nível demográfico. A freguesia dispõe de equipamentos que lhe conferem um elevado grau de progresso: Centro Social da Fonte da Moura, Centro de Bem-estar Nossa Senhora do Socorro, Centro Social de S. Martinho de Aldoar (que gere o Centro de Dia da Paróquia de Aldoar, em parceria com a Junta de

Freguesia), Centro de Saúde de Aldoar, Centro Paroquial de Aldoar e o Hospital Magalhães Lemos. O Parque da Cidade, na Avenida da Boavista, é um dos mais bonitos espaços verdes do concelho e também o ex-libris da freguesia. (Fonte: <http://www.ciberjunta.com/Aldoar/>)

1.2 Instituição

A instituição teve origem em 2008 e é de carácter particular. Trata-se de uma moradia que foi adaptada às necessidades e exigências de uma Creche. A sua gestão está a cargo da Diretora Pedagógica. A Creche destina-se a crianças dos quatro meses aos dois anos. Existem três salas e a distribuição das crianças pelas mesmas depende da sua dimensão. Assim, está definido e autorizado pela segurança social que o Berçário tem capacidade para sete bebés, a sala de um ano aceita dez crianças e a sala dos dois anos, acolhe doze crianças.

Note-se que a capacidade total da Creche compreende um número reduzido, o que a torna bastante familiar. A instituição dispõe ainda de um refeitório, uma cozinha devidamente equipada, dois *halls*, uma sala polivalente com acesso a um recreio, dois WC de adulto (um deles adaptado para adultos/crianças portadoras de deficiência) e dois para crianças. Compreende igualmente um jardim.

O espaço da Instituição é amplo e suscetível de se adaptar e mudar assim que se considere necessário. Ou seja, todos os anos as crianças têm uma sala nova que vão construindo e criando, de acordo com os seus interesses e necessidades. Durante o ano e em cada sala, também há espaços que se gerem de acordo com as atividades que se estão a desenvolver. O espaço de aprendizagem não se confina à sala, podendo alargar-se a outros espaços, de acordo com os temas que são trabalhados e o tipo de atividades desenvolvidas.

Consideramos relevante fazer algumas referências ao Projeto Educativo, a fim de melhor conhecer e compreender o funcionamento e objetivos da Creche. Depois de o ler atentamente, refletimos e concluímos que a sua existência é extremamente importante. Embora estejamos a falar de uma Creche, onde temos crianças apenas até aos três anos, é importante salientar que há um projeto estruturante, a instituição tem as suas ideias e pretende defendê-las. Não é pelo facto das crianças serem muito pequeninas que não vamos ter objetivos e fazer o melhor por elas.

As orientações curriculares destinam-se ao Jardim de Infância, mas é possível adaptá-las à creche. Neste sentido e pensando no que necessita uma criança tão pequena, a instituição escolheu trabalhar e desenvolver os seguintes objetivos:

- ✓ Promover o desenvolvimento global de criança;
- ✓ Proporcionar um ambiente de bem-estar e segurança;
- ✓ Organizar o espaço e o tempo;
- ✓ Valorizar a expressão/comunicação;
- ✓ Dar oportunidade aos Pais de um papel interventivo na dinâmica educativa dos seus filhos.

Estes objetivos têm uma enorme importância em qualquer idade. Contudo, tornam-se essenciais neste contexto. É fundamental que a criança se sinta num ambiente seguro para que possa crescer e desenvolver as suas aprendizagens de uma forma saudável. O conceito de espaço relaciona-se com a sala e todos os espaços que a criança frequenta. Estes devem ser desenvolvidos para ela e com ela, de modo a que se sinta confortável e parte integrante do mesmo. A educadora “constrói” a sala para aquele determinado grupo, procurando ir ao encontro das suas necessidades e facilitando as suas aprendizagens.

A Instituição valoriza muito a participação da família na vida da creche. Salientamos o facto de ser primordial que haja uma interação na relação família/creche. Esta articulação enriquece o desenvolvimento da criança e pode facilitar a ação educativa/intervenção.

Valorizamos e evidenciamos a preocupação, não só com o bem-estar da criança, mas também com a importância dada ao plano de ação. Nesta fase, a criança aprende experimentando e agindo sobre o meio que a rodeia e é neste sentido que a creche trabalha, utilizando como modelo a aprendizagem ativa que contempla a observação da criança, a interação adulto/criança, as rotinas e o ambiente físico. Os objetivos da creche têm uma relação estreita com o modelo escolhido.

Deste modo, a creche pretende investir na educação e crescimento de crianças felizes.

1.3 Intervenientes

O pessoal

Existem uma educadora, duas auxiliares e uma cozinheira. Tanto a educadora como as auxiliares, são autónomas no que diz respeito ao seu trabalho. Porém, têm que apresentar um projeto de sala. Realizam-se reuniões mensais com a Diretora Pedagógica, a fim de se discutir o trabalho, bem como para apresentar possíveis sugestões.

II. Enquadramento Teórico

2.1 A aquisição da linguagem

Foram muitos os teóricos que se debruçaram sobre o tema da aquisição da linguagem e existem inúmeras teorias que explicam como aprende uma criança a falar. Consideramos pertinente abordar as teorias de Piaget e Vygotsky que, ainda que com alguma controvérsia, andam lado a lado, defendendo que a aquisição da linguagem depende do desenvolvimento da inteligência na criança. Pretendemos também abordar a visão de Chomsky que defende que esta capacidade é inata ao ser humano.

Atendendo a que a problemática da aquisição da linguagem é um tema há muito estudado, foi nossa pretensão ir ao encontro dos estudos mais antigos e significativos. Pareceu-nos também pertinente referir os estudos de Skinner, uma vez que defende a teoria behaviorista. Este autor argumenta que a criança aprende por condicionamento com influência direta no processo de aquisição da linguagem, ou seja, a aprendizagem dá-se “por exposição ao meio e em decorrência da imitação e do reforço” (Freitas, s.d:2).

No entanto, Noam Chomsky não aceitou esta teoria tendo-lhe contraposto a ideia de que a criança já nasce com determinadas capacidades, ou seja, na sua opinião, a linguagem é inata. Defende igualmente que esta aptidão nasce com o ser humano, é genética e se vai desenvolvendo gradualmente (Silva, 2010).

Queremos com isto dizer que todo o ser humano nasce dotado de um sistema que, devidamente estimulado e trabalhado, lhe permitirá desenvolver a linguística. De acordo com Chomsky (citado por Sim-Sim,1998:52), o ser humano herda geneticamente o acesso à essência linguística ou, por outras palavras, “ao sistema de princípios, condições e regras que constituem os elementos ou propriedades de qualquer língua”. Zorzi (1993), por seu lado, argumenta que a linguagem se produz à medida que a criança descobre que as palavras referem ações, pessoas e objetos. Sim-Sim (1998:61) corrobora a opinião de Chomsky quando afirma que “a aquisição da linguagem é o resultado de um programa (porventura específico) que nos é transmitido geneticamente.” Ainda nesta linha de pensamento, a mesma autora refere que “a aquisição da linguagem é determinada e orientada por imposições e restrições inatas” (Sim-Sim, 1998:160). Porém, ainda que considerando que a aquisição da linguagem é uma capacidade inata ao ser humano, ela só se desenvolve se associada a fatores externos. É através da interação desses mesmos fatores que se dá a aquisição da linguagem e aqueles são decisivos para o desenvolvimento da mesma.

Citando novamente Zorzi (1993:7) “A linguagem é um dos aspectos importantes do desenvolvimento da criança e a sua aquisição mantém íntima relação com múltiplos factores, entre os quais destacam-se o biológico, o afetivo e o social”. Ao partilharmos desta opinião, não será demais referir que a aquisição da linguagem não pode ser considerada como exclusivamente resultante de fatores inatos, mas sim uma associação destes com outros, externos, relacionados com o meio em que a criança está inserida. De acordo com Sim-Sim (1998:303),

“Ao contrário dos behavioristas que defendem que o desenvolvimento da linguagem consiste na aprendizagem de respostas, através da imitação e do reforço, para os defensores do inatismo linguístico o desenvolvimento da linguagem materializa-se na aquisição da gramática da língua e é justificado pela capacidade inata e pela existência de mecanismos específicos da mente para a aquisição da linguagem, os quais explicam a universalidade do processo de desenvolvimento”.

No entanto, Piaget não corrobora nenhuma destas teorias, uma vez que considera que a teoria inatista está incompleta. Para este autor “o aparecimento e a evolução da linguagem dependem da evolução cognitiva da criança” (Parot, 1978:118). Ou seja, é a linguagem que acompanha o desenvolvimento cognitivo. Piaget (cit. por Elliot, 1982:49) diz que “a linguagem acompanha o pensamento, todavia não o direciona”. Para explicar estas ideias, Piaget considerou o desenvolvimento da criança processado em estádios. Segundo Sprinthall & Sprinthall (2000:619) “Piaget defende que as crianças aprendem conceitos à medida que passam por uma série de estádios de desenvolvimento de natureza sequencial e base biológica”.

Consideramos, portanto, relevante para melhor compreender o nosso estudo a abordagem dos dois primeiros estádios, o sensoriomotor (do nascimento até aos 2 anos) e o pré operatório (dos 2 aos 7/8 anos). Contudo, interessa referir que estes não são estanques, sendo passíveis de uma extensão, pois as crianças não são todas iguais. No estádio sensoriomotor a criança evolui consideravelmente, ela observa tudo que a rodeia. Mais tarde, Post e Hohman (2003:23) referem que:

“Através da coordenação do paladar, tato, olfato, visão, audição, sentimentos e ações, são capazes de construir conhecimento. Piaget utilizou o termo sensório-motor para caracterizar esta abordagem direta e física da aprendizagem. *Sensório* refere-se ao modo como os bebés e as crianças mais novas recolhem informação sobre o mundo através dos seus sentidos; *motor* refere-se ao modo como aprendem através da ação física.”

Esta é, pois, considerada a primeira etapa do desenvolvimento cognitivo e está associada à percepção e ao movimento (Zorzi, 1993). Segundo Silva (2006:11), a criança vai reconhecendo a autonomia dos objetos e consegue distinguir-se dos mesmos. Neste momento, a criança começa a ser capaz de desenvolver a inteligência representativa, uma vez que começa a substituir um determinado objeto por uma representação, por algo simbólico. Podemos, portanto, concluir que a criança passou para o estágio pré-operatório. Citando Silva (2006:11),

“Ela desenvolve a capacidade de representar qualquer coisa por meio de outra coisa, isto é, um significado qualquer (objeto, acontecimento) por meio de um significante diferenciado que só servirá para essa representação: linguagem, gesto simbólico, imagem mental. Está na presença, então, da função simbólica”.

Tal como advoga Piaget (cit. por Silva, 2006:11), a passagem do estágio sensório-motor para o pré-operatório torna-se possível quando a criança desenvolve a função simbólica (sistema simbólico). De acordo com Bouton (1975:161), “o sistema simbólico (...) permite compreender que um signo possa ser o substituto de uma realidade qualquer”. Podemos, então, considerar que neste momento a criança está preparada para falar.

Esta mesma convicção é defendida por Piaget (cit. Por Sim-Sim, 1998:304):

“...o desenvolvimento da cognição processa-se gradualmente desde o nível mais básico dos processos sensoriomotores até ao nível das chamadas funções mentais superiores, de que o pensamento hipotético-dedutivo é o expoente máximo. Entre uns e outros situa-se o funcionamento simbólico e o pensamento conceptual. O aparecimento das palavras emerge com o funcionamento simbólico e o uso da linguagem com o pensamento conceptual.”

Neste momento, consideramos pertinente referir a Teoria Cognitivista que encara a linguagem como uma ferramenta que acompanha a inteligência, ou seja, esta depende do desenvolvimento cognitivo da criança. Como podemos verificar no trabalho de Piaget (cit. por Vygotsky, 1995:11) “O pensamento dirigido é consciente, isto é, persegue objetivos que estão presentes na mente daquele que pensa. É inteligente, isto é, encontra-se adaptado à realidade e luta por influenciá-la. É suscetível de verdade e erro (...) e pode ser comunicado por meio da linguagem.”

Na perspetiva de Vygotsky (1995), pensamento e linguagem complementam-se, precisando, no entanto, da interação social para que se processem da melhor forma. Se os cognitivistas defendem que a linguagem usada pela criança depende do seu nível de desenvolvimento cognitivo, Vygotsky (1995) considera que o nível de linguagem está associado ao cognitivo, embora sejam independentes. Este autor acredita que o pensamento e a linguagem se unem quando a criança tem dois anos. Desta forma, a linguagem torna-se racional e o pensamento verbal. Contudo, contrariando os cognitivistas, a sua visão compreende que este pensamento verbal se deve a fatores externos – a sociedade ou cultura em que a criança está inserida (Sim-Sim, 1998:310).

Ainda segundo Vygotsky (1995:44), “o pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala.”

Concluindo esta breve abordagem às teorias sobre a aquisição da linguagem, pois não queremos correr o risco de nos tornarmos demasiado extensos, consideramos que Teoria Inata (Chomsky), Teoria Cognitivista (Piaget) e Teoria Interacionista Social (Vygotsky) se complementam.

A aquisição da linguagem pressupõe um caminho a percorrer, um desenvolvimento que implica influências externas – Vygotsky – e internas – Chomsky e Piaget. Logo, concluímos que todos os autores citados tiveram a sua contribuição para a compreensão deste tema tão complexo.

2.2 Características da linguagem

É de extrema importância para o desenvolvimento da investigação conhecer as características da linguagem na faixa etária que nos propomos estudar. A comunicação faz parte da vida de qualquer ser humano desde o seu nascimento, ou seja, o bebé, quando nasce, comunica através do choro, do riso e do olhar. É, portanto, através da transmissão de sons que o bebé expressa os seus desejos e as suas vontades.

Desse modo, considera-se preponderante a atitude do adulto face às transmissões da criança, pois é através delas que esta vai aprender. Nesta fase estabelece-se uma relação importante entre o adulto e a criança que, através das rotinas diárias, começam uma espécie de diálogo. A criança procura comunicar com o adulto que lhe responde

utilizando a linguagem. Citando Sim-Sim (1998:49), “comunicar não é sinónimo de linguagem”, mas pressupõe uma troca de informação, seja esta feita através de sons ou gestos. Lentin (1981:34), por seu lado, menciona que a linguagem falada serve como veículo para a comunicação, não sendo, no entanto, a única. Também a mímica tem a mesma função e torna-se fulcral para facilitar o desenvolvimento da linguagem.

A capacidade de utilização da linguagem é uma característica do ser humano e o adulto, ao usá-la corretamente e desde sempre com a criança, estará a predispor-la para a faculdade de falar e utilizar a linguagem. De acordo com Post e Hohmann (2003:31), o falar das crianças vai-se transformando progressivamente em sons que ouvem com frequência. Também Rigolet (1998:36) refere que antes da criança se poder manifestar ela exprime-se “através dos seus paraverbais” e seguidamente dos sons. Os paraverbais são gestos e expressões faciais que, associadas ao som, facilitam a compreensão da mensagem transmitida.

À medida que a criança desenvolve e recebe estímulos, a compreensão da linguagem vai, naturalmente, aumentando.

Depois da fase do balbúcio (0 aos 12 meses), surge o período da holófrase (12 aos 18 meses). Neste momento, a criança começa por dizer palavras soltas, mesmo querendo transmitir uma ideia. Segundo Rigolet (1998:57), a criança exprime uma ideia utilizando uma única palavra. Elliot (1982:91) argumenta que esta fase marca o começo daquilo que denominamos linguagem. É a partir deste momento que a linguagem da criança começa a desenvolver-se de forma mais notória, altura em que se torna possível compreendê-la, ainda que através de uma única palavra. Segue-se o período “telegráfico”, momento em que a criança começa a produzir pequenos enunciados. Estes são constituídos normalmente por duas palavras, predominando os substantivos e os verbos (Rigolet:61). Sim-Sim, Silva e Nunes (2008:21) referem que este período se caracteriza pelo uso de “estruturas fráscas embrionárias”, na medida em que estão ausentes os artigos, verbos auxiliares e proposições. Ao atingir os 24 meses de idade, a criança já consegue construir frases com três palavras. O número de palavras aumenta e a frase começa a adquirir uma certa ordem.

2.2.1 Características da linguagem dos 24 aos 36 meses

Todas as características da linguagem ao longo do seu desenvolvimento são essenciais para a compreensão desta problemática. Porém, consideramos imprescindível analisar em pormenor as características da faixa etária que nos propusemos estudar.

Rigolet (1998:73) expõe que do segundo ao terceiro ano de vida a criança evolui consideravelmente ao nível das suas produções linguísticas e a linguagem torna-se mais fluente. Durante este período, a comunicação da criança passa por dois momentos distintos, a generalização dos enunciados e a melhoria da sintaxe. Nesta fase, o vocabulário aumenta significativamente, o que permite à criança um maior à-vontade com a linguagem e, por consequência, maior autonomia. No entanto, o uso dos tempos verbais ainda não é o correto. É frequente ouvi-la recorrer ao passado e raramente utilizar o presente. Segundo Rigolet (1998:74), a articulação é cada vez mais clara, não obstante o facto de ainda apresentar alguma dificuldade na produção de alguns fonemas, bem como na articulação de palavras mais extensas e sons complexos. Esta adversidade faz com que as crianças recorram a “processos de simplificação”, nomeadamente a supressão ou omissão de um fonema, a sua substituição por um fonema mais simples ou mesmo a assimilação.

Os fonemas podem ocupar três posições, pelo que a criança pode apresentar dificuldade em articular um fonema que se encontra no início da palavra mas ter facilidade quando o encontra no meio ou no fim da mesma. Uma característica bastante comum nesta fase é a “gaguez fisiológica”, fenómeno que ocorre porque a criança quer falar de tudo e muito depressa, ou seja, a linguagem oral não consegue ainda acompanhar o raciocínio. No entanto, esta gaguez deve desaparecer gradualmente até aos 36 meses.

Também Sim-Sim, Silva e Nunes (2008:27) caracterizam esta fase como o momento em que a criança desenvolve notavelmente o nível fonológico, semântico e pragmático. No que diz respeito ao desenvolvimento fonológico, é considerável o aumento da produção de fonemas, a melhoria no controlo do volume, ritmo e intensidade da voz, bem como o reconhecimento de todos os sons da língua materna.

Ao nível do desenvolvimento semântico e sintático merecem referência a compreensão de centenas de palavras, grande expansão lexical, produção de frases, utilização de pronomes, flexões nominais e verbais, assim como o respeito pelas regras básicas de concordância. O desenvolvimento pragmático nesta faixa etária fica marcado

pela utilização de frases para realizar atos de fala como pedidos, ordens ou perguntas (Sim-Sim, Silva e Nunes, *op. cit.* 2008: 23).

Nesta fase, a linguagem mostra-se cada vez mais narrativa e precisa. A criança recorre espontaneamente a algumas regras gramaticais, morfológicas e sintáticas. Progressivamente vai questionando sobre tudo o que a rodeia e é então que surge a denominada “fase dos porquês”. Rigolet (1998:76) considera que a criança passa gradualmente por quatro fases, a saber: a justaposição da causa e efeito (Tenho fome. Vou comer), a expressão do “porquê” (O pássaro não voa, porquê?), o bombardear de “porquês” (nenhuma resposta a satisfaz, pergunta ininterruptamente porquê?) e finalmente surgirá o “porque”. O “porque” surge porém mais tarde, apenas por volta dos 42 meses. No final dos três anos, a criança já memoriza pequenas histórias e canções, revelando, no entanto, alguma dificuldade em recontá-las. Com o auxílio de imagens, esta tarefa torna-se mais simples. Embora o vocabulário ainda seja limitado, aos 36 meses, a criança está predisposta a aprender tudo o que que lhe quisermos ensinar e preferencialmente de acordo com os seus gostos e interesses. Logo, o papel do adulto/educador é de extrema importância. Citando Rigolet (1998:89), “A variedade das situações linguísticas onde se verá integrada facilitará a capacidade de adaptação, em compreensão e em produção, desta criança em constante evolução.”

2.3 Desenvolvimento da linguagem

Como já tivemos oportunidade de mencionar, a problemática da linguagem há muito que vem a ser estudada e debatida, o que justifica o elevado número de autores que se debruçaram sobre esta temática. À luz do que estudamos e tendo em consideração o objetivo da nossa investigação, consideramos fulcral fazer uma breve abordagem a propósito do desenvolvimento da linguagem, centrando a nossa atenção no domínio da linguagem oral.

Quando pensamos em linguagem, consideramos que esta é indissociável da comunicação. Contudo, estes não são conceitos com a mesma significação. Nesse sentido, concordamos com Sim-Sim (1998:21) que advoga que “linguagem e comunicação não são sinónimos”.

O ato de comunicar não pressupõe necessariamente linguagem, podemos fazê-lo apenas com um olhar ou com recurso à linguagem gestual. Lentin (1981:35) defende que podemos comunicar sem usar a língua falada, ou seja, através de mímica. De acordo com

Sim-Sim (1998:21) “ Por comunicação entende-se o processo activo de troca de informação que envolve a codificação (ou formulação), a transmissão e a decodificação (ou compreensão) de uma mensagem entre dois ou mais intervenientes”. No entanto, a mesma autora (Sim-Sim, 1998:22) reconhece que a linguagem é “ um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados, usado em modalidades diversas para «o homem» comunicar e pensar.”

Tendo em consideração estas concepções, não será incorreto defender que a criança comunica desde que nasce, pese embora o facto de apenas com o desenvolvimento global desenvolver a linguagem. Ao referirmos o desenvolvimento global, consideramos o nível psicológico, socio afetivo, cognitivo e psicomotor. Rigolet (1998:19) diz que quanto mais se estuda o desenvolvimento da criança, mais se atenta que a linguagem e a comunicação são predominantes para todos estes níveis. Também Papalia, Olds e Feldman (2001: 215) corroboram esta opinião, expondo que,

“O crescimento da linguagem ilustra a interação entre todos os aspectos do desenvolvimento: físico, cognitivo, emocional e social. À medida que as estruturas físicas, necessárias à produção de sons, sofrem maturação, e que as conexões neuronais, necessárias à associação de sons e de significados se tornam activadas, a interacção social com os adultos inicia os bebés na natureza comunicativa do discurso.”

Então, é preciso ter consciência que os sentidos desempenham um papel fulcral no desenvolvimento da linguagem, pelo que devem ser trabalhados e estimulados desde o nascimento da criança. Rigolet (1998:36) argumenta que “Nenhum intercâmbio deve ser iniciado sem a presença do contacto ocular; este é o primeiro estímulo para iniciar qualquer actividade verbal ou não- verbal.” Ainda segundo Lentin (1981:39), o uso dos sentidos é preponderante para o desenvolvimento da linguagem: “O treino dos sentidos da vista e do ouvido é indispensável para que a criança aprenda a falar em boas condições.”

Sim-Sim, Silva e Nunes (2008:14) afirmam que “A voz é um dos meios mais poderosos para comunicar e a criança produz sons desde o nascimento.” Não só os produz como também os diferencia. Os mesmos autores enunciam que esta capacidade de distinguir os sons, a que chamamos desenvolvimento fonológico, é inata e engloba a capacidade de discriminar os sons da fala, mas também de os produzir.

São vários os autores que denominam este período de pré-linguístico. Segundo Sim-Sim (1998), a percepção da fala é a primeira etapa que as crianças ultrapassam para a compreensão da linguagem. Também Sim-Sim, Silva e Nunes (2008:15) alegam que

“Antes da articulação de palavras, a criança interage vocalmente através de um conjunto de produções sonoras, tais como o choro, o riso, o palreio e a lalação, que integram o chamado *período pré-linguístico*.” Sim-Sim (1998:78) declara que “...o bebé começa por discriminar na base das propriedades acústicas dos sons e só posteriormente deteta as diferenças de cariz fonético presentes na sua língua materna.” Tal característica compreende a “atribuição de significado à produção sonora.” Surgem, então, as primeiras palavras da criança e o começo do período linguístico.

Importa referir que o aparecimento das primeiras palavras se refere a uma frase e não à palavra em si. Queremos com isto dizer que quando uma criança diz “cão” poderá querer dizer “Olha o cão a ladrar”. Esta fase é descrita por Rigolet (1998: 57) como “fase da holófrase”. A mesma autora diz que “uma só palavra, como é produzida no contexto funcional pode adquirir vários significados.” De acordo com Sim-Sim (1998:121), “As palavras são as ferramentas básicas da linguagem; são símbolos que representam uma realidade.” Concordando com Sim-Sim (1998:23), aceitamos que nesta fase a criança reconhece as palavras associadas a um contexto e só a sua repetição noutros momentos fará com que ela lhe consiga atribuir um significado.

Parece-nos igualmente oportuno referir que o desenvolvimento da linguagem da criança engloba a compreensão e a produção e estas não ocorrem em simultâneo. Sim-Sim (1998:124) defende que “reconhecer e usar são dois aspetos do conhecimento que, no campo linguístico, podemos traduzir por compreensão e produção.” A compreensão, para esta autora (Sim-Sim, 1998:24), supõe que percebemos o que é dito, ou seja, engloba a “perceção da fala”, “o processo de transformação de sons em fala” e a “decifração da mensagem”.

No entanto, a produção está relacionada com a forma com que falamos, quer isto dizer, de que forma somos capazes de transmitir uma mensagem. Ainda nesta linha de pensamento Sim-Sim (1998:24) afirma que “a produção diz respeito à estruturação da mensagem...”. Rigolet (1998: 46) referencia que a criança aprende a falar ouvindo o adulto e que, ao tentar imitá-lo, aos poucos, vai compreendendo o significado das palavras. Contudo, existe um desfasamento entre a compreensão e a produção. Citando a mesma autora (1998:46), “Existem seis meses de antecedência da compreensão sob a produção”. Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008:18),

“A grande diferença entre o léxico activo (o que se produz) e o léxico passivo (o que se compreende) manter-se-á por toda a vida. Com efeito, conhecemos e compreendemos muitas

mais palavras do que as que usamos quotidianamente. As primeiras palavras compreendidas e produzidas estão associadas a acções específicas marcadas pelo *aqui e agora*.”

Concordamos com a opinião destes autores, atendendo a que a criança, no seu dia-a-dia, fala dos acontecimentos que geram a sua ação, o vocabulário utilizado é na certeza muito inferior ao que ela compreende. Cabe aqui ao educador proporcionar momentos e atividades que proporcionem à criança o uso de diverso vocabulário. Bouton (1977:130) assegura que “...o desenvolvimento da linguagem se organiza segundo um plano multidimensional que atinge simultaneamente a fonologia, a sintaxe, o léxico e os conceitos intelectuais a partir dos quais se organiza a atividade verbal da criança.” O mesmo autor defende que esta fase linguística corresponde a um momento de evolução nos enunciados da criança. Estes adquirem cada vez mais as características dos do adulto. Sim-Sim, Silva e Nunes (2008:19) mencionam que, nesta fase, a criança começa a combinar palavras, ainda que não use artigos, preposições e verbos auxiliares.

Segundo Rigolet (1998:57), os enunciados da criança referem-se ao seu meio envolvente, ela fala daquilo que conhece e que vive, ou seja, “pessoas ligadas à sua educação, os objetos constituindo parte integrante das suas rotinas, os seu animais predilectos.” A linguagem da criança começa então a adquirir maior complexidade, necessitando da intervenção do adulto de forma a promover e facilitar este desenvolvimento. Rigolet (1998:73) afirma que “Dos 2 aos 3 anos de idade, a criança torna-se cada vez mais fluente linguisticamente”. Nesta fase, cresce a importância do papel do adulto na vida da criança, no sentido de proporcionar atividades que facilitem e proporcionem diversas experiências e que a incentivem a utilizar a linguagem verbal para se expressar. De acordo com Bouton (1977:139), “A linguagem tornou-se para a criança um meio de descoberta num diálogo pessoal com o adulto indefinidamente prosseguido.”

2.3.1 A Linguagem oral

Segundo Sim-Sim (1998:30), é através da linguagem que comunicamos, manifestamos sentimentos e emoções, efetuamos aprendizagens e estruturamos o pensamento. Ainda Sim-Sim, Silva e Nunes (2008:29) argumentam que a criança, para aprender a comunicar, tem de estar inserida num ambiente que favoreça e estimule essa mesma comunicação. Ela precisa de ouvir falar a sua língua, pois, dessa forma, poderá interagir com adultos empregando a linguagem oral. Os autores supramencionados

(2008:33) defendem também que “É através da interacção verbal, que implica saber ouvir falar e falar, que as crianças se tornam comunicadores fluentes e falantes competentes na sua língua materna. É pela comunicação verbal que as crianças adquirem e desenvolvem a língua materna.” Nesta linha de pensamento, consideramos que ouvir falar é extremamente importante para que a criança conheça os instrumentos de que dispõe. Segundo Sim-Sim (1998:33)

“A linguagem adquire-se e desenvolve-se através do uso, ao ouvir falar e falando. A produção oral de mensagens (via fala) e a compreensão do que é dito, sendo processos separados, assentam ambas no conhecimento de estruturas da língua e das respetivas regras do uso em contexto.”

O principal objetivo da linguagem oral é o de comunicar com clareza, devemos por isso fazer com que a criança compreenda a importância de saber ouvir. No caso concreto da linguagem oral, o meio privilegiado é o auditivo.

Socorreremo-nos novamente da opinião de Sim-Sim (1998:33) por considerarmos que a mesma condensa exemplarmente o que é nossa convicção:

“Ouvir falar é uma importante porta de acesso ao conhecimento e um instrumento importante na interacção verbal, o qual implica a mobilização de uma cadeia de processos interligados que incluem a atenção, o reconhecimento e a interpretação de cadeias sonoras de símbolos pronunciados por outrem.”

A mesma autora diz que saber ouvir com atenção pressupõe compreender e decifrar a mensagem do interlocutor. Devemos, portanto, socorrer-nos de estratégias que promovam esta faculdade nas crianças, estando, contudo, conscientes de que estas não podem cingir-se ao ouvir, mas antes estar relacionadas com uma determinada ação.

À luz do modelo High-Scope (Hohmann e Weikart, 2004:6), a criança aprende pela ação e só assim as aprendizagens se tornam significativas. Estes autores (2004:526) defendem igualmente que “ Num ambiente que seja rico em conversação e leitura, a complexidade da linguagem da criança evoluirá naturalmente – a um ritmo próprio para cada criança.” Nesta linha de pensamento, temos o dever de proporcionar à criança as mais variadas experiências para que elas queiram falar e partilhar as mesmas, ou seja,

devemos oferecer às crianças infinitas situações que reforcem as suas competências linguísticas orais.

Esta opinião alicerça-se em Lentin (1981:38) que defende que “...a criança normalmente constituída dispõe, congenitamente, da faculdade de aprender a falar. Mas se a criança não pode extrair do seu ambiente imediato o aprovisionamento quotidiano dos materiais indispensáveis ao funcionamento desta faculdade, ela não o fará.”

Corroborando esta ideia, Sim-Sim, Silva e Nunes (2008:34) mencionam que “Interagindo verbalmente, as crianças aprendem sobre o mundo físico, social e afectivo, ao mesmo tempo que adquirem e desenvolvem os vários domínios da língua (fonológico, semântico, sintáctico, pragmático).

III. Enquadramento metodológico do projeto de investigação e seus resultados/ conclusões

3.1 Problema/Objeto de estudo

A linguagem é um dos instrumentos mais importantes da comunicação. É através dela que transmitimos desejos e vontades, mostramos os nossos valores e comunicamos com os outros. Existem diferentes tipos de linguagem; no entanto, vamos focar-nos apenas na linguagem verbal, sendo esta que nos vai direcionar para o nosso objeto de estudo – o vocabulário.

Durante o estágio, em contexto de observação, foi detetado que o grupo tem um vocabulário pouco rico e diversificado. De um modo geral, as crianças que o constituem têm alguma dificuldade em exprimir-se, revelando um diminuto vocabulário, necessitando muito da ajuda do adulto para completar uma ideia. Tal evidencia-se quando, por exemplo, observam uma imagem. A descrição dessa mesma imagem cinge-se ao, “é uma bola” ou “é uma flor”...etc., não sendo capazes de dizer que é uma bola grande e vermelha, ou que veem uma flor bonita e com muitas pétalas.

As conversas com os pares mostram-nos que, algumas crianças, não dão resposta porque não sabem que palavras usar. Os dados fornecidos pela educadora revelam que o grupo usa as palavras como instrumento para perceber e agir com o mundo que o rodeia e que o vocabulário é cada vez mais diverso e expressivo. Isto não significa, contudo, que o vocabulário seja muito rico, ainda que seja característico da idade o aumento de vocabulário. O que não significa necessariamente que este seja vasto e rico.

Pensamos que é extremamente importante que o grupo desenvolva a linguagem verbal, não só porque facilitará o desenvolver de outras competências, como também promoverá a autoestima e confiança das crianças. É neste sentido que pensamos no problema e formulamos a pergunta.

Como conseguir ampliar e enriquecer o vocabulário de um grupo de crianças com 2/3 anos de idade?

Esta é a “pergunta de partida” que, como referem Quivy & Campenhoudt (2008), expõe o problema que se deseja investigar, a fim de se encontrar respostas durante o processo ou desenvolvimento da investigação. A pergunta será o fio condutor da nossa

investigação, pois será a partir dela que desenvolveremos a nossa ação e limitaremos o campo de estudos.

É extremamente importante que nos foquemos no objeto de estudo, a fim de não correremos o risco de nos dispersarmos em pesquisas demasiado abrangentes. Quer isto dizer que a definição do problema pode ser difícil, contudo, depois de bem definido, facilitará o processo de investigação.

3.2 Justificação da escolha do tema /pertinência do estudo

São vários os autores que abordam o tema do desenvolvimento da linguagem. Conscientes desse facto, parece-nos, contudo, pertinente abordar não só a linguagem, como também o vocabulário utilizado na mesma. Pretendemos sobretudo debruçar-nos sobre o uso do vocabulário e contribuir para o seu enriquecimento no seio do grupo a estudar. Não será de todo menos importante fazer uma pequena abordagem às teorias da aquisição da linguagem com o objetivo de contextualizarmos e melhor compreendermos o estudo em questão.

Afigura-se-nos pertinente perceber como poderemos enriquecer o vocabulário do grupo.

O estudo poderá/deverá estudar o porquê desta problemática e encontrar estratégias para a melhorar e/ou resolver.

3.3 Participantes

Caracterização do grupo (sala dos 2 anos)

O grupo de crianças é constituído por duas raparigas e sete rapazes, com idades compreendidas entre 2 e 3 anos. Destas nove crianças, apenas quatro frequentam a instituição pela primeira vez, quatro crianças transitaram da sala de um ano e uma entrou no berçário. É um grupo bastante heterogéneo. A maioria das crianças são autónomas, apenas uma ainda usa fralda para dormir. É um grupo ativo e comunicativo, gosta de ouvir canções, dançar, brincar ao faz-de-conta. Demonstra um enorme prazer em ouvir histórias. No que se refere aos jogos e construções, necessita do adulto ao seu lado para o incentivar.

É um grupo afetuoso e que procura carinho com frequência.

O grupo verbaliza os seus desejos e opiniões, servindo-se das palavras como instrumento para explorar e descobrir o que o rodeia. O vocabulário usado pelo grupo não é muito variado. No entanto, esforça-se por se fazer compreender. O desenvolvimento das suas competências linguísticas permite aumentar também a sua forma de expressão e naturalmente o desenvolvimento cognitivo.

Reconhece algumas cores e algumas crianças já conseguem contar até 10. O grupo apresenta comportamentos egocêntricos (característica da idade), o que provoca conflitos entre elas. Querem fazer tudo à sua maneira e demonstram dificuldade em ouvir o outro.

Identificação do grupo

Criança	Data de Nascimento	Idade
1	20 de novembro de 2010	2 anos
2	20 de novembro de 2010	2 anos
3	5 de junho de 2010	2 anos
4	18 de junho de 2010	2 anos
5	18 de junho de 2010	2 anos
6	26 de março de 2010	3 anos
7	18 de fevereiro de 2010	3 anos
8	14 de fevereiro de 2010	3 anos
9	18 de janeiro de 2010	3 anos

Caracterização Sócio Cultural das Famílias

O nível sociocultural das famílias é importante, na medida em que facilita aos agentes educativos a forma como devem estabelecer relações e atuar perante qualquer situação. Depois de ler atentamente todas as fichas (e analisar dados recolhidos das fichas de inscrição, fornecidas pela instituição), concluímos que todos os pais têm formação académica superior.

Caracterização da Estrutura Familiar

É importante perceber o contexto familiar em que cada criança vive, pois só assim podemos compreender e facilitar o desenvolvimento da mesma. Todas as crianças deste

grupo estão inseridas em famílias de estrutura regular e têm contacto com a família próxima (avós). Uma vez mais, esta caracterização resulta de dados recolhidos das fichas de inscrição, fornecidas pela instituição.

Recursos Humanos

Educadora	8:00h – 16:00h
Auxiliar	11:30h – 20:00h
Estagiária	8:30h – 16:00h

3.4 Método de Investigação - Investigação-ação

Existem inúmeras metodologias para a investigação, é importante conhecê-las e dominá-las para que, perante um determinado problema, possamos escolher aquela que melhor se adequa à investigação em causa. Argumentaremos por que motivo a nossa escolha recaia sobre o método de Investigação-Ação (I- A), evidenciando de que forma este é o que melhor se adapta ao objeto do nosso estudo.

Parece-nos que o método de investigação-ação será mais apropriado, uma vez que visa não só compreender o problema como agir sobre ele. O estudo de caso não pressupõe ação, pelo que pensamos não se adequar ao nosso propósito. Porém, a sua abordagem qualitativa requer uma cuidada e minuciosa recolha de dados, o que também se coaduna com o nosso método de estudo. A triangulação destes dados é essencial para garantir a validade e fiabilidade dos factos. Apresenta, no entanto, algumas fragilidades. O investigador tem um papel fundamental neste processo e deve tratar os dados com a maior fiabilidade possível, isentando-se de qualquer opinião.

À luz do que estudamos, a Teoria Fundamentada é um método recente, porém não menos eficiente, uma vez que consiste em, a partir dos dados recolhidos, elaborar uma fundamentação para os mesmos, ou seja, elaborar/construir uma teoria fundamentada.

Contudo, esta abordagem não se adequa à nossa investigação por se considerar preponderante ter, como ponto de partida, alguma base teórica para melhor poder perceber o problema e, depois, poder agir sobre o mesmo. A interação entre a recolha e a

análise dos dados suporta esta teoria. O que não acontece na I-A, método que pressupõe sustentar-se nalguma teoria, mas sempre aliada à prática. Pelas razões apresentadas, consideramos que a metodologia mais adequada é a Investigação-Ação. Este método visa estudar/auxiliar um profissional de educação na sua prática, de modo a que este medite e atue no sentido da mudança. A Investigação-Ação é “a metodologia mais apta a favorecer essas mudanças.” (Coutinho *et al.*, 2009:356), método que permite que o investigador faça parte, não só da investigação, como também da ação desenvolvida. Segundo Cohen e Manion (cit. por Coutinho, 2008:2), Investigação-Ação é:

“um procedimento in loco, com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata (...) controlado passo a passo (...) durante períodos de tempo variáveis, através de diversos mecanismos (...), de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em modificações, ajustamentos, mudanças de direcção, redefinições, de acordo com as necessidades, de modo a trazer vantagens duradouras ao próprio processo em curso.”

Isto implica planear, atuar, observar e refletir meticulosamente sobre a prática desenvolvida.

A metodologia tem fases de estudo que guiam e orientam todo o trabalho de investigação. As técnicas utilizadas na recolha de dados são as mesmas de outras metodologias, podem usar-se as entrevistas, a observação, o diário de bordo, a consulta de documentos, etc.

Na Teoria Fundamentada, ao contrário do que acontece com outros métodos, é a partir da triangulação destes dados que se vai elaborar uma teoria. Não é, de todo, isto que pretendemos com o nosso estudo. Queremos sim, a partir da teoria, planear e agir sobre o problema.

A metodologia de I-A foi já estudada por diversos autores, que se debruçaram sobre o estudo da mesma, por isso existem inúmeras definições. Falaremos daquelas que nos pareceram mais relevantes. Elliot (citado por Coutinho *et al.*, 2009:360) defende que a I-A é um estudo de uma situação social e que o seu objetivo é o melhoramento da sua qualidade. No entanto, Kemmis (citado por Coutinho *et al.*, 2009:360) argumenta que esta metodologia se integra numa ciência prática e moral mas também numa ciência crítica. Finalmente, Lomax (igualmente citado por Coutinho *et al.*, 2009:360) entende a I-A como “uma intervenção na prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria”.

Com base nas definições de Elliott e Lomax, consideramos que o estudo experimental não se adequa ao nosso problema, já que aquele tem como objetivo selecionar um determinado grupo, dividi-lo em dois subgrupos e a um deles aplicar uma variável. Posteriormente, decorrido algum tempo, deverá analisar os dois grupos e perceber as mudanças/diferenças.

Como já tivemos oportunidade de mencionar, a I-A é uma metodologia que tem como característica principal a participação, ou seja, o investigador observa e participa na própria ação. O objetivo basilar prende-se com uma dupla intenção, investigar e agir no sentido de mudar uma determinada situação ou problema. Os estudos causais e comparativos pretendem estudar a causa-efeito de um determinado comportamento ou de determinadas características. São de carácter quantitativo e o investigador estuda os factos depois destes terem acontecido. O nosso estudo pretende ser de carácter qualitativo, é um ciclo aberto e contínuo, ambicionamos observar/investigar uma determinada realidade, pensar e agir sobre a mesma, refletir e avaliar, consideramos que é, por isso, “espiralada”.

“A natureza cíclica deste método significa um processo de ‘espiral dialéctica’, entre acção e reflexão, onde os dois momentos alternam, integram e se complementam.”

(Bisquerra, 1989)

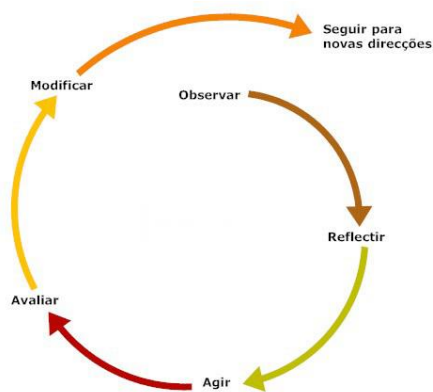


Fig. 1 – Um ciclo de Ação-Reflexão (Imagem retirada de http://faadsaze.com.sapo.pt/11_modelos.htm.)

A Investigação-Ação é situacional, pois refere-se ou dedica-se a uma determinada situação/problema, colaborativa, no sentido em que se envolve e colabora para a mudança de uma confinada ação. É empírica porque a ação implica experiência para que a investigação se desenvolva de um modo crescente e evolutivo. Consideramo-la

igualmente como autoavaliativa, uma vez que este método de investigação não consiste senão em avaliar práticas, e é neste sentido que exerce mudanças.

Naturalmente, todas as metodologias apresentam vantagens e desvantagens. Para a nossa investigação, consideramos que a I-A é, entre todas as possíveis, aquela que nos fornece mais vantagens. O facto de a investigação ser feita pelo próprio investigador que atua sobre o que quer estudar constitui uma mais-valia. Neste sentido, permite que a avaliação do problema a estudar seja uma constante, o que possibilita a mudança. Ou seja, o grupo faz parte do contexto do pesquisador, o que facilita a resolução de possíveis conflitos. O conhecer bem o contexto e o estar no terreno fará com que se possa agir e interagir com todos os intervenientes, o que tornará a investigação necessariamente mais rica. O podermos participar na vida diária do grupo possibilitar-nos-á conhecer aprofundadamente o seu nível de desenvolvimento da linguagem, bem como atuar sobre ele, ou seja, viabiliza a reflexão na e sobre a ação.

Contudo, estamos conscientes de que a metodologia da I-A também apresenta algumas fragilidades. A falta de rigor científico poderá ser uma delas. Ainda que sustentada numa base teórica, as características do grupo a estudar podem ser excessivamente situacionais e específicas. É importante referir que teremos pouco controlo sobre as variáveis independentes, o que poderá influenciar a nossa investigação. Não esquecemos também que os resultados não são generalizáveis nem restritos ao meio envolvente, o que quer dizer que dirão respeito, única e exclusivamente, ao grupo em questão. No entanto, refletimos e analisamos detalhadamente as vantagens e desvantagens do método escolhido e sustentamos que foi o que se afigurou como mais adequado ao nosso objeto de estudo.

3.4.1 Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Face ao objeto de estudo, consideramos usar como instrumento a observação sistemática e como estratégia a observação participante. Segundo Ribeiro (2003:212),

“A observação participante é conhecida mais propriamente como uma estratégia de pesquisa do que como um método, já que é sempre composta por uma variedade de métodos. Constitui uma primeira forma de contacto, de troca, de experiência existencial e intelectual mas também de uma observação em profundidade e de acesso a dimensões mais íntimas ou interior aos processos sociais.”

A observação participante é considerada uma técnica de investigação qualitativa. Este tipo de observação permite recolher dados de forma descritiva, ou seja, através de um diário de bordo torna-se possível o relato fiel daquilo que se observa. Em paralelo, podem fazer-se notas, tendo, no entanto, a consciência de que estas podem revestir-se de uma carga subjetiva, uma vez que estão relacionadas com o entendimento/compreensão que o investigador faz da sua observação.

Este tipo de observação requer disciplina e método, exige um elevado nível de concentração e implica alguma paciência, pois podemos passar horas a observar e no final retirar pouco dessa observação. Contudo, o recurso a este instrumento permite-nos observar o grupo no seu contexto e participar ao mesmo tempo.

Segundo Evertson e Green (in *Hérbert, Goyette e Boutin*:1990) existem dois tipos de observação participante, a ativa e a passiva. Na ativa, o observador está envolvido na própria ação e por isso faz o registo dos dados depois da observação. Na observação passiva, é possível fazer o registo durante essa mesma observação. A observação participante é uma estratégia que, combinada com a análise documental e com a entrevista, se tornará mais rica e rigorosa. Ser observador participante requer muita perícia, exigindo que o investigador seja capaz de participar e observar em simultâneo, isto é, olhar para um problema como membro constituinte daquele grupo e, posteriormente, ser capaz de transmitir essa informação para membros exteriores.

O objetivo principal de uma observação é realizar uma descrição que tem um determinado propósito, ou seja, que pretende compreender ou analisar algum assunto em concreto. O investigador, ao ir para o terreno, sabe exatamente o que pretende observar. Consideramos que esta técnica se adapta muito bem ao objetivo do nosso estudo. Estando no contexto e envolvidos com o grupo, observaremos e registaremos tudo aquilo que nos parecer pertinente para poder agir sobre o desenvolvimento da linguagem – enriquecimento do vocabulário.

Desse modo, a observação participante tem a vantagem de ser um método direto, uma técnica que se aplica num ambiente natural. Facilita o trabalho do investigador quando existem comportamentos ou situações nas quais os sujeitos não são capazes de responder de modo consistente, no caso de crianças muito pequenas, como é a circunstância da nossa investigação.

Esta técnica possibilitar-nos-á simplificar a compreensão do contexto em que a problemática em estudo acontece, permitindo adquirir mais informação sobre a

problemática ao viabilizar o cruzamento das nossas percepções com as dos outros intervenientes. Contudo, e como todas as técnicas, também apresenta as suas fragilidades.

O observador, ao estar inserido no contexto, dispõe de pouco tempo para tirar notas ou fazer perguntas. Ao escolhermos esta técnica, estamos portanto conscientes de que precisamos de muito método e disciplina para minorar esta eventual debilidade. Sabemos também que a nossa presença pode provocar alterações no comportamento do grupo, retirando-lhes a espontaneidade e induzindo a resultados pouco fiáveis. Para minimizar tanto quanto possível este eventual constrangimento, tentaremos familiarizar-nos com o grupo para não sermos considerados um elemento estranho.

Pretendemos fazer a triangulação de três técnicas, de modo a obter maior fiabilidade nos dados recolhidos. Para além da observação participante, usaremos também uma grelha de observação e a recolha documental (característicos de abordagens qualitativas).

3.4.2 Análise de dados

Esta análise pressupõe a leitura de documentos fornecidos pela instituição, como fichas de diagnóstico e avaliação do grupo em questão bem como o Diário de Bordo. Os documentos consultados e analisados ao pormenor servem para o cruzamento de dados, podendo facilitar a fiabilidade dos mesmos.

A recolha e o tratamento dos dados são de extrema importância no decorrer da investigação, são eles que vão fundamentar/justificar a nossa ação.

3.4.3 Cuidados éticos

Os Cuidados éticos são uma parte extremamente importante do trabalho de investigação. O investigador tem um papel fundamental na garantia de que usará a ética na sua pesquisa. Esta consiste:

- Confidencialidade

Na nossa investigação, será extremamente importante manter confidencial o nome da instituição, bem como de todos os intervenientes.

- Rigor

Quando falamos de rigor, referimo-nos a toda e qualquer análise de dados, bem como na rigorosa aplicação das técnicas de observação. É fulcral que nos cinjamos à informação conseguida.

- Veracidade
- Fiabilidade

Estes dois pontos estão intimamente ligados ao anterior e também aos próximos, pensamos que devemos ser o mais honestos possível com a nossa investigação, pois pretendemos conseguir um trabalho credível, sobretudo porque vamos lidar com crianças.

- Consentimento informado
- Anonimato

Bogdan e Biklen (cit. por Azevedo, Santos, Beineke e Hentschke, 2005) sintetizam os princípios éticos em quatro aspetos básicos para os pesquisadores qualitativos:

- A proteção da identidade dos participantes;
- Respeito com os sujeitos;
- Negociação realista da pesquisa;
- Autenticidade ao apresentar os resultados.

Os pontos acima mencionados dizem respeito a todos os intervenientes do projeto de investigação e pretendemos segui-los com todo o rigor e seriedade no nosso projeto.

IV. Reflexão sobre a prática pedagógica

4.1 Objetivos definidos/ alcançados

- Enriquecer o vocabulário, favorecendo a diversidade.

As atividades que desenvolvemos foram diversificadas com o intuito de ampliar o vocabulário do grupo. Consideramos que este objetivo foi alcançado. No entanto, consideramos que nem todo o grupo é capaz de utilizar esse mesmo vocabulário fora das atividades.

- Aumentar o vocabulário, de forma a permitir que a criança seja capaz de, através de alguns estímulos, utilizar um vasto número de palavras.

Este objetivo não foi totalmente conseguido. O grupo aumentou o vocabulário, no entanto, não foi capaz de utilizar um vasto número de palavras. Adquiriu vocabulário novo e no final da intervenção pôde constatar-se que já era capaz de observar uma imagem e dizer que estava a ver uma bola azul. No início da intervenção, na observação de objetos ou imagens, o grupo usava apenas palavras isoladas.

- Dinamizar aprendizagens para que possam utilizar a linguagem adequadamente.

Consideramos que as aprendizagens foram significativas e que dinamizaram o uso da linguagem por parte do grupo. Porém, julgamos que a limitação da duração do projeto condicionou o maior sucesso deste objetivo.

- Promover situações de diálogo para potenciar a comunicação eficaz e com clareza.
- Estimular o uso da linguagem verbal, favorecendo a autoconfiança e autoestima.

Conseguimos promover situações de diálogo que resultaram num maior à-vontade do grupo para falar em público, ou seja, à frente dos amigos. Observamos que inicialmente tinham pouca segurança e alguma dificuldade em encontrar o vocabulário que

precisavam. Contudo, ao criarmos situações de diálogo, o grupo aumentou a autoconfiança.

Resultados esperados

- Enriquecimento e aumento do vocabulário.

É nossa convicção que os resultados esperados foram alcançados. O grupo enriqueceu e aumentou o vocabulário. Consideramos que é capaz de relatar experiências com maior facilidade do que inicialmente, descreve um acontecimento, reproduz músicas, lengalengas e histórias. Em contexto, pudemos também verificar que sabe que os desenhos e a escrita transmitem informação, bem como identifica e associa palavras a imagens.

4.2 Integração, Receção e Acompanhamento

O presente trabalho de investigação foi desenvolvido no nosso local de trabalho, facto que terá surtido fatores positivos bem como negativos. A integração foi fácil e a nossa presença bem aceite pelos colaboradores da Creche em questão. Explicamos o trabalho que pretendíamos desenvolver e este foi recebido com entusiasmo e empenho. O tema “Enriquecimento do vocabulário em contexto de sala de 2 anos” suscitou um enorme interesse por parte das pessoas que acompanham o grupo, embora tenha igualmente causado alguma dúvida e receio, sentimentos que surgiram face à dificuldade que poderíamos sentir na observação e participação no seio do grupo, uma vez que as crianças são muito pequenas e com a capacidade de nos surpreenderem diariamente.

Fomos recebidos com carinho e entusiasmo por parte do grupo, assim como por todos os adultos integrados na Creche. Facultaram-nos toda a documentação necessária e mostraram vontade de cooperar no que fosse necessário. No desenvolvimento da Investigação-Ação, foram-nos dadas sugestões para que pudéssemos desempenhar melhor a nossa prática e obter os resultados pretendidos. No que diz respeito ao acompanhamento, este projeto não teria tido o mesmo desenvolvimento se não tivesse a participação e colaboração do orientador. O acompanhamento dado e a disponibilidade em esclarecer as nossas dúvidas foram preponderantes para o correto desenvolvimento do Projeto.

4.3 Atividades desenvolvidas e materiais produzidos

Atividades desenvolvidas (Nome e data)	Materiais produzidos	Objetivos Gerais
Observação (24.09.12)		Observar e recolher dados
Observação (25.09.12)		Observar e recolher dados
Observação (01.10.12)		Observar e recolher dados
“A almofada amiga” (02.10.12)	Almofada em feltro	➤ Promover o diálogo ➤ Desenvolver a comunicação ➤ Incentivar ao afeto e à partilha
Teatro de fantoches: “Os animais” (08.10.12)	Fantoches (a vaca e o porco)	➤ Promover o gosto pelas histórias ➤ Incentivar o brincar ao faz de conta
“Decoração da almofada amiga” (09.10.12)		➤ Desenvolver a motricidade fina ➤ Explorar a criatividade ➤ Fomentar o gosto pela expressão plástica
“O quadro de presenças” (15.10.12)	Carro e papagaio em papel de cenário	➤ Desenvolver a comunicação ➤ Promover o desenvolvimento do sentido de si próprio ➤ Fomentar o desenvolvimento do comportamento social ➤ Favorecer a autonomia
“A nossa casinha” (16.10.12)		➤ Promover o sentido de cooperação ➤ Fomentar o gosto pelas artes plásticas ➤ Desenvolver a oralidade ➤ Desenvolver o espírito crítico
“Lengalenga do outono” (22.10.12)	Cartolina com a lengalenga escrita e com imagens	➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Desenvolver a comunicação ➤ Conhecer características do outono ➤ Fomentar o gosto pelas lengalengas
Saída a Serralves “Festejar o		➤ Promover o desenvolvimento da curiosidade e desejo de saber ➤ Promover o desenvolvimento da

outono” (23.10.12)		descoberta do meio natural ➤ Despertar o gosto pela natureza ➤ Desenvolver a autonomia ➤ Fomentar o conhecimento dos espaços comunitários do meio envolvente
História “ A bruxinha que voava numa escova de dentes” (29.10.12)		➤ Desenvolver a linguagem oral ➤ Promover o desenvolvimento da autoestima ➤ Fomentar o gosto pela leitura ➤ Promover o desenvolvimento de hábitos de ordem e organização pessoal ➤ Promover o desenvolvimento da imaginação e da criatividade
História “A Felicidade das Borboletas” (30.10.12)		➤ Desenvolver a comunicação ➤ Desenvolver a linguagem ➤ Fomentar os afetos, aprender a lidar com as emoções; ➤ Incentivar o desenvolvimento de hábitos de ordem e organização pessoal ➤ Promover o desenvolvimento da socialização ➤ Estimular o desenvolvimento da autoestima
História “Quando me sinto... Triste” (5.11.12)		➤ Desenvolver a comunicação ➤ Desenvolver a linguagem ➤ Fomentar os afetos, aprender a lidar com as emoções; ➤ Incentivar o desenvolvimento de hábitos de ordem e organização pessoal ➤ Promover o desenvolvimento da socialização ➤ Estimular o desenvolvimento da autoestima
Música “No meu bolso guardei...” (6.11.12)		➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Desenvolver a comunicação

		➤ Fomentar o gosto pela música
Saída à Biblioteca de Matosinhos “Conhecer a Bébéteca/ouvir uma história” (12.11.12)		➤ Promover o desenvolvimento da curiosidade e desejo de saber ➤ Fomentar o conhecimento dos espaços comunitários do meio envolvente ➤ Promover o gosto pela leitura
História “Quando me sinto...Zangado” (13.11.12)		➤ Desenvolver a comunicação ➤ Desenvolver a linguagem ➤ Fomentar os afetos, aprender a lidar com as emoções;
Jogo “Caixa Surpresa” (19.11.12)	Caixas de cartão decoradas	➤ Desenvolver a comunicação ➤ Desenvolver a linguagem ➤ Fomentar os afetos, aprender a lidar com as emoções.
Quadro “Sinto-me” (20.11.12)	Coração em papel de cenário	➤ Desenvolver a comunicação ➤ Desenvolver a linguagem ➤ Fomentar os afetos, aprender a lidar com as emoções; ➤ Estimular o desenvolvimento da autoestima
História “João tímido” (26.11.12)		➤ Desenvolver a comunicação ➤ Desenvolver a linguagem ➤ Fomentar os afetos, aprender a lidar com as emoções; ➤ Estimular o desenvolvimento da autoestima
Expressão Plástica “Introdução ao Natal” (27.11.12)		➤ Promover o desenvolvimento da curiosidade e desejo de saber ➤ Despertar o gosto pela natureza ➤ Fomentar o conhecimento dos espaços comunitários do meio envolvente
Jogo “Cubo das emoções” (3.12.12)	Cubo em cartão com imagens das emoções	➤ Promover o desenvolvimento da expressividade ➤ Promover o desenvolvimento da linguagem verbal e não-verbal ➤ Fomentar os afetos, aprender a lidar com as emoções

Expressão Plástica “A prenda de Natal” (4.12.13)		➤ Fomentar o desenvolvimento da criatividade e imaginação; ➤ Promover o desenvolvimento de experiências sensoriomotoras; ➤ Incentivar a descoberta de técnicas e materiais; ➤ Incitar a preservação e o cuidado com os materiais
“O que dizem as imagens” (10.12.12)		➤ Promover a utilização de diferente vocabulário ➤ Desenvolver a linguagem ➤ Incentivar o raciocínio lógico
Música “A todos um bom Natal...” (11.12.12)		➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Fomentar o gosto pela música ➤ Compreender histórias simples, lengalengas, poesias, músicas etc.;
“Medir/Pesar” (7.01.13)		➤ Incentivar o raciocínio lógico ➤ Fomentar a descoberta de propriedades físicas ➤ Promover o desenvolvimento da noção de grandeza e medida
Jogo “Quantos legos temos?” (8.01.13)		➤ Incentivar o raciocínio lógico ➤ Promover a atenção ➤ Fomentar a observação de propriedades físicas
Expressão Plástica “A árvore do inverno” (14.01.13)		➤ Explorar a criatividade ➤ Fomentar o gosto pela expressão plástica ➤ Promover o desenvolvimento da coordenação óculo-manual
Jogo “As quatro estações” (15.01.13)		➤ Identificar características das 4 estações ➤ Promover o diálogo e a participação
“O saco surpresa” (4.03.13)	Saco em tecido amarelo	➤ Estimular o sentido da visão ➤ Conhecer e Identificar a cor amarela
		➤ Reforçar o reconhecimento e identificação da cor amarela ➤ Promover o

Culinária “Os biscoitos de limão” (5.03.13)	Cartolina com a receita	desenvolvimento do raciocínio lógico ➤ Estimular o sentido do tato, do olfato e do paladar
“Lengalenga da cor amarela” (6.03.13)	Cartolina com a lengalenga	➤ Identificar e reconhecer a cor amarela ➤ Fomentar o gosto pelas lengalengas ➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral
Expressão Plástica “A prenda do dia do Pai” (11.03.13)		➤ Fomentar o desenvolvimento da criatividade e imaginação; ➤ Promover o desenvolvimento de experiências sensoriomotoras; ➤ Incentivar a descoberta de técnicas e materiais;
Jogo “Caça às cores” (12.03.13)		➤ Identificar e nomear as cores primárias
Jogo “Vamos corresponder a cor da mola à cor que vemos no cartão” (13.03.13)	Jogo da correspondência	➤ Conhecer as cores primárias ➤ Corresponder cor e objeto
História “O Senhor Ano e as 4 Estações” (18.03.13)	Livro impresso	➤ Desenvolver a comunicação/linguagem ➤ Identificar características das 4 estações ➤ Reconhecer a cor verde
Expressão Plástica “A cor verde” (19.03.13)		➤ Explorar a criatividade ➤ Fomentar o gosto pela expressão plástica ➤ Identificar a cor verde
Jogo “Puzzle do Sapo e do Crocodilo” (20.03.13)	Puzzle duplo	➤ Identificar a cor verde ➤ Desenvolver o raciocínio
Jogo “Vamos corresponder a cor da mola à cor que vemos no cartão” (25.03.13)	Jogo	➤ Identificar as cores (amarelo; azul; verde; vermelho) ➤ Corresponder cor e objeto
“Lengalenga da cor verde” (27.03.13)	Cartolina com a lengalenga	➤ Identificar e reconhecer a cor verde ➤ Fomentar o gosto pelas lengalengas ➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral
Expressão Plástica “Flores da Primavera” (2.04.13)		➤ Explorar a criatividade ➤ Fomentar o gosto pela expressão plástica ➤ Identificar características da Primavera
História “O meu corpo”		➤ Desenvolver a comunicação/linguagem ➤ Identificar o corpo

(3.04.13)		➤ humano ➤ Reconhecer as partes do corpo humano
“Lengalenga da Primavera” (5.04.13)	Cartolina com a lengalenga e imagens	➤ Identificar e reconhecer as estações do ano ➤ Fomentar o gosto pelas lengalengas ➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral
Expressão Plástica “O corpo humano” (8.04.13)	Silhueta do corpo em papel de cenário	➤ Desenvolver a comunicação/linguagem ➤ Promover o desenvolvimento da descoberta de si mesmo – o seu corpo ➤ Reconhecer as partes do corpo humano
“Jogo de Palavras” (9.04.13)	Cartões com partes do corpo	➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Fomentar a concentração ➤ Compreender histórias simples, lengalengas, poesias, músicas etc.
Lengalenga: “Os dedos” (10.04.13)		➤ Identificar as diferentes partes do corpo humano ➤ Fomentar o gosto pelas lengalengas ➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral
”Puzzle do corpo” (16.04.13)	Puzzle	➤ Identificar o corpo ➤ Desenvolver o raciocínio ➤ Nomear as partes do corpo
Música “As partes do corpo” (17.04.13)		➤ Promover o desenvolvimento do esquema corporal ➤ Fomentar o desenvolvimento da atenção ➤ Promover o desenvolvimento do sentido de audição ➤ Identificar as partes do corpo
Expressão Plástica “Mobília para o consultório médico” (22.04.13)	Móveis em cartão	➤ Explorar a criatividade ➤ Fomentar o gosto pela Expressão Plástica ➤ Envolver o grupo na construção da área do Consultório Médico
Dramatização “A médica perdeu os seus utensílios” (23.04.13)		➤ Fomentar o desenvolvimento da criatividade e imaginação ➤ Promover o desenvolvimento do jogo dramático

		➤ Estimular o desenvolvimento da linguagem oral
Lengalenga: “Mão esquerda e mão direita” (24.04.13)	Pulseiras com Flores em feltro	➤ Despertar o gosto por lengalengas ➤ Desenvolver a lateralidade ➤ Promover o desenvolvimento da linguagem oral
História “João e os 5 sentidos” (29.04.13)	Livro impresso	➤ Desenvolver a comunicação/linguagem ➤ Identificar os órgãos dos sentidos ➤ Reconhecer os 5 sentidos
Lengalenga “Os 5 sentidos” (30.04.13)	Cartolina com a lengalenga e imagens	➤ Despertar o gosto por lengalengas ➤ Promover o desenvolvimento da linguagem oral ➤ Identificar os 5 sentidos
“Jogo de Palavras” (30.04.13)	Cartões com as partes do corpo	➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Fomentar a concentração ➤ Compreender histórias simples, lengalengas, poesias, músicas etc.
Jogo sensorial “O nosso Corpo” (2.05.13)		➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Compreender a importância da visão e do tato ➤ Reconhecer o sentido da visão e do tato
Culinária “Os biscoitos de limão” (6.05.13)		➤ Estimular o sentido do tato, do olfato e do paladar ➤ Promover o gosto pela culinária ➤ Identificar as funções dos órgãos dos sentidos
Jogo “Caça ao Tesouro” (7.05.13)		➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Fomentar a concentração ➤ Compreender histórias simples, lengalengas, poesias, músicas etc.
Lengalenga “Os 5 sentidos” (8.05.13)	Cartolina com a lengalenga e imagens	➤ Despertar o gosto por lengalengas ➤ Promover o desenvolvimento da linguagem oral ➤ Identificar os 5 sentidos
		➤ Promover o

Jogo “O Loto” (13.05.13)	Jogo	desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Fomentar a concentração ➤ Compreender palavras simples
“Jogo de Palavras” (14.05.13)	Cartões com as partes do corpo	➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Fomentar a concentração ➤ Compreender histórias simples, lengalengas, poesias, músicas etc.
Música “Eu mexo um dedo diguí...” (15.05.13)		➤ Promover o desenvolvimento do esquema corporal ➤ Fomentar o desenvolvimento da atenção ➤ Promover o desenvolvimento do sentido de audição ➤ Identificar as partes do corpo
Jogo sensorial “Vamos provar e cheirar” (20.05.13)		➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Compreender a importância dos 5 sentidos ➤ Reconhecer os órgãos dos sentidos
Dramatização “A consulta” (21.05.13)		➤ Fomentar o desenvolvimento da criatividade e imaginação ➤ Promover o desenvolvimento do jogo dramático ➤ Estimular o desenvolvimento da linguagem oral
Lengalenga “Mão esquerda e mão direita” (22.05.13)	Pulseiras com Flores em feltro	➤ Despertar o gosto por lengalengas ➤ Desenvolver a lateralidade ➤ Promover o desenvolvimento da linguagem oral
Jogo “Vamos associar a quantidade ao algarismo” (27.05.13)	Cartões com algarismos	➤ Promover o desenvolvimento da linguagem Oral ➤ Fomentar a concentração ➤ Desenvolver o pensamento lógico e o raciocínio ➤ Desenvolver a capacidade de utilizar linguagem matemática
Jogo “Conhecemos as letras”	Imagens de objetos com as	➤ Promover o desenvolvimento da linguagem oral

(28.05.13)	letras	➤ Identificar as letras “A”, “D” e “F” ➤ Desenvolver a capacidade de concentração
“Vamos explorar instrumentos musicais” (29.05.13)		➤ Fomentar o desenvolvimento da atenção ➤ Promover o desenvolvimento do sentido de audição ➤ Despertar o gosto pela música e instrumentos musicais
Expressão Plástica “Registo gráfico” (30.05.13)		➤ Promover o desenvolvimento de experiências sensoriomotoras ➤ Fomentar a descoberta de técnicas e materiais ➤ Desenvolver a criatividade e da imaginação
Dramatização “O palhaço trapalhão” (3.06.13)		➤ Fomentar o desenvolvimento da criatividade e imaginação ➤ Promover o desenvolvimento do jogo dramático

Nota: As atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto de Investigação têm o fundo cinzento

Análise de dados

Esta fase pressupõe o cruzamento de toda a informação que encontramos ao longo do projeto de investigação. É nossa convicção que devemos analisar cuidadosamente cada atividade desenvolvida e a reação do grupo perante a mesma. Para isso utilizaremos o Diário de Bordo, alguma informação que achemos pertinente do portefólio da prática pedagógica, bem como uma grelha de observação elaborada. A análise detalhada remeter-se-á às atividades que foram desenvolvidas para o projeto e que se encontram a cinzento na tabela anterior.

A primeira atividade que desenvolvemos foi de Expressão Plástica, domínio forte do grupo. Os objetivos eram não só envolver o grupo e cativá-lo como também perceber o modo como este identificava e nomeava as partes do corpo. A atividade correu muito bem. O material estava pronto, era o suficiente e adequado ao grupo. As crianças gostaram muito de se deitar no papel de cenário e de contornarmos o seu corpo. Em grande grupo, nem todos responderam aos objetivos. Trocaram o ombro com o cotovelo e

não respondiam. No entanto, uma a uma foram capazes de nomear e identificar as partes da sua silhueta.

Seguimos com um jogo, norteados pela vontade de perceber se a ideia que tínhamos do grupo correspondia à realidade. Consideramos que aquele tem pouco poder de concentração. Porém, sabíamos que era a primeira vez que fazia um jogo com aqueles objetivos, por isso podia não decorrer como desejado. Os objetivos eram promover o desenvolvimento da linguagem oral, fomentar a concentração, compreender histórias simples, lengalengas, poesias, músicas etc. Começamos por mostrar ao grupo as imagens e pedir que as identificassem. As imagens eram partes do corpo humano já abordadas na atividade anterior, a mão, o pé, a perna, o braço, a barriga, a cabeça, o ombro, o cotovelo e o joelho, sendo estas três últimas aquelas em que o grupo evidenciou maior dificuldade. De seguida, distribuímos uma imagem a cada aluno e explicamos que íamos cantar uma música que já todos conheciam e que quando cada um ouvisse a palavra correspondente à imagem que lhe tinha sido distribuída, a devia levantar. Começamos a jogar. Ao apercebermo-nos que não estava a resultar, mudamos o recurso e resolvemos substituir a música pela enunciação das palavras. Ainda assim, não funcionou. Resolvemos não continuar. O grupo não estava concentrado e não (co)respondeu aos objetivos do jogo. Fizemos uma breve pausa e conversamos com eles, voltando a explicar e a identificar as imagens e, depois, tentamos novamente. Porém, continuou a não resultar. Ou levantavam todos a imagem ou não levantava ninguém. Para cumprirmos os objetivos delineados, optamos então por uma outra abordagem, dizer apenas a palavra isolada, sem que o resultado fosse mais positivo. Pudemos concluir que este jogo ou estratégia nos permitiu fazer o diagnóstico, necessitando apenas de um trabalho sistemático neste tipo de processo de operacionalização que permita, também, promover o respeito pelo outro.

Consideramos que o uso de lengalengas e o recurso a histórias seriam uma boa estratégia para cativar o grupo, visto que iam de encontro aos seus gostos. Desta forma, poderíamos trabalhar a concentração e a capacidade auditiva. Continuamos a nossa investigação-ação, desta vez ensinamos uma lengalenga. A lengalenga dos dedos foi um sucesso. Não utilizamos outros recursos senão a mímica, pois a lengalenga era grande e achamos que não era relevante recorrer a outras estratégias. O grupo, em geral, mostrou-se interessado, ainda que alguns estivessem desatentos. Apesar deste constrangimento, os objetivos foram alcançados. As crianças, ainda que com ajuda, aprenderam a lengalenga. O grupo manifestou gosto pela atividade e repetiu-a. Uma criança foi inclusive capaz de a dizer toda sem qualquer auxílio.

No seguimento do projeto, convidamos uma mãe (médica) para participar numa atividade. O grupo adorou a mala do médico bem como os utensílios nela contidos. Ficou fascinado por poder ouvir o coração dos amigos com o estetoscópio. Não estiveram muito participativos enquanto a mãe da criança contava a história mas pensamos que tal se deveu ao facto dela falar um pouco baixo e depressa. Os objetivos foram atingidos, as crianças conhecerem os utensílios do médico e perceberam que este existe para nos ajudar quando estamos doentes. No final, e vendo o entusiasmo deles, voltamos a falar do consultório médico e o grupo falou sobre o que gostava de ter nessa área. Foi participativo e soube dizer o que queria para o consultório.

No decorrer da prática fomos nos apercebendo que o grupo poderia evoluir significativamente, se devidamente motivado. Tínhamos elaborado um *puzzle* com a fotografia de cada criança e mostramo-lo ao grupo que o soube identificar, bem como nomear as partes do corpo humano. Exploraram o *puzzle* individualmente, durante alguns minutos, sem ajuda. No entanto, posteriormente, algumas crianças solicitaram a nossa ajuda. Todas foram capazes de construir o seu *puzzle*, embora algumas tenham necessitado de um auxílio maior. Os objetivos foram cumpridos, as crianças souberam nomear as partes do corpo, reconheceram o seu *puzzle* e as peças. Com o avançar da investigação fomos aprimorando as atividades no sentido de fazer com que o grupo fosse desenvolvendo a capacidade de concentração e audição. A atividade que tínhamos planeado consistia em ensinar uma música cujos objetivos se prendiam com reconhecer e nomear as partes do corpo humano, promover o desenvolvimento do esquema corporal e fomentar o desenvolvimento da atenção/sentido de audição. As crianças apreciaram a música e mostraram-se empenhadas em realizar a mímica da mesma. Algumas tiveram dificuldade no esquema corporal porque a música é rápida; no entanto, todas o fizeram, ainda que fora de tempo. Não cantaram enquanto dançavam.

Todas as atividades desenvolvidas tinham como objetivo principal o desenvolvimento da linguagem verbal com o intuito de aumentar e enriquecer o vocabulário do grupo. No entanto, poderá ser mais explícito numas atividades do que em outras. A atividade de Expressão Plástica tinha como objetivo pintar a mobília da área do consultório médico e envolver o grupo na sua elaboração. Uma das crianças empenhou-se imenso na pintura e foi preciso perguntar se ela não queria ir dar uma corrida com os amigos. Também outras demonstraram gosto e prazer pela pintura. As mais novas e uma das mais distraídas, pintaram durante pouco tempo, queriam brincar e correr no jardim. Todas foram capazes de identificar e nomear a mobília que pintaram.

Tentamos diversificar a abordagem à linguagem oral e por isso fomos versando diferentes domínios. Desta vez, consideramos que uma dramatização poderia ser uma excelente estratégia, o que veio a verificar-se. Tínhamos preparado uma atividade de dramatização. A Dr.^a Isabel entrou na sala, vestia uma bata branca, tinha um estetoscópio, usava óculos e trazia uma mala vazia. Apresentou-se e pediu às crianças que o fizessem também. Inicialmente, ficaram muito espantados mas depois deixaram-se envolver no teatro e participaram entusiasticamente. A médica pediu a ajuda das crianças para encontrar os seus utensílios e elas fizeram-no com enorme agrado. À medida que iam encontrando os objetos, colocavam-nos na mala que estava aberta em cima da mesa. Enquanto procuravam, iam dizendo o nome do objeto encontrado. No final, pedimos que se sentassem e estivemos a identificar os objetos da mala da médica. Todos foram capazes de nomear os utensílios. Esta atividade está inserida no Projeto do Corpo Humano, na área do consultório médico. Embora não estivesse planificado, foi raro o dia em que não contamos uma história, pois percebemos o enorme prazer que o grupo tem em ouvi-las e, dessa forma, também trabalhamos para os nossos objetivos. Contamos a história *Adivinha o quanto eu gosto de ti*, o grupo não se mostrou muito interessado. Ninguém pediu para repetirmos e, questionados sobre a mesma, referiram apenas que falava de dois coelhos. Entendemos que a história não pode ser abstrata, no sentido em que abordava conceitos que o grupo ainda não domina. Neste caso em concreto, falava de sentimentos e emoções, algo que não é palpável. Daí a falta de empenho do grupo.

Durante a nossa investigação, pudemos também acompanhar o grupo em atividades extra como é o caso da aula de música. Foi extremamente rico e útil, pois conhecemos as estratégias de outro profissional de educação. Nesta aula, o grupo continuou a trabalhar uma canção que já conhecia. Cada frase está associada a uma imagem que as crianças já conhecem. Começava com uma fotografia com flores, esta correspondia à frase “flores a nascer”, a seguinte era a imagem de um pássaro e a frase era “o pássaro a cantar” e, por último, uma imagem do dia, esta corresponde a “os dias a crescer “. No fim, diziam “de que estamos a falar”. O grupo devia repetir o que dizia a professora; no entanto, poucas revelaram vontade de o fazer. Algumas crianças fizeram-no mas o restante grupo estava calado e irrequieto. A professora conversou com o grupo e questionou-o sobre aquele comportamento, mas nem nesse momento a ouviram. Como estratégia, colocou a música e disse que desta vez deveríamos cantar e dançar ao mesmo tempo. Ainda assim, não cantaram. A professora teve alguma dificuldade em dar a aula

porque as crianças não estavam realmente nada interessadas, não faziam nada do que ela lhes sugeria. No final, decidi acrescentar ao dançar e cantar, alguns instrumentos. Só nesta altura é que o grupo correspondeu aos objetivos. As crianças lembraram-se de um livro que a professora tinha levado na última aula e pediram para ela contar a história outra vez, ao que a mesma assentiu. O livro falava de animais que tocavam instrumentos e cada página tinha um botão que, ao carregar, produzia o som do instrumento referido nessa mesma página. O grupo adorou o livro, no final da história todas as crianças quiseram tocar nos botões. Gerou-se alguma confusão e a professora decidiu guardá-lo. Com esta experiência, concluímos que é realmente importante dominar o grupo e impor-lhe algumas regras, pois só assim ele poderá progredir nas suas aprendizagens.

A atividade que se seguiu era a história *João e os 5 sentidos*. O grupo ouviu-a com atenção para posteriormente ajudar a recontá-la. O objetivo era levá-las a identificar os cinco sentidos. Auxiliamos e incentivamos a participação do grupo, colocando algumas questões associadas aos gestos. O grupo gostou da história e percebeu os novos conceitos. No entanto, consideramos que quando pedimos que recontassem a história e falassem sobre a função dos órgãos dos sentidos, elas dispersaram. De um modo geral, o grupo é capaz de relatar e recriar histórias e experiências; contudo, o empenho e a concentração são fundamentais. Consideramos pertinente realizar um jogo que evidenciasse esta concentração e por isso, para esta atividade, decidimos contar uma história sem o recurso a um livro. Este tinha como objetivos desenvolver a concentração, a capacidade auditiva e o reconhecer/identificar palavras na história. O grupo gostou imenso e o facto de não levarmos um livro fez com que ele estivesse muito atento a olhar para nós e a ouvir o que dizíamos. Tão atento que, quando mencionávamos o nome do objeto que cada um tinha na mão, ele nem se lembrou de o mostrar. O jogo correu muito bem, embora os objetivos não tenham sido alcançados na totalidade. Apenas duas das crianças atingiram a totalidade dos objetivos – associar o vocabulário e estimular o sentido da audição, bem como a concentração. Todavia, consideramos que a evolução do grupo no que diz respeito à concentração começa a ser notória. Prosseguimos com o *Jogo do Tato*, delineado com os objetivos de promover o desenvolvimento da linguagem oral, levar a compreender a importância da visão e do tato, bem como a reconhecer estes mesmos sentidos. Todas foram capazes de nomear os órgãos dos sentidos através do tato. Só duas crianças é que descobriram pelo tato quem era o amigo. No entanto, temos consciência de que era uma atividade difícil para esta idade. Como não conseguiram identificar o amigo,

como estratégia alternativa, usamos o sentido da audição. Todas reconheceram a voz do amigo.

A sessão de culinária correu muito bem. O grupo estava muito empenhado na confeção dos biscoitos para o Dia da Mãe. Conseguiu reconhecer os sentidos usados assim que os despertamos para isso. Gostaram muito do cheiro da canela e do limão. Os objetivos foram conseguidos. Identificaram os sentidos à medida que os usavam e que os questionamos. Contudo, nem todo o grupo foi capaz de utilizar o vocabulário novo. Duas crianças fizeram apenas os gestos. Apenas uma usou o vocabulário aprendido, utilizando a palavra paladar quando apontamos para a língua. Ou seja, confirmamos a dificuldade do grupo em usar palavras que aprendeu recentemente. O resto do grupo, quando questionado sobre para que servem os órgãos dos sentidos, responderam “Para cheirar, ouvir, ver, comer”. Nenhuma criança foi capaz de identificar ou nomear o sentido do tato.

Para trabalhar o sentido da audição e a concentração, fomos usando estratégias em diversos momentos do dia. Para iniciar uma atividade, lembramos que se deviam sentar numa roda no meio da sala. Deixamos que o grupo fosse autónomo para perceber quem é que tinha ouvido com atenção o que pedimos. Três crianças foram brincar, já o resto do grupo percebeu o pedido e estava sentado de pernas cruzadas. Aos distraídos, foi preciso lembrar que não era para brincar mas para sentar ao lado dos amigos. O objetivo do jogo desse dia era que as crianças procurassem um objeto na sala que tinha uma fita cinzenta; quando cada criança tivesse um, devia sentar-se. Os objetos eram dois bonecos, um menino e uma menina, uma bola azul, um termómetro azul, um penso castanho, um copo amarelo, um livro com uma bailarina, uma torrada e uma torre de legos amarelos. O grupo percebeu que só devia encontrar um objeto. Quando todos o tinham, pedimos que o descrevessem. Apenas uma criança não soube identificar o objeto encontrado. Quando todas as crianças tinham identificado o objeto, contamos uma história. Pretendíamos que com esta atividade as crianças fossem capazes de associar o vocabulário, associar a palavra ao objeto e de compreender histórias simples. Quatro das crianças compreenderam o jogo e atingiram os objetivos. Pediram que contássemos a história novamente. Estavam todos muito motivados e adoraram a atividade. Com este jogo pudemos constatar que a nossa ação tem desenvolvido certas competências no grupo.

Prosseguimos com uma lengalenga. O grupo estava agitado e para os acalmar sugerimos que dissessem a lengalenga do silêncio. Todas as crianças a conhecem e sabem

que significa ficar calado e ouvir com atenção. Começamos por perguntar se recordavam quais os órgãos dos cinco sentidos. Duas crianças responderam afirmativamente com prontidão. Mostramos a lengalenga dos cinco sentidos, numa versão escrita e com imagens a substituir as palavras referentes aos órgãos dos sentidos. Todas as crianças foram capazes de identificar as imagens, mas uma delas teve alguma dificuldade em reconhecer a imagem referente ao ouvido. A lengalenga tinha duas palavras novas “apalpar” e “escutar”. Todas as crianças perceberam o significado destas palavras e souberam repeti-las. Depois, cada criança leu individualmente a lengalenga. A complexidade fez-se notar nas crianças com mais dificuldade na linguagem oral. O grupo mostrou-se motivado e empenhado na leitura da lengalenga.

Com o aproximar do fim da nossa investigação- ação consideramos importante desenvolver um jogo que pudesse avaliar competências que fomos trabalhando ao longo da nossa intervenção. Elaboramos um jogo com o objetivo de promover o desenvolvimento da linguagem oral, fomentar a concentração e compreender palavras simples (vocabulário aprendido recentemente). Embora só estivessem cinco crianças nesse dia, as presentes gostaram do jogo e mostraram-se empenhadas. O jogo tinha imagens de palavras que o grupo aprendeu no último mês, tais como consultório médico, sapo verde, balão azul, círculo amarelo, quadrado azul, etc. Colocámos também uma imagem nova, a ambulância. O grupo aprendeu-a com facilidade. Ao realizarmos o jogo, constatamos que duas crianças não reconheceram os números e três identificaram todas as imagens, associando-as às palavras que dizíamos.

Decidimos que seria concernente repetir o *Jogo da Concentração* que tínhamos feito no início da intervenção e em que apenas uma criança tinha correspondido aos objetivos. Tinha sido nosso propósito promover o desenvolvimento da linguagem oral, fomentar a concentração e levar a compreender histórias simples, lengalengas, poesias, músicas, etc. Desta vez, o grupo mostrou-se mais motivado e empenhado ainda que das cinco crianças presentes só três tenham conseguido associar a palavra à imagem. Porém, o facto de estarem poucas fez com que estivessem mais concentradas e tenham feito logo o que lhes foi solicitado. Distribuímos as imagens do corpo humano e pedimos às crianças que identificassem a imagem que tinham na mão. Todas o fizeram. Começamos com a música das partes do corpo, mas o grupo entusiasmou-se tanto com a música que se esquecia de associar as palavras e de levantar as imagens. Pareceu-nos pertinente tentar novamente, só que desta vez optamos por contar uma história com as partes do corpo.

Funcionou muito melhor, das cinco crianças, três associaram a palavra à imagem e levantaram-na quando a ouviram. Concluímos que a capacidade de concentração e auditiva são determinantes para o sucesso das aprendizagens e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da linguagem e enriquecimento do vocabulário.

No último dia de intervenção decidimos não realizar a atividade planificada porque a aula de música se prolongou e consideramos importante que o grupo tivesse tempo para brincar. No entanto, contornamos a situação e trabalhamos o que pretendíamos em momentos de atividades livres. Começamos por ler uma história *As aventuras do Pokoyo: Que divertido é reciclar!* O grupo ouviu atentamente e participou quando questionado. Ouviu algumas palavras novas e perguntou o seu significado, “coisas velhas” e “reciclar”. Explicamos o significado, dando exemplos para facilitar a compreensão. O grupo mostrou ter percebido e foi capaz de as pronunciar corretamente. Uma criança revelou dificuldade com o “r”, ou seja diz, “plato” e “lecicla”. Numa brincadeira com legos, duas crianças faziam de conta que tinham uma quinta e brincavam com os animais. Durante o jogo iam enunciando os nomes dos animais e a sua maneira de falar. Mostraram capacidade de diálogo, ouvindo o que cada uma dizia.

V. Reflexão Crítica

A linguagem é um meio de comunicação e faz parte da vida de qualquer ser humano. Já tivemos oportunidade de mencionar que através dela transmitimos os nossos desejos e vontades. Durante o período de tempo em que estivemos inseridos na vida do grupo em estudo, pudemos constatar que nesta faixa etária são inúmeros os modos que as crianças utilizam para transmitir aquilo que desejam.

Como nem sempre conseguem exprimir-se através das palavras (competência linguística), os gestos complementam esta lacuna (competência estratégica). Observamos que as conversas entre pares, na esmagadora maioria, se resumem a monólogos.

Um outro aspeto relevante é o facto de o egocentrismo ser uma característica muito presente desta faixa etária, o que se manifesta na sua comunicação. É comum perceber que elas, muitas vezes, nem sequer ouvem o que lhes dizem os amigos, estão centradas em si mesmas, nas suas ideias e convicções.

Ao apercebermo-nos desta realidade, foi nossa pretensão incidirmos a nossa intervenção no objetivo de conseguirmos que o grupo fosse capaz de estar sentado a ouvir o outro. Proporcionamos conversas na manta que promovessem o desenvolvimento da linguagem oral e simultaneamente fomentassem o poder de concentração e a capacidade auditiva.

Detetamos, então, que algumas crianças, enquanto contavam algo que lhes dizia respeito, estavam profundamente concentradas. Porém, quando deviam ouvir os outros, dispersavam, não mostravam qualquer interesse. As atividades que desenvolvemos foram por isso neste sentido. Quisemos mostrar ao grupo que devemos respeitar o próximo e que é de extrema importância saber ouvir. Aproveitamos algumas situações de jogo para desenvolver esta capacidade e para demonstrar a sua relevância.

Nesta fase as crianças gostam de mostrar que sabem e querem ser sempre elas a falar. Com situações da rotina diária fizemos com que elas se apercebessem que se não ouvem o que se passa à sua volta podem posteriormente não conseguir responder.

No decorrer da nossa prática, detetamos um enorme gosto e prazer do grupo por histórias e lengalengas. Consideramos de importância basilar partir dos interesses das crianças para que as aprendizagens se tornassem significativas, pois ir de encontro aos gostos do grupo facilitaria o desenvolver das competências que tínhamos delimitado. Observamos que o grupo, quando ouvia uma história, ficava muito sossegado e atento.

Era rara a vez que a terminávamos e que aquele não pedisse que a contássemos novamente. Por vezes, utilizamos a estratégia de pedir que fossem elas a fazê-lo. No entanto, nem todas as crianças se mostravam disponíveis. Com esta vivência aferimos que a faixa etária pode ser determinante para o enriquecimento do vocabulário. A criança mais velha do grupo era aquela que estava sempre disposta a ouvir e a recontar a história. Porém, era também aquela que menos vontade tinha de ouvir os amigos. Queria ser sempre ela a responder, embora quando lhe pedíamos que deixasse os amigos falar, acatasse sem problema. Apesar disso, depressa perdia o interesse e começava a distrair os outros.

Reconstituindo o passado recente, consideramos que, segundo alguns dos critérios previstos na prática pedagógica, fomos organizados e colaboramos para o enriquecimento do ambiente educativo com especial enfoque na sala em que realizamos a nossa intervenção. Tivemos a oportunidade de enriquecer as atividades desenvolvidas com a produção de diversos materiais que promoveram a interação do grupo e facilitaram as suas aprendizagens. Organizamos o tempo de forma flexível, tendo em consideração os interesses do grupo, gerimos as situações segundo o modo que se nos afigurou como mais oportuno e sempre perspetivando o bem-estar das crianças. Consideramos igualmente ter criado condições de beleza estética, segurança e acompanhamento das crianças, contribuindo deste modo para que elas sintam a Creche como sua. Tivemos em permanente consideração a idade do grupo e desenvolvemos a nossa prática implicando as crianças no seu desenvolvimento e aprendizagens, papel que é seu de direito.

Integramo-nos na vida da Creche com o objetivo de desenvolvermos e enriquecermos a mesma, envolvendo todos os agentes da comunidade no nosso projeto. As famílias colaboraram e participaram na troca de informações fazendo parte do desenvolvimento da criança. Pretendíamos promover o crescimento do grupo tendo em conta a afetividade, a parte emocional, moral, cognitiva e social. Julgamos ter contribuído de uma forma significativa no desenvolvimento destas competências, pois em todos os momentos de rotina estes fatores foram promovidos.

Ao refletirmos sobre toda a prática, concluímos que aprendemos muito. O estar no terreno, poder observar, agir, planear e refletir permitiram-nos crescer como profissionais de educação. Só assim poderemos efetivamente melhorar a nossa prática, de forma a promover o total desenvolvimento da criança, encarada como um todo que é preciso respeitar, educar, apoiar...

À luz daquilo que fizemos e desenvolvemos na intervenção, consideramos que as regras e as rotinas têm uma enorme importância no desenvolvimento da linguagem e consequentemente no enriquecimento do vocabulário. O papel do educador é fundamental neste processo. Ele não deve de todo ser um facilitador mas antes promover a autonomia das crianças. A área da Formação Pessoal e Social deve ser trabalhada diariamente, no sentido de formarmos cidadãos capazes de saber ouvir, saber fazer e agir conscientemente dentro de uma sociedade.

Desse modo, é de extrema relevância conhecer as crianças e perceber quais as suas concepções alternativas para, posteriormente, desenvolver um bom trabalho. A educação tem como finalidade proporcionar à criança condições para que esta desenvolva competências que lhe permitam resolver os seus problemas. O papel da escola deverá desenvolver-se no sentido de articular saberes adquiridos, agir com autonomia diante de diferentes situações, desenvolver a criatividade e aprender o valor da colaboração. A escola é, sem dúvida, um agente de importância capital a quem compete favorecer a aquisição de valores e a estruturação do caráter dos indivíduos, que provocarão o perfil das gerações futuras e consequentemente o rumo da sociedade.

No entanto, como futuras Educadoras, temos a missão e o dever de estimular nas crianças o gosto pela prática de atividades onde estejam presentes o movimento dos sentidos, como um dos fatores que contribuem para o seu desenvolvimento geral, isto é, motor, físico, emocional, afetivo e psíquico.

Concluimos que na educação das crianças é fundamental criar processos de operacionalização que lhes experienciar, brincar, tocar, descobrir, pois não podemos alhear-nos de que precisam essencialmente de sentir interesse, amor e carinho por parte dos educadores, para evoluírem saudavelmente.

Finalizamos com a certeza de que foi realmente importante a realização deste projeto de investigação, pois conhecemos e construímos aquilo que podemos considerar uma base sólida, com diferentes métodos e estratégias para, no futuro, desempenhar de forma consciente e fundamentada melhor o papel de um bom educador. Ao refletirmos sobre as nossas práticas, implicamo-nos na denominada “aprendizagem ao longo da vida”, conscientes de que cada dia devemos predispor-nos a ser e a fazer melhor.

Bibliografia

Araújo, Pinto, Lopes, Nogueira e Pinto (2008). Universidade do Minho. *Estudo de caso*. Instituto de Educação e Psicologia. Mestrado em Educação Área de Especialização em Tecnologia Educativa. Consultado a 16 de Dezembro de 2012, disponível em http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf

Azevedo, M. C., Santos, R., Beineke, V., Hentschke, L. XIV Encontro Anual da ABEM. (2005). *Ética na pesquisa: considerações para a pesquisa em educação musical*. Belo Horizonte. Consultado a 9 de Dezembro de 2012, disponível em <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2005/Comunicacoes/57Maria%20Cristina%20de%20Carvalho%20Caselli%20de%20Azevedo%20et%20al..pdf>

Bell, J. (1993). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Editora Gradiva.

Bisquerra, R. (1989). *Métodos de Investigação Educativa*. Barcelona: Edições CEAC.

Boni, V., Quaresma, S.J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2 (1), 68-80. Consultado a 10 de Dezembro de 2012 disponível em <http://www.emtese.ufsc.br>.

Bouton, C. P. (1977). *O desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Moraes Editores.

Coutinho et al. (2009). *Investigação – ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas*. Psicologia, Educação e Cultura. [Versão eletrónica]. XIII (2), 355 – 380.

Coutinho, C. (2008). Universidade do Minho. *Métodos de Investigação em Educação. Investigação-ação, metodologia preferencial nas práticas educativas*. Consultado a 10 de Dezembro de 2012 disponível em http://faadsaze.com.sapo.pt/11_modelos.htm.

Freitas, G.C.M. (xxxx). *Pesquisas em Aquisição da Linguagem*. Consultado a 20 de abril de 2013, disponível em <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/pesquisa/pesquisa/artigo7.html>

Ghiglione, R., Matalon, B. (1992). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

Hérbert, M.L., Goyette, G. e Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Hohmann, M. & Weikart, D.P. (2004). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Lentin, L. (1981). *A Criança e a Linguagem Oral. Ensinar a falar: Onde? Quando? Como?* Lisboa: Livros Horizonte, LDA.

Papalia, D.E., Olds, S.W., Feldman, R.D. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw Hill.

Parot, F. (1978). *Algumas notas sobre as teorias da aquisição da linguagem: Piaget, Chomsky, Skinner*. Consultado a 27 de março de 2013, disponível em <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/1928>

Post, J., Hohmann, M. (2003). *Educação de Bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, J. S. (2003). *Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia*. Lisboa: Universidade Aberta.

Silva, S. D. (2010). *Aquisição da Linguagem*. Consultado a 2 de maio de 2013, disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/aquisicao-da-linguagem/43208/#ixzz2UcnYMklF>

Silva, J. M. (2006). *Pensamento e Linguagem em Lev Vygotsky e Jean Piaget*. Consultado a 2 de maio de 2013, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-jose-manuel-pensamento-linguagem.pdf>

Sim-Sim, I., Silva, A. C., Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta

Sprinthall, R. C. & Sprinthall, N. A. (2000). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw Hill.

Vygotsky, L.S. (1995). *Pensamento e Linguagem*. L.S. Vygotsky. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.

Zorzi, J.L. (1993). *Aquisição da Linguagem Infantil. Desenvolvimento- Alterações- Terapia*. São Paulo: Pancast Editora.

Indicadores demográficos da Freguesia de Aldoar. Consultado a 16 de maio de 2013, disponível em <http://www.imovirtual.com/viver/demografia/-/Porto/Porto/Aldoar/>

Junta de Freguesia de Aldoar – Resenha histórica. Consultado a 16 de maio de 2013, disponível em <http://www.ciberjunta.com/Aldoar/>

Apêndices

Revisão da literatura (quadro teórico)

Tema: Desenvolvimento da linguagem: o enriquecimento do vocabulário

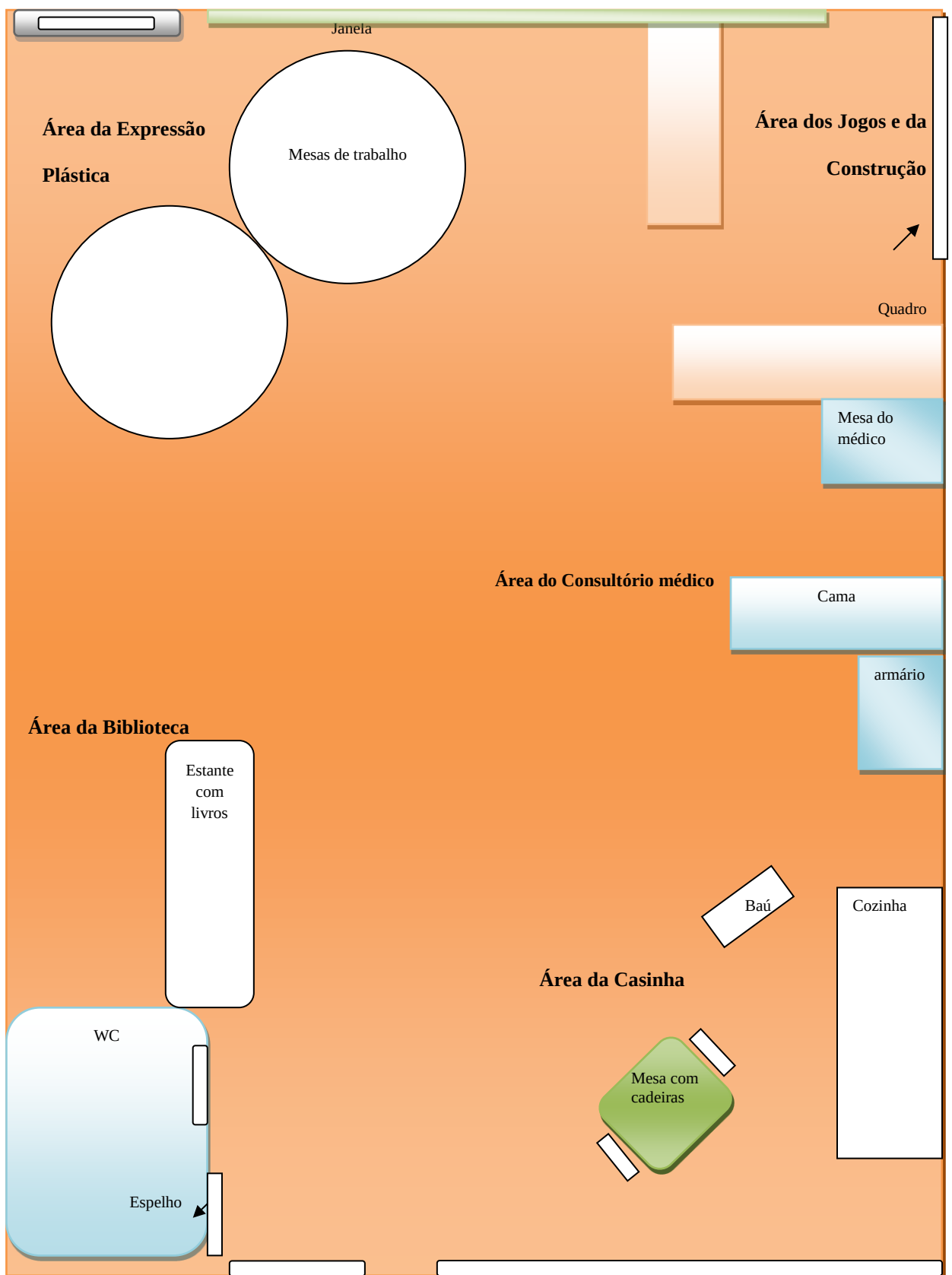
Subtópico	Autores de referência		Referência consultada	Tipo de documento
Linguagem (narrativa oral)			Págs.391-392. Narrativas orais de crianças com desenvolvimento típico de linguagem.	Artigo
Problemas na linguagem oral			Processos de identificação e sinalização de crianças.pdf(rcaap)	Dissertação de Mestrado
Linguagem (instrumento de expressão)			Págs. 86-90; 190-202;102-104 A ACTIVIDADE CRIADORA NA CRIANÇA	Livro
Linguagem oral (estímulo da aprendizagem)	Laurence Lentin		Págs.36-52 A Criança e a Linguagem Oral	Livro
Características comunicativas e linguísticas	Sylviane Rigolet		<i>Para uma Aquisição Precoce e Optimizada da Linguagem.</i> Porto: Porto Editora.	Livro
Linguagem/comunicação	Laurence Lentin	Inês Sim-Sim	<i>Desenvolvimento da Linguagem.</i> Lisboa: Universidade Aberta	Livro
Desenvolvimento/fases	Jean	Vygotsky	Avaliação do Desenvolvimento	Dissertação de Mestrado

	Piaget		social e pessoal dos 0 aos 3. Universidade de Aveiro	
Estimulação da Comunicação e Linguagem			Editora Bola de Neve	Ficheiro
Desenvolvimento da literacia			Contributos para o desenvolvimento da literacia em crianças de idade pré-escolar	Trabalho de investigação
Brincar Infantil/desenvolvimento da linguagem	Jaime Zorzi,		Aquisição da linguagem Infantil	Livro

Cronograma

Tópicos	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho
Definição da temática											
Pesquisa											
Recolha de dados											
Análise de dados											
Redação Final											

Planta da sala



DIÁRIO DE BORDO

Segunda-feira, 08 de Abril de 2013

A manhã começou com a chegada das crianças à Creche, algumas ainda ensonadas e a fazer alguma birra. Foi o caso do L., que decidiu que não queria subir as escadas. Quando chegou o T., a educadora incentivou-o a subir, perguntando quem ia chegar em primeiro lugar. Já dentro da Creche e enquanto lhe despiu o casaco, a Laura (cozinheira) passou pelo L. e elogiou-lhe o chapéu. Ele, muito zangado, respondeu-lhe que não era um chapéu mas sim um boné. Entretanto, foram chegando outras crianças e, com a bata vestida, foram brincar para a sala. Começaram imediatamente com zangas e disputa de brinquedos, situação que a educadora resolveu conversando com eles e dizendo que deviam brincar juntos e partilhar as coisas. Chegou a hora da fruta e todos se sentaram para comer. Quando todos acabaram, fizeram o comboio e descemos para a sala polivalente para fazer uma atividade relacionada com o corpo humano. Cada criança despiu a bata e tirou os sapatos e, à vez, foram-se deitando sobre o papel de cenário para desenharmos a sua silhueta. No final, pedimos que olhassem para os corpos desenhados e identificassem as diferentes partes do corpo. Em grande grupo, nem todos responderam.

A educadora iniciou hoje as “Atividades que falam”, tendo como objetivo fazer com que as crianças falem sobre o seu fim de semana. Algumas trouxeram desenhos feitos em casa, outras, os objetos com que brincaram. Um de cada vez relatou o que tinha feito. O L. contou que tinha ido à Casa da Música com a mãe e que tocou instrumentos, especificando que era uma “mónica” (harmónica) feita com uma “ragafa”. A educadora perguntou-lhe se tinha ido só com a mãe, ao que respondeu que sim, porque a irmã estava a jogar “veibol” (voleibol). Depois, foi a vez da M., que contou que tinha ido a casa do “pardinho”. A M. limitou-se a responder às perguntas da educadora, com respostas de uma só palavra. Só quando contou o que fez no domingo é que disse: “Fui à picina co pai N.”. Seguiu-se o A. que foi respondendo às perguntas da educadora: “Fui ao cabeleireira cortá o cabelo”; “almocei coquetes”. Depois, foi a vez do R. que disse ter ido ao parque com o pai, mãe e irmão T.. O F. tem muita dificuldade em falar, pois não junta duas sílabas e diz apenas ou o início ou o fim das palavras. Só é possível compreendê-lo através dos sons que imite. O D. também se limita a responder “sim” e “não”, ou responde só com uma palavra. A R. é a mais velha da sala e tem uma boa dicção. Disse que tinha feito biscoitos com a mãe. O M., o mais novo da sala, respondeu ao que lhe perguntaram sempre com uma só palavra, por exemplo, “pá”, referindo-se ao facto de ter ido brincar

com uma pá na terra. Quando chegou a vez do T., este, muito orgulhoso, declarou que tinha ido à Casa da “cisima” (música).

Durante a tarde, estivemos a desenhar a cara na silhueta. Nesta atividade, cada criança, individualmente, soube nomear e identificar as diferentes partes do corpo humano.

Terça-feira, 09 de Abril de 2013

No início da manhã estivemos a fazer um jogo versando a temática do corpo. O grupo estava disposto como num comboio. Eu colocava a mão em diferentes partes do corpo e o grupo imitava-me. Depois da hora da fruta, fomos para a sala e eu desenvolvi a atividade que tinha planeado, o jogo das palavras. Comecei por mostrar ao grupo as imagens e pedi que as identificassem. As imagens eram partes do corpo humano já abordadas na atividade anterior: a mão, o pé, a perna, o braço, a barriga, a cabeça, o ombro, o cotovelo e o joelho, sendo estas três últimas aquelas em que o grupo evidenciou maior dificuldade. De seguida, distribuí uma imagem a cada aluno e expliquei-lhes que ia cantar uma música que já conheciam e que quando cada um ouvisse a palavra correspondente à imagem que tinha, a devia levantar. Começamos a jogar. No entanto, o grupo não estava concentrado e não (co)respondeu aos objetivos do jogo. Fiz uma breve pausa e conversei com eles, voltando a explicar e a identificar as imagens e tentando novamente. Porém, continuou a não resultar. Ou levantavam todos a imagem ou não levantava ninguém. Para cumprir os objetivos delineados, optei então por uma outra abordagem, dizer apenas a palavra isolada, sem que o resultado fosse mais positivo. Pude concluir que este jogo ou estratégia me permitiu fazer o diagnóstico, necessitando apenas de um trabalho sistemático neste tipo de processo de operacionalização que permita, também, promover o respeito pelo outro.

A educadora tinha preparado uma atividade e começou a desenvolvê-la. Começou por mostrar um quadrado verde e perguntar o que era aquilo. O grupo respondeu “um quadrado”. Depois, perguntou de que cor era o quadrado e o grupo respondeu “verde”. De seguida, ensinou-se a lengalenga do quadrado. Todas as crianças repetiram as palavras ditas pela educadora. No entanto, só a R. foi capaz de repetir toda a lengalenga. Depois de ensinar a lengalenga, foi-lhes pedido que olhassem para a porta e que descobrissem um quadrado, momento que permitiu explicar-lhes a diferença entre o

quadrado e o retângulo. No final e antes da atividade de Expressão Plástica, a educadora perguntou-lhe quantos lados tem o quadrado e eles souberam responder. Metade do grupo foi pintar um quadrado com a cor verde e a outra metade brincar. Aproveitamos esse momento para terminar o trabalho do dia anterior com o D.. O objetivo era levá-lo a reconhecer e identificar as partes do corpo na sua própria silhueta e desenhar os olhos, a boca e o nariz, atividade que conseguiu realizar. Ao observarmos o grupo a pintar o quadrado, pudemos aperceber-nos que alguns ainda revelam dificuldade em preencher o espaço todo.

Terminada a atividade, chegou a hora da higiene que antecede o almoço. Quando estávamos todos prontos, o A. (menino responsável do dia) chamou um a um para formar o comboio. Durante o almoço, o grupo portou-se bem, pois já são autónomos e capazes de comer sozinhos. O M. e o D. ainda precisam de alguém ao seu lado a lembrar-lhes que têm que colocar a colher na boca.

Fizeram uma sesta de duas horas. Depois do descanso, fizeram a higiene. Neste momento, relembramos as atividades de manhã. Quando os questionamos em relação ao jogo, cada um recordava-se da imagem que tinha na mão. À tarde, dedicamo-nos à conclusão do trabalho sobre o corpo humano. Algumas crianças estiveram a colar o cabelo na cabeça da própria silhueta: o L., a R. e o R.. Esta tarefa tornou-se um pouco complicada, uma vez que a lã se colava também aos dedos das crianças e isso causava-lhes alguma aflição. Com a nossa ajuda, contornaram as dificuldades e quiseram continuar.

Quarta-feira, 10 de Abril de 2013

A manhã hoje começou com grande agitação. Em dias de aula de motricidade, tiramos os brinquedos todos da sala polivalente para termos mais espaço. As crianças quando chegam começam logo a correr pela sala e é difícil fazê-las sossegar. Só na hora da fruta é que acalmaram. Nesse momento, tocou o telefone e era a Professora de Motricidade a avisar que não podia estar presente. Decidimos ir para a sala contar a história que o F. tinha levado, *O Gato das Botas*. O grupo gosta muito de histórias e fica muito atento a ouvir. O livro tinha imagens com muita cor, aspeto que também o cativa e motiva. No final, as crianças ajudaram a recontar a história, porém com muita dificuldade. Nós iniciávamos a frase e eles diziam apenas a palavra final. Fizemos

algumas perguntas que requeriam uma resposta mais completa, ou seja, com mais do que uma palavra e o grupo não respondia. Depois da história, as crianças foram brincar, todas se dirigiram para a área da “Casinha”. Umas ficaram a brincar com as loiças, outras foram vestir roupas do “Baú das trapalhadas”. Enquanto as crianças brincavam, fomos chamando individualmente cada uma delas para terminar o trabalho do corpo humano, pois o F., a M., o A., o D., o T. e o M. ainda o não tinham concluído. O D. demonstrou uma enorme dificuldade na motricidade fina. Quando as crianças terminaram o trabalho, fizemos uma roda e ensinamos a lengalenga dos 10 dedos com auxílio da mímica. O grupo manifestou gosto pela atividade e repetiu-a, embora sempre com a nossa ajuda. Só a Rita foi capaz de a dizer toda sem qualquer auxílio. Tivemos que terminar, pois já estava na hora do almoço. Fizemos rapidamente a higiene e descemos para o refeitório. O almoço foi um pouco demorado porque a ementa era lulas e nem todas as crianças gostam. Contudo, só a M. é que se portou realmente mal, os outros demoraram mais, mas lá foram comendo. Quem foi mais rápido a terminar, ainda brincou um bocadinho, os outros foram diretamente para a sala fazer a higiene e deitar. Descansaram 2 horas.

Quando ficaram prontos, relembramos a lengalenga dos dedos e, desta vez, foram já mais participativos. Falamos com o grupo do projeto do corpo humano e perguntamos se alguma criança tem uma mãe médica. A R. respondeu apressadamente que era a mãe do M.. Perguntamos então se queriam ter uma área do consultório médico, sugestão que os deixou muito entusiasmados. Explicamos que a mãe do M. vai à Creche na segunda-feira contar uma história e mostrar alguns utensílios do médico.

Segunda-feira, 15 de abril de 2013

A manhã começou com a chegada alegre e feliz das crianças, só a M. não vinha muito alegre. Teve dificuldade em despedir-se da mãe e precisou de muito colo e mimo para se distrair. As brincadeiras começaram de imediato assim como a disputa de brinquedos. A educadora lembrou que os meninos que se portassem bem, no final do dia, recebiam um autocolante. Conversou com eles sobre a forma como se devem resolver os problemas e explicou-lhes que não devem bater nos amigos. Depois da fruta, relembramos a lengalenga dos dedos. As crianças gostaram da atividade e lembravam-se da mesma. Todas foram capazes de imitar os gestos e de dizer a lengalenga. A R. chamou os amigos para o comboio e fomos para a sala. A educadora começou a contar a história que a R. tinha levado, no entanto, não pôde terminá-la porque chegou a mãe do M..

Tínhamo-la convidado para ir à Creche contar uma história sobre uma ida ao médico e mostrar os seus utensílios de médica. O grupo estava muito entusiasmado e mostrou-se motivado com a mala de médico que a mãe levava. Todos experimentaram o estetoscópio, escolhendo o amigo de quem queriam ouvir o coração. Não participaram nem mostraram muito interesse pela história. A mãe do M. despediu-se, deixando ficar o livro e a mala para as crianças brincarem durante o dia.

Como estava um dia de sol, a educadora decidiu levar o grupo a dar uma corrida lá fora. A alegria foi imensa, não pararam de correr. Fizemos um jogo que consistia em atirar as bolas de um cesto para o chão e as crianças iam recolhendo as mesmas conforme a cor que lhes era pedida. Em seguida, fomos para a sala polivalente, a educadora pediu que se sentassem para começar a atividade em que cada criança conta o seu fim de semana. A R. contou o que fez com clareza, constrói frases com três palavras. O M. respondeu sempre com uma palavra e só às questões da educadora. O D. não fala espontaneamente, ao observar a fotografia que levou, por exemplo, limitou-se a responder às perguntas que lhe foram colocadas e apenas com palavras soltas. Seguiu-se o F. que, por não falar, torna o diálogo difícil. No entanto, questionado, respondeu à sua maneira. O A. contou aos amigos que tinha ido ao concerto da Xana Toc Toc com o pai, com a mãe e com o F.. Viu cavalos, patos e coelhos. Disse que a Xana tinha um camião grande. Chegou a vez do T. que respondeu às questões que lhe foram colocadas, mas não falou espontaneamente. Quando chegou a vez da M., ela disse de imediato que tinha saído com o pai e com a mãe, mas não soube dizer onde. A educadora questionou-a acerca do desenho e ela foi descrevendo o que tinha feito. O L. contou exatamente o que tinha feito no fim de semana, tinha ido dar comida às pombas e depois a um concerto com a mãe, pai e irmã. A educadora mostrou o desenho do R., contudo, ele não falou. Foi preciso questioná-lo e ainda assim foi sucinto, disse que brincou nas pocinhas. O R. não estava com vontade de falar, foi necessária insistência por parte da educadora para que ele dissesse mais alguma coisa. Ainda assim, limitou-se a terminar a frase iniciada pela educadora. Terminada a atividade, fizemos a higiene e depois fomos almoçar. O R. demorou muito para terminar o almoço e a M. fez uma birra grande. As crianças que terminaram o almoço depressa, ainda tiveram tempo de brincar. Fizemos uma sesta de duas horas. A R. e o R. não se portaram bem, levantaram-se da cama e estiveram a conversar quase uma hora. A educadora lembrou-os, mais do que uma vez, que os meninos que não se portassem bem não receberiam um autocolante. No entanto, eles não

pareceram preocupados. Evidentemente, na hora de acordar não queriam sair da cama. Antes de descer para lanche, a educadora conversou com o grupo e questionou-o sobre as atividades da manhã, bem como quem se teria portado bem. Todos estavam conscientes do seu comportamento e responderam com veracidade. A educadora decidiu dar autocolantes a todos os meninos, exceto à R. e ao R., que ficaram muito tristes.

Terça-feira, 16 de abril de 2013

Hoje, as crianças chegaram com mais energia do que é habitual. Começaram imediatamente com atritos e empurrões. A educadora incentivou-os a acalmarem-se, falando das atividades que íamos desenvolver ao longo da manhã e que seriam certamente do agrado das crianças. Depois da fruta, fomos para a sala e a educadora iniciou a sua atividade, introduziu a letra “A”. Fez adivinhas para que as crianças descobrissem que palavra começava pela letra “A”. O grupo não respondeu. Foi preciso mostrar as imagens para que ele as conseguisse descrever. Ainda assim, a descrição é sucinta. Foram mostradas imagens de um ananás, uma árvore, uma ameixa, da cor amarela, da cor azul, do menino chamado A., uma abelha e de um avião. A descrição das mesmas foi sucinta. Responderam que era um avião, uma abelha, um ananás, mas em nenhuma altura disseram que era um ananás amarelo. Seguiu-se uma atividade no âmbito do Projeto “O corpo humano”. Tínhamos elaborado um *puzzle* com a fotografia de cada criança e mostramo-lo ao grupo que soube identificar o *puzzle* de cada um, bem como nomear as partes do corpo humano. Exploraram o *puzzle* individualmente, durante alguns minutos, sem ajuda, no entanto, posteriormente algumas crianças solicitaram a nossa ajuda. Todas foram capazes de construir o seu *puzzle*, embora a M. e o M. tenham necessitado de um auxílio maior.

Durante a atividade de Expressão Plástica, pudemos observar que o grupo não estava concentrado nem motivado para a mesma. A forma como pegavam no instrumento de trabalho e a maneira como estavam a pintar mostravam pouca vontade de trabalhar. Quando todos tinham terminado, a educadora sugeriu ir lá para fora dar uma corrida antes do almoço. As crianças ficaram muito contentes, imediatamente se puseram aos saltos. Enquanto estávamos no recreio, a educadora tentou fazer um jogo cujo objetivo era perceber se as crianças reconheciam a letra “A” e o número “1”. O grupo não respondeu, queria correr e brincar. Rapidamente chegou a hora de fazer a higiene e ir almoçar. O

grupo portou-se bem, depressa terminou o almoço e foi brincar, só a M. e o R. ficaram no refeitório. Antes do descanso, a educadora contou a história *Ruca vai ao Jardim Zoológico*. O grupo estava muito atento e motivado. Quando a atividade terminou, algumas crianças não queriam dormir. A R. e o R. estiveram a brincar e não descansaram. Passadas as duas horas da sesta, a educadora acordou as crianças. Estavam todos prontos para ir lanchar. A educadora pediu que se sentassem e esteve a conversar com eles. Disse-lhes que estava muito triste porque hoje quase todas as crianças se tinham portado mal. Questionou-os sobre o comportamento e estes responderam conscientemente. Apenas o T. e o A. mereciam o autocolante de bom comportamento. Lancharam muito rápido e foram brincar para o recreio.

Quarta-feira, 17 de abril de 2013

Hoje, a manhã começou animada, o grupo chegou muito sorridente. Nos dias de ginástica as crianças ficam mais agitadas porque a sala polivalente está preparada para esta aula e não tem brinquedos, o que faz com que tenha mais espaço para correrem. Estiveram a correr até à hora da fruta e só nessa altura sossegaram. Entretanto, chegou a professora de ginástica que imediatamente os organizou e iniciou a aula. Colocou uma música e, em roda, todos a imitavam. O grupo estava atento e participativo, colaborando e fazendo tudo o que a professora pedia. Em seguida, fizeram um jogo cujo objetivo era desenvolver a capacidade de concentração e auditiva. A professora dizia uma cor e as crianças tinham que procurar um objeto com essa mesma cor. O grupo aderiu muito bem ao jogo, a R., o A. e o R. foram exemplares. O restante grupo, por diversas vezes, seguia ou a professora ou estes três amigos, o que revelou alguma falta de concentração da parte dos mesmos. Terminado o jogo, a professora montou um circuito para o grupo fazer. Começava com uma cambalhota, depois tinham que andar com um pé à frente do outro em cima de uma tira de fita-cola e no final passar num túnel. Na parte das cambalhotas, tanto o F. como o D. revelaram receio. No exercício de equilíbrio, apenas a R. e o A. o executaram na perfeição, o restante grupo demonstrou muita dificuldade. No túnel, todos passavam com prazer. A aula terminou com uma música calma para o grupo relaxar. A atividade que tínhamos planeado consistia em ensinar uma música, esta tinha como objetivos reconhecer e nomear as partes do corpo humano, promover o desenvolvimento do esquema corporal e fomentar o desenvolvimento da atenção/ sentido de audição. As

crianças gostaram da música e mostraram-se empenhadas em realizar a mímica da mesma. Algumas tiveram dificuldade no esquema corporal porque a música é rápida, no entanto, todas o fizeram, ainda que fora de tempo. Não cantaram enquanto dançavam. Seguiu-se a higiene e depois o almoço. O grupo portou-se muito bem, estava com apetite e foi muito rápido a terminar a refeição. Todas as crianças brincaram a seguir ao almoço.

Descansaram duas horas e hoje todos dormiram. Na hora de acordar estavam muito risonhas e cheias de energia. Depressa se vestiram e se sentaram para conversarmos sobre a manhã. Recordaram a manhã com pormenor, o A. disse que tínhamos aprendido uma música sobre o corpo humano, o T. lembrou-se que fizemos os gestos e a R. falou das cambalhotas e disse logo que se tinha portado muito bem e o R. disse que tínhamos feito um jogo com cores. Em seguida, a educadora perguntou a cada criança se se tinha portado muito bem, mais ou menos ou mal, conforme a reposta questionava-os “porquê?”, “o que é que fizeste?” ou “mereces um autocolante grande ou pequeno?”. Todas as crianças responderam e souberam dizer que autocolantes mereciam. Hoje, todas tiveram autocolante! Todavia, a educadora alertou-os que se não se portassem bem o resto da tarde, podiam ficar sem ele. Descemos para lanchar e todos se portaram bem. Estavam muito contentes porque iam brincar para o recreio. Fizemos o jogo “Palhaço das Cores” com o objetivo de desenvolver a atenção e a capacidade auditiva, assim como identificar as cores. O grupo esteve muito empenhado, mas o F.o não estava com atenção e pegava numa bola qualquer. Repetimos o jogo três vezes porque o grupo pedia sempre mais. Depois foram ouvir uma história.

Segunda-feira 22 de abril de 2013

As crianças chegaram à Creche muito animadas e sorridentes. Estivemos a brincar com jogos de encaixe, deviam encontrar as peças do maior para o mais pequeno. Tanto o L. como o R. o fizeram sem dificuldade. Depressa chegou a hora da fruta, este é, por norma um momento calmo e tranquilo. Quando todos terminaram de comer, formaram o comboio e fomos para a sala. À segunda-feira a educadora começa sempre pela “atividades que falam” e cada criança deve contar o seu fim de semana ou, então, o que mais gostou de fazer. Foi o L. que começou, pegou no desenho e mostrou-o aos amigos. Disse que estava a limpar o carro da mãe e do pai. A educadora perguntou-lhe qual era o utensílio com que tinha lavado o carro, ao que ele respondeu “ponja” e vassoura. Questionado sobre outra coisa que tivesse feito, ele respondeu que também tinha aspirado

o carro. Ao olhar para o desenho disse: “ Aqui diz o L. está a limpar o carro com o pai”. Seguiu-se o F., que prontamente mostrou um limão. Com o auxílio da educadora contou que tinha apanhado limões com o pai e com a mãe. Depois, falou a M., mostrou o desenho que fez em casa e disse que tinha encontrado o A. e o F. no parque. Estiveram todos a andar no escorrega. Chegou a vez de o D. falar e fê-lo espontaneamente. Contou que tinha ido andar de comboio com o pai com a mãe e com o V.. Posteriormente, limitou-se a responder com uma palavra às questões que lhe foram colocadas. O T. contou que foi à Biblioteca “Almeida Rarrete”, brincou com a mãe e com a irmã e que ouviu a mesma história que ouviu no aniversário do R.. À tarde, foi correr para o jardim do Palácio de Cristal e “dei pao às pombas”. Seguiu-se o A. que disse que tinha um limão que tinha apanhado no limoeiro com o pai e com a mãe. Contou que levou para a Creche limões para a L. (cozinheira). O R. contou que foi ao parque com o pai, com a mãe e com o T.. Tudo o que contou depois foi porque a educadora questionou e as respostas eram “uma bola”, “o paque”, “sabão”. Para terminar, disse que tinha feito “bolinhas de sabão” em casa da avó “Sessa”.

Em seguida, fomos lá para fora fazer a atividade de Expressão Plástica. O grupo ficou muito contente por pintar lá fora no jardim. A atividade tinha como objetivo pintar a mobília da área do consultório médico e envolver o grupo na sua elaboração. O R. empenhou-se imenso na pintura e foi preciso perguntar se ele não queria ir dar uma corrida com os amigos. Também o D., o T. e o A. demonstraram gosto e prazer pela pintura. O M., o L. e a M. pintaram durante pouco tempo, pois preferiram ir brincar e correr para o jardim. Quando todos terminaram a atividade de pintura era tarde, mas como estavam tão contentes por estar ao ar livre deixámo-los correr um pouco. Depressa chegou a hora da higiene e depois a do almoço! O grupo portou-se muito bem, comeu depressa e sem birras. Quando acabaram a refeição, ainda tiveram tempo de brincar. Antes de descansarem ouviram a história do *Patinho Feio*. A educadora nem sempre leu o que estava no livro, porque era extenso. O grupo gostou da história e recontou-a com algum detalhe. O A., o L. e o R. já o fazem com algum à-vontade. Acercou-se a hora do descanso! Todo o grupo dormiu, menos a M. que, por ter sido chamada à atenção pela educadora porque andava fora da cama, começou a chorar e a fazer uma enorme birra. Alterou-se de tal forma que chegou mesmo a acordar alguns dos amigos. Só sossegou perto da hora de levantar. Depois da sesta, todos se vestiram com prontidão. Falamos sobre as atividades elaboradas na parte da manhã e só o R. e o L. souberam responder.

Ambos nomearam a mobília que pintaram de manhã. Seguiu-se o lanhe e depois a brincadeira no recreio.

Terça-feira 23 de abril de 2013

As crianças chegaram à Creche animadas e com muita vontade de brincar. Estivemos a brincar na área da garagem. O grupo domina os nomes e cores dos carros dessa área. Nomearam e identificaram os mesmos. Questionámos o L. sobre o carro com que estava a brincar ele respondeu que era azul. Em seguida perguntámos de quem era o carro e ele disse: “da polichia”. Depressa chegou a hora da fruta, momento que de que todos gostam muito. Se deixarmos, não param de comer. Quando todos terminaram, a educadora pediu que formassem o comboio para irmos para a sala. Tínhamos preparado uma atividade de dramatização. A Dr.^a Isabel entrou na sala, ela vestia uma bata branca, tinha um estetoscópio, usava óculos e trazia uma mala vazia. Apresentou-se e pediu às crianças que o fizessem também. Inicialmente, ficaram muito espantados mas depois deixaram-se envolver no teatro e participaram entusiasticamente. A médica pediu a ajuda das crianças para encontrar os seus utensílios e elas fizeram-no com enorme agrado. À medida que iam encontrando os objetos, colocavam-nos na mala que estava aberta em cima da mesa. Enquanto procuravam, iam dizendo o nome do objeto encontrado. No final, pedimos que se sentassem e estivemos a identificar os objetos da mala da médica. Todos foram capazes de nomear os utensílios. Esta atividade está inserida no Projeto do Corpo Humano, na área do consultório médico. Esta área é nova por isso quando terminamos a dramatização o grupo quis ir brincar para lá. A educadora tinha outra atividade preparada mas perante todo aquele entusiasmo, decidiu não a concretizar. O grupo esteve a brincar aos médicos até à hora do almoço. Fizemos a higiene e descemos para almoçar. A R. entrou no refeitório e perguntou de imediato: “O que é o almoço hoje?”. Sentaram-se e almoçaram tranquilamente. Ninguém demorou a terminar a refeição, por isso todos puderam brincar mais um pouco. Estivemos a cantar e a dizer a lengalenga dos dedos. O grupo sabe dizer a lengalenga mas com a nossa ajuda. Apenas a R. é capaz de a dizer sozinha. O restante grupo termina as frases que começamos.

Fomos para a sala fazer a higiene e despir para deitar a descansar. Todas as crianças dormiram. Acordaram todos bem-dispostos, à exceção da M. que chorou até ver que a educadora começou a perguntar quem se tinha portado bem para escolher o

autocolante. Nesse momento, parou de chorar e depressa se acabou de vestir para ir para o lado dos amigos. O grupo soube dizer “portei-me bem” e “mereço o autocolante”. Só a M. não teve autocolante devido à enorme birra que fez. O lanche era iogurte líquido, o que fez com que as crianças lanchassem muito depressa. Fomos brincar para o recreio. Perguntamos se queriam ouvir uma história e elas assentiram de imediato. Contamos a história que o F. levou *O patinho feio*. Quando esta terminou, a R. pediu que a contássemos outra vez. Terminada a segunda narrativa, voltou a pedir para contar outra vez. Nesta altura pareceu-nos pertinente pedir que a contasse ela. Começou com muita vontade, “é um patinho...”, perguntamos-lhe;” e de que cor é esse patinho?”. Ela respondeu mas rapidamente disse que não queria mais o livro e que queria ir brincar com os amigos. As crianças estavam todas a andar de escorrega e a R. foi juntar-se a elas.

Quarta-feira 24 de abril de 2013

As primeiras crianças a chegar foram o L. e o T. que imediatamente começaram a brincar. O L. estava a colocar peças de um jogo atrás do fantocheiro e foi alertado que aquele comportamento não era adequado, pois as peças servem para jogar. Dissemos-lhe que não podia fazer aquilo ao que ele respondeu: “Vou fazer uma construção na minha casa!”. Mesmo que convicto do que estava a fazer, depressa mudou o rumo da sua brincadeira e foi andar de carro com o T.. Quando questionado se tinha arrumado as peças no seu lugar, respondeu que não. Começou a arrumar e chamou o T. para o fazer também. A educadora lembrou-o que tinha sido ele a desarrumar, logo o T. ajudaria se o entendesse. As outras crianças foram chegando e juntando-se para a brincadeira. Estivemos no recreio a andar de escorrega e, como estava bom tempo, comemos lá a fruta. Entretanto, chegou a professora de música. Saudou-os e pediu que fizessem uma roda. Conversou e lembrou a música que tinha ensinado na última aula. O texto é simples mas o ritmo mais acelerado. Cada frase está associada a uma imagem que as crianças já conhecem. Começava com uma fotografia com flores, esta correspondia à frase “flores a nascer”, a seguinte era a imagem de um pássaro e a frase era “o pássaro a cantar” e, por último, uma imagem do dia, esta corresponde a “os dias a crescer “. No fim, diziam “de que estamos a falar”. O grupo devia repetir o que dizia a professora, no entanto, poucas estavam com vontade. A R., o R. e o T. fizeram-no mas o restante grupo estava calado e irrequieto. A professora conversou com ele e questionou-os sobre aquele

comportamento, mas nem nesse momento a ouviram. Como estratégia, colocou a música e disse que desta vez deveríamos cantar e dançar ao mesmo tempo. Ainda assim não cantaram. A professora teve alguma dificuldade em dar a aula porque as crianças não estavam realmente nada interessadas, não faziam nada do que ela pedia. No final, decidiu acrescentar ao dançar e cantar, alguns instrumentos. Só nesta altura é que o grupo correspondeu aos objetivos. As crianças lembraram-se de um livro que a professora tinha levado na última aula e pediram para ela contar a história outra vez, ao que a mesma assentiu. O livro falava de animais que tocavam instrumentos e cada página tinha um botão que, ao carregar, produzido o som do instrumento referido nessa mesma página. O grupo adorou o livro, no final da história todas as crianças quiseram tocar nos botões. Gerou-se alguma confusão e a professora decidiu guardar o livro.

Tínhamos planeado uma atividade que tinha como objetivo o desenvolvimento da linguagem oral e noção de lateralidade, no entanto, decidimos não a realizar. Estávamos quase na hora do almoço e o grupo estava com muita vontade de brincar no recreio. Brincaram dez minutos e depois fomos fazer a higiene. Em seguida, fomos para o refeitório almoçar. As crianças portaram-se bem e terminaram cedo a refeição, o que permitiu que ainda brincassem antes do descanso. A sesta durou duas horas e todas as crianças dormiram. Antes de descermos para lanchar, lembramos o grupo que não se tinha comportado da melhor forma na aula de música e que tal não podia voltar a acontecer. Contamos a história *Adivinha o quanto eu gosto de ti*, o grupo não se mostrou muito interessado. Ninguém pediu para contarmos outra vez e, questionados sobre a mesma, referiram apenas que falava de dois coelhos. Lancharam tranquilamente, formaram o comboio e fomos brincar para o recreio.

Segunda-feira 29 de abril de 2013

Hoje o dia começou muito tranquilo. À segunda-feira o grupo chega um pouco mais tarde. Ainda não eram 9 horas e só tinha chegado o T.. Entretanto chegou uma visita, a Professora I.. O grupo já a conhece, logo o T. não estranhou e de imediato lhe deu bom dia. Passado um pouco, começaram a chegar as outras crianças. Começaram por reunir-se todos na área da garagem para brincar com a pista e com os carros. No entanto, como o espaço não é muito grande, algumas das crianças não tinham espaço para brincar à vontade e decidiram ir para a área da Biblioteca ver livros.

Na hora do lanche da manhã, todos se sentaram rapidamente, porque gostam muito de fruta. Por vezes, é necessário dizermos que não podem comer mais, uma vez que depois, ao almoço, não têm apetite. Quando todos tinham terminado o lanche, questionámos quem se lembrava da lengalenga das mãos. Ficamos muito surpreendidos com o L. que a recitou sem auxílio. A R., a menina responsável neste dia, fez o comboio para irmos para a nossa sala. Pedimos que se sentassem na área da Biblioteca. Íamos iniciar com uma atividade que tinha como objetivo identificar os cinco sentidos, usando como estratégia a história *João e os 5 sentidos*. O grupo ouviu-a com atenção para posteriormente ajudar a recontá-la. Auxiliamos e incentivamos a participação do grupo, colocando algumas questões associadas aos gestos. A atividade decorreu com algum ruído de fundo porque, na ausência da educadora da outra sala, os bebés ficam connosco. O A. destabilizou um pouco o grupo porque está sempre a mexer-se de um lado para o outro e palra muito alto. Percebemos que o grupo estava distraído e pareceu-nos pertinente deixá-lo ir brincar. Levantaram-se logo muito entusiasmados e dirigiram-se todos para a área do consultório médico. Neste momento, foi preciso relembrar o grupo de que ali só podiam estar três crianças. Para este aviso utilizamos a imagem que transmite esta informação e que está afixada na parede desta área. As crianças que saíram ficaram tristes, mas conversamos com elas e explicamos que depois brincavam elas um bocado. Envolvemo-nos na brincadeira dos médicos e ouvimos as suas conversas. A R. dizia “eu sou a médica”, “sou eu que tenho a bata”, “Levanta a camisola, vou ouvir a tua barriga”. Questionada, respondeu que ia usar o estetoscópio para fazê-lo. O L., que fazia de doente, obedecia aos pedidos da R..

Ao final da manhã, fizemos a atividade que tem como objetivo desenvolver a linguagem oral, em que o grupo deve contar o que mais gostou de fazer no fim de semana. A educadora usou como estratégia dar um microfone em papel para que as crianças o utilizem nesta atividade e se sintam motivados e confiantes. Começou o M. que disse que tinha ido à piscina “nadar co a mãe”, “tinha toca” (touca). Seguiu-se a R. que levava um avião de papel e contou “fui ao aeroporto buscar o papá”, “encontrei senhores simpáticos”, “estavam com as filhas”, “a titi D. fez o avião”. Depois foi a vez de o L. falar, ele não tinha levado um desenho mas contou o que tinha feito “a fadinha foi à minha casa”, “levou os bibons” (biberons). Questionamos o porquê da fada ter levado os biberons, ao que ele respondeu “tinha uns meninos mais pequeninos”, “agora não posso ser um menino pequeno, tenho que ser quesido” (crescido), “bebo co a caneca”. Em

seguida, falou o R. que disse “ desenhei o rio”, “O Douro” (Douro), “co a mãe, o pai e o mano”, “fui no carro da mãe e vi o rio”. Apenas a primeira frase foi dita sem que o questionassem. Depois, foi a vez da M., que estava desejosa por usar o microfone. Começou por dizer “um rio”, “um burro, à vaca”. A M. fala muito baixo e só questionada é que participa. Ao olhar para o desenho que tinha levado disse “ a madinha C. banho”. Foi a vez do T. falar que disse de imediato “fui bucale o pai ao aeopóto” , “tinha muitas pechoas”, “o pai touche um carro”. O D. não falou espontaneamente, só questionado é que respondeu. Ainda assim, não estava com vontade de falar. Com alguma insistência por parte da educadora, foi respondendo “dormi”, “na avó”, “desenhei”, “o V.”, “sozinho”.

O A. e o F. não levaram nada referente ao fim de semana. Disseram que tinham brincado em casa. A educadora pediu que se sentassem para fazer o registo gráfico. Nesse momento todas as crianças quiseram fazer um desenho. O F. desenhou pela primeira vez um boneco com pernas e braços. O A. demonstra dificuldade em pegar corretamente na caneta. Depressa chegou a hora da higiene e depois a do almoço. O grupo portou-se bem e depressa terminou a refeição. Cantamos algumas músicas e o grupo, quando não conseguia acompanhar a letra, auxiliava com a mímica. Descansaram duas horas. Todas as crianças dormiram, no entanto, a R. esteve a brincar um pouco antes, o que fez com que acordasse mal disposta. Seguiu-se a higiene e depois o lanche.

Terça-feira, 30 de abril de 2013

As crianças chegaram à Creche muito contentes e com muita vontade de brincar. Estivemos a brincar com jogos de construção e depois na pista dos carros. Quando tentamos fazer com que o grupo converse connosco, a maior parte das vezes, este finge não ouvir ou responde de forma muito sucinta. Algumas crianças não mostram vontade de que os adultos se insiram nas suas brincadeiras, principalmente quando estão a brincar com os carros! O R., a R. e o A. estiveram a imitar uma série de desenhos animados intitulada de *Lia e Mia*, fingem ser as personagens e se nós nos tentamos inserir na brincadeira, não mostram muito agrado. As conversas surgem para que cada criança diga aos amigos que personagem escolheu. O R. dizia: “eu sou a Mia”. Chegou o momento em que o grupo tem de arrumar e sentar-se para comer a fruta. Estiveram sossegados, embora o A. tenha estado o tempo todo a implicar com os que estavam ao seu lado. Puxava-lhes a bata e mexia-lhes nas calças. Foi necessário pedir várias vezes que ficasse tranquilo.

Todas terminaram a fruta rapidamente para continuar a brincar; no entanto, já era hora de irmos para a nossa sala. Como algumas crianças estavam a brincar, pedimos que arrumassem e formassem o comboio. Todas o fizeram menos a R. que, mesmo depois de a lembrarmos, continuou a não obedecer. O grupo dos 2 anos foi para a sala e a R. ficou com a sala do 1 ano, porque quando foi alertada para a desobediência fez uma birra enorme. Porém, como lhe dissemos que só subiria se ficasse tranquila, rapidamente o fez. Quando a R.ita chegou à sala, os amigos já estavam todos sentados e a educadora começava a explicar a atividade. Esta tinha como objetivos reconhecer o círculo e aprender a lengalenga do mesmo. O T. e o M. não identificaram o círculo e o D. não reconheceu a lua, dizendo que era uma bola. Nenhuma criança reconheceu a imagem da rua. Todas as crianças foram capazes de repetir a lengalenga ainda que com o auxílio da educadora. Seguiu-se um jogo que tinha como objetivos a desenvolver a concentração, a capacidade auditiva e o reconhecer/identificar palavras na história. O grupo gostou imenso da atividade, mas só o L. e a M. foram capazes de associar as palavras ao objeto que tinham na mão. No fim da atividade, o L. quis falar. Contou que tinha ido ao médico e que “o médico tinha uma bata branca”, disse também “tirei o sapatos”; “ah e também usou um matelo”. Ele estava muito contente com a ida ao médico e partilhou esse sentimento com o grupo através do seu entusiasmo. Chegou o momento da higiene e a hora do almoço. O grupo portou-se bem e terminou a refeição rapidamente, o que ainda lhe deu tempo de brincar um pouco. Antes de se deitar, ouviu a História *Ruca arruma os seus brinquedos*. O descanso durou duas horas. Todas as crianças dormiram, o que tornou o acordar mais fácil e bem-disposto. Quando estavam todas prontas, recordamos a manhã. O grupo lembrava-se bem da lengalenga e reproduziu-a na perfeição. Conversamos sobre o jogo da concentração e ele recordava a história, embora nem todas as crianças recordassem que deviam mostrar o objeto quando este fosse mencionado na mesma.

Descemos para lanchar e depois fomos brincar para a sala polivalente. O grupo pediu para contarmos uma história e depois outra e depois outra! Estas crianças gostam muito de histórias e por sua vontade não faziam outra coisa.

Quinta-feira 02 de maio de 2013

A manhã começou com grande agitação, as crianças chegaram à Creche com muita energia. Como estávamos na sala polivalente, quiseram andar nos carros. Só

existem três carros, as crianças que não tinham um disponível foram andar no escorrega. Entre carros, escorrega e peças de jogos na mão andavam todos a correr num reboço. O barulho estava a tornar-se insuportável. Foi necessário pedir que se acalmassem e que brincassem com mais tranquilidade. Como estratégia para tranquilizar o grupo, sentamos a ler uma história, estratégia que funcionou muito bem. Aos poucos, todo o grupo se juntou a nós e fez-se silêncio. A única criança que não mostrou interesse pela história foi o D., que não parava sossegado. Mexia-se de um lado para o outro, puxava a bata dos amigos, chamava-os, virava-se de costas para nós, enfim, não estava nada concentrado. Ainda que o tenhamos chamado à atenção várias vezes, ele não nos ouviu. Quando terminamos a história, já era hora de comer a fruta. A L. (cozinheira) tinha colocado em cima da mesa um prato com peras. O grupo gosta muito de fruta, principalmente de pera. Quando viram qual era a fruta começaram logo a “gritar” “Eh, Eh, pera!”. Comeram em silêncio e quando todos terminaram entoamos uma canção escolhida pelo grupo *O porquinho foi à horta...*

Depois da canção, o D. organizou o comboio para irmos para a nossa sala. A educadora pediu que se sentassem à mesa e explicou a atividade. Disse que ia fazer pasta de farinha e questionou o grupo sobre que ingredientes precisariam. A R. respondeu prontamente “farinha” e o L. disse “água”. Fizemos a massa e distribuímos um bocado por cada criança, que de imediato começou a amassar. O objetivo da atividade era fazer círculos com pasta de farinha, mas nem todas as crianças conseguiram. O F. e o M. não se empenharam, estiveram a brincar com a massa, fizeram minhocas mas nem tentaram fazer os círculos. As outras crianças esforçaram-se e conseguiram fazer uma espécie de círculo, à maneira delas. No final da atividade, foram brincar. A M. o M. pegaram no microfone e começaram a fingir que aquilo eram espadas. A educadora explicou-lhes que não deviam brincar assim e questionou-os sobre a correta utilização do microfone, ao que ambos responderam “é pa cantar”. Seguiu-se o *Jogo do Tato*, delineado com os objetivos de promover o desenvolvimento da linguagem oral, compreender a importância da visão e do tato, bem como reconhecer estes mesmos sentidos. As crianças gostaram imenso do jogo. Todas foram capazes de nomear os órgãos dos sentidos através do tato. Como não conseguiram identificar o amigo, como estratégia alternativa usamos o sentido da audição. Todas reconheceram a voz do amigo. Depressa chegou a hora da higiene e depois o almoço. A R. entrou no refeitório e perguntou de imediato “O que é hoje?”. Dissemos que não estávamos a perceber a pergunta e ela retificou “O que é hoje o

almoço?”. Respondemos-lhe “Arroz de Bacalhau” e ela sorriu. O almoço correu muito bem, o grupo em geral gosta de comer. Terminaram o almoço e ainda tiveram tempo de brincar. Depois da sesta, relembramos o que tínhamos feito de manhã. A R., o L. e o R. foram as crianças que se exprimiram verbalmente porque o restante grupo não falou, ia apenas fazendo gestos. O lanche foi tranquilo e rapidamente o grupo o terminou para ir brincar.

Segunda-feira, 06 de maio de 2013

A manhã de hoje começou com grande alvoroço. As crianças são normalmente recebidas na sala de 1 ano e como esta estava com uma decoração diferente, o grupo ficou mais agitado. Quiseram entrar a correr e começaram a mexer logo em tudo. Pouco brincaram nos primeiros minutos. Tiraram tudo do sítio, depois pousavam e iam mexer noutra coisa e assim sucessivamente, até que a sala ficou completamente desarrumada. Deixámos que as crianças desarrumassem à sua vontade, pois estavam a explorar os brinquedos e a sua disposição. Ao fim de algum tempo, pedimos que arrumassem, dando uma ajuda para colocar tudo no respetivo lugar. Depressa chegou a hora da fruta. Comeram com prazer, ainda que um pouco agitados. Pedimos que fizessem silêncio para falarmos sobre as atividades do dia. Explicamos que íamos comemorar o Dia da Mãe. Devíamos fazer biscoitos para mais tarde receberem as mães para um lanche e uma atividade de mãe e filho. De seguida, o T. formou o comboio para irem lavar as mãos. Feita a higiene, entraram no refeitório e dividiram-se por três mesas. Aproveitamos esta atividade para trabalhar os cinco sentidos, já que com ela as crianças os usaram todos. Identificaram os sentidos à medida que os usavam e que os questionamos. Contudo, nem todo o grupo foi capaz de utilizar o vocabulário novo. O F. e o M. fizeram apenas os gestos. A R. foi a única que usou o vocabulário aprendido, utilizou a palavra paladar quando apontamos para a língua. O resto do grupo, quando questionado sobre para que servem os órgãos dos sentidos, responderam “Para cheirar, ouvir, ver, comer”. Nenhuma criança foi capaz de identificar ou nomear o sentido do tato. Depois de explorar os ingredientes, o grupo amassou e fez bolinhas com a massa. A M. e o D. fizeram minhocas, as outras crianças bolinhas. A atividade terminou, as crianças lavaram as mãos e foram dançar e cantar. Ouvimos a música *Cabeça, ombros, joelho e pé*, o grupo fez a mímica, mas só a R. cantou e dançou ao mesmo tempo. Chegou a hora da higiene e em seguida o almoço. O grupo é quase todo ele autónomo à refeição, o D. não come a sopa sozinho e mesmo quanto ao prato principal é necessário dizer-lhe para colocar a colher na

boca. O M. também tem alguma dificuldade com a sopa, no entanto, é capaz de comer sozinho. A M. hoje comeu muito bem. Terminaram a refeição e foram brincar. Antes do descanso, contamos uma história *Noddy, o Expresso do País dos brinquedos*. O grupo em geral mostrou-se entusiasmado e motivado, à exceção do D. que esteve o tempo todo a brincar, ora com os pés, ora com o lençol. No final, relembramos a história, a R. e o R. identificaram as personagens. O L. lembrou-se do comboio e o A. dos nomes das personagens secundárias. Descansaram duas horas. Quando já estavam todos prontos para ir lanchar, questionamos o grupo sobre as atividades da manhã. O D. não soube responder, disse que tinha estado a “nanar”, explicamos-lhe que nos estávamos a referir à atividade da manhã mas ainda assim não foi capaz de responder. O lanche correu com tranquilidade. Depois fomos brincar para a sala de 1 ano e entretanto começaram a chegar as mães para realizar a atividade. As crianças estavam muito felizes. Correram para o colo e quiseram ir mostrar os biscoitos que tinham feito de manhã. Depois de fazerem a pintura com a mãe, ficaram a brincar na Creche mais um pouco.

Terça-feira dia 07 de Maio de 2013

A manhã começou com a chegada das crianças à Creche. Vinham todas bem-dispostas e cheias de vontade de brincar. A M. estava com muito mimo e custou-lhe um pouco despedir-se da mãe, contudo, como lhe demos colo, ela distraiu-se. O grupo brincou na área da casinha, faziam comida e ofereciam para nós comermos. Questionamos o L. sobre o que tinha cozinhado ao que ele respondeu “Sopa de queijo, está deliciosa!”. Colocou a mesa com prato e talheres para provarmos o seu cozinhado. Depois pegou no tacho e disse que o ia colocar no “figuifico”. Perguntamos ao grupo se queria ouvir uma história, ele respondeu afirmativamente. Sugerimos então arrumar primeiro a sala para depois nos podermos sentar tranquilamente a ouvir a mesma. Quando terminamos de arrumar, sentamo-nos na área da Biblioteca e o D. escolheu um livro, *A rã esfomeada*. O grupo esteve muito atento a ouvir a história e participativo quando interagíamos com ele. No final, pedimos que falassem sobre o que tinham ouvido. O L. contou a história, o D. respondeu tudo ao contrário e o A. disse “Não D.! A rã gota de mocas”. Quando terminamos, estava na hora de comer a fruta. As crianças sentaram-se no centro da sala e esperaram que lhes dessem a maçã. A M. e o M. não queriam comer mas a educadora conversou com eles e explicou que a fruta faz bem, por isso tinham que comer pelo menos um pedaço. Ainda que com pouca vontade, eles concordaram. Quando todos terminaram a fruta, pedimos ao A., o menino responsável, que fizesse o comboio

para irmos para a sala. Lembramos que se deviam sentar numa roda no meio da sala. Deixamos que o grupo fosse à frente para perceber quem é que tinha ouvido com atenção o que pedimos. O D., o F. e o M. foram brincar, já o resto do grupo percebeu o pedido e estava sentado de pernas cruzadas. Aos distraídos, foi preciso relembrar que não era para brincar e sim sentar ao lado dos amigos. Quando estávamos todos sentados, explicamos o jogo. O objetivo era que as crianças procurassem um objeto na sala que tinha uma fita cinzenta, quando cada criança tivesse um, devia sentar-se. Os objetos eram dois bonecos, um menino e uma menina, uma bola azul, um termómetro azul, um penso castanho, um copo amarelo, um livro com uma bailarina, uma torrada e uma torre de legos amarelos. O grupo percebeu que só devia encontrar um objeto. Quando todos o tinham, pedimos que o descrevessem. A M. encontrou a boneca e disse “é um bebé”, o D. tinha o boneco e disse “é um boneco”, o L. disse que tinha um penso, o R. não soube dizer que tinha o termómetro e o M. ajudou-o. Quando chegou a vez de o T. falar, disse “o lego”, a R. disse prontamente que tinha um livro com uma bailarina, o A. identificou a torrada assim como o M. o “popo” (copo). Quando todas as crianças tinham identificado o objeto, contamos uma história. Pretendíamos que com esta atividade as crianças fossem capazes de associar o vocabulário, associar a palavra ao objeto e de compreender histórias simples. A R., o L., o A. e a M. compreenderam o jogo e atingiram os objetivos. Pediram que contássemos a história outra vez. Estavam todos muito motivados e adoraram a atividade. A R. preparava-se para pedir para contarmos a história pela terceira vez, mas achamos que o grupo devia brincar. A M. e o M. foram de imediato ao baú buscar os microfones e pediram para colocarmos música. Andavam a dançar e a cantar de um lado para o outro. O L., a R. e o A. foram brincar para o consultório médico, O T. e o M. foram ver livros e o D. e o F. ficaram a brincar na área dos jogos. Pouco antes da hora do almoço, a educadora pediu que arrumassem a sala e se sentassem na área da Biblioteca para que, um de cada vez, contasse o fim de semana. Começou a R. que de imediato contou: “fui ao restaurante”; “comi um gelado com uma bola de baunilha”; “dormi a sesta na minha casa”. Depois falou o M. que mal viu o desenho disse: “é do T.” (J.); “em casa d’avó L.”; “é um tavallo” (cavalo); “é azu” (azul). As últimas duas respostas foram dadas a questões colocadas pela educadora. Seguiu-se o D. que respondeu apenas às perguntas que lhe colocaram com as seguintes frases: “no carro do Nico”; “ao parque do Covelo”; “com o F.”; “um túnel”. Depois falou o R. que contou: “fiz surf”; “com o pai, com a mãe e com a Pipa”, o R. não falou espontaneamente, foi necessário questioná-lo. Quando chegou a vez de o T. falar, ele disse logo: “Binguei co a mana”. Porém tudo o que disse depois foi

incentivado pela educadora. “fui almoçali” e “bincar com o F.”. A M. disse espontaneamente: “a piscina”; “com o pai N.”. Depois só falou quando questionada e as respostas foram: “água fia”; “cholou” (chorou); “na cabeça”. O F. e o A. não levaram desenho. A educadora chamou-os aos dois mas pediu que fosse o F. a falar primeiro. Perguntou-lhe o que tinha feito no fim de semana mas não foi possível compreender o que disse. Foi o A. que contou que tinham ido ao Jardim Zoológico e disse: “vi leões”; “ursos”; “foi com a vovó e com a mamã”; “vovó N. e ti A.”. O L. mal olhou para o desenho que levou disse: “eu estava lá fora a cozinhar”; “tenho sapatilhas novas”; “dei um presente à mamã”. Quando terminamos esta atividade já estava na hora do almoço. As crianças lavaram as mãos e foram almoçar. A refeição foi calma, todas gostavam do almoço, o que fez com que terminassem depressa. Brincaram um pouco e foram descansar. Dormiram duas horas.

Quando relembramos a manhã, o grupo lembrava-se das atividades. Todavia, nem todas as crianças estavam com vontade de falar. Foi a R. que falou da Caça ao Tesouro e da história que contamos. Foram para o refeitório lanche e quando terminaram pediram para ouvir uma história.

Quarta-feira, 08 de maio de 2013

Hoje a manhã começou tranquila. O grupo foi chegando aos poucos e as crianças vinham serenas. Porém, quando se juntaram na área da casinha a confusão gerou-se. Começaram com a disputa dos brinquedos e defendiam-se batendo uns nos outros. A R. chorou muito alto e destabilizou o grupo. Conversamos com ela e explicamos que não é assim que se resolvem os problemas. Em vez de chorar e gritar, deve conversar com os amigos e dizer-lhes que não se bate. Continuamos a brincar na casinha até à chegada da L. com a fruta. Nessa altura arrumamos tudo e sentamo-nos para o lanche da manhã.

A atividade que tínhamos preparado para hoje era dar a conhecer a letra “D” de dado, dente, dedo, dinossauro e D.. A educadora começou por mostrar ao grupo a letra “D” e depois perguntou que palavras conheciam a começar com essa letra. O grupo não respondeu. Só quando mostramos as imagens é que o grupo participou. O L. disse: “é um dinossauro”. Ao mostrarmos a mão a R., disse de imediato “o dedo”. Questionamos sobre que parte do corpo começaria com a letra “D” e ao mostrarmos a língua o R. disse “dentes”. A imagem do dado foi identificada pela R.. Perguntamos se havia algum nome que começasse por essa letra e o D. respondeu logo que era o dele. O grupo gostou da

atividade e identificou a letra. Seguiu-se uma atividade de Expressão Plástica que tinha como objetivo “ser capaz de pintar dentro do contorno”. Algumas crianças demonstraram dificuldade em pegar corretamente no lápis. Todas percebem o que é pintar dentro do contorno, contudo, nem sempre estão motivados e empenhados para isso. O A. empenhou-se e esforçou-se para pintar corretamente. Quando terminaram a atividade, foram brincar. O A., o L. e o R. foram para a área do consultório médico. Ao observarmos a brincadeira, percebemos que a conversa de pares é “eu sou o médico” e “eu sou o doente”. Quando um está deitado, os outros dois auscultam-no com o estetoscópio, mas não dizem nada. Inserimo-nos na brincadeira para os incentivar a usar o vocabulário novo. Usamos frases com esse mesmo vocabulário durante essa brincadeira.

Já perto da hora do almoço, pedimos que arrumassem a sala, pois tínhamos uma lengalenga nova para ensinar. Foi necessário pedir várias vezes que o fizessem. Quando terminaram, sentaram-se na área da Biblioteca. Para os acalmar sugerimos que dissessem a lengalenga do silêncio. Todas as crianças a conhecem e sabem que significa ficar calado e ouvir com atenção. Começamos por perguntar se recordavam quais os órgãos dos cinco sentidos. A R. e o L. responderam afirmativamente com prontidão. Mostramos a lengalenga dos 5 sentidos, esta estava escrita e tinha imagens a substituir as palavras referentes aos órgãos dos sentidos. Todas as crianças foram capazes de identificar as imagens, mas o D. teve alguma dificuldade em reconhecer a imagem referente ao ouvido. A lengalenga tinha duas palavras novas “apalpar” e “escutar”. Todas as crianças perceberam o significado destas palavras e souberam repeti-las. Depois, cada criança leu individualmente a lengalenga. A complexidade fez-se notar nas crianças com mais dificuldade na linguagem oral. O grupo mostrou-se motivado e empenhado na leitura da lengalenga. Quando todos a tinham lido, pediram para dançar a música do corpo. Cantavam e tentavam acompanhar com os gestos, algumas crianças ainda não o conseguem fazer. Depressa chegou o momento da higiene a que se seguiu o almoço. O grupo almoçou muito bem, era um dos pratos preferidos da maioria das crianças, esparguete com carne. O grupo terminou a refeição e foi brincar. A brincadeira durou pouco porque, como começaram a ficar muito agitados, pedimos que guardassem os brinquedos e se sentassem. Cantamos algumas músicas mais calmas com o objetivo de os sossegar. Descansaram duas horas. Contudo, a R., o R. e a M. às 14 horas ainda não dormiam. Ao levantar, uma hora depois, acordaram os três mal dispostos. Antes de descer para lanche, conversamos com o grupo sobre a manhã. As três crianças que dormiram

pouco não quiseram falar mas o resto do grupo lembrava-se bem da lengalenga, assim como das palavras que aprendeu. Surgiu apenas alguma dificuldade em pronunciá-las corretamente. Descemos para o refeitório e o grupo lanchou com tranquilidade. Quando terminaram, foram brincar para a sala polivalente. Estivemos a fazer construções com legos. O grupo estava animado e nós incentivamo-lo a dizer a cor quando se colocava um lego. A única criança que ainda troca as cores é o M..

Segunda-feira, 13 de Maio de 2013

Começamos a receber telefonemas logo de manhã bem cedo. Algumas crianças iam ficar em casa porque estavam com temperatura! As que foram para a Creche chegaram cedo e com muita vontade de brincar. Estivemos a brincar com os legos. Quando questionamos o A. sobre o que estava a fazer com os legos, ele respondeu muito depressa “um bolo de laranja”. Participamos na brincadeira e sugerimos preparar o almoço. O grupo gostou da ideia e começou logo a dizer o que ia cozinhar. O R. disse “vou fazer sopa de queijo”, a R. disse “vou fazer massinha com carne”, o D. não participou oralmente, fazendo, no entanto, parte da brincadeira. O T. não disse nada até ouvir a R. dizer o que ia fazer, nessa altura imitou-a e disse “eu também vou fazer massinha com carne”.

A L. chegou com o prato da fruta e as crianças começaram de imediato a arrumar para se sentarem a comer. Depois de terminarem a fruta, estiveram a brincar na área da casinha. O R. foi ao baú e pegou numa carteira e na tiara. Andava a passear na sala, muito vaidoso. Chegou perto de nós e questionou sobre o nome do objeto que tinha na cabeça. Respondemos-lhe que era uma tiara! A R. tentou tirar-lhe a carteira e como não conseguiu começou a chorar e a gritar. Explicamos-lhe que não era daquela forma que ela iria conseguir o que queria. Incentivamo-la a parar com a birra e a falar calmamente com o R.. Não o fez como sugerimos mas parou de chorar. Virou-se para ele e disse “eu quero essa carteira”. O R. continuou a passear como se nada tivesse acontecido. Queríamos começar a atividade orientada, por isso pedimos que arrumassem a sala. Quando terminaram, dissemos que se sentassem na mesa, pois tínhamos um jogo novo para ensinar. As cinco crianças presentes correram para sentar-se. O jogo foi elaborado por nós e tinha como objetivo desenvolver a concentração, a capacidade de audição e ajudar a associar palavras a imagens. O grupo gostou do jogo e mostrou-se empenhado. Este tinha

imagens de palavras que o grupo aprendeu no último mês, tais como consultório médico, sapo verde, balão azul, círculo amarelo, quadrado azul, etc. Colocamos também uma imagem nova, a ambulância. O grupo aprendeu-a com facilidade. Ao fazermos o jogo, constatamos que o T. e o A. não reconhecem os números e a R., o R. e o D. identificaram todas as imagens, associando-as às palavras que dizíamos. Terminamos o jogo e decidimos ir lá para fora fazer “atividades que falam”. Quem começou a falar foi a R.. “o tio J. foi comprar frango” ; “ e depois voltou”; “fui à piscina”; “o papá foi ver o porto à casa da vovó L.”. Seguiu-se o R. que disse “fui andar de teférico”; “ com o pai, com a mãe e com o mano”; “desenhei o rio douro”. Só a primeira frase é que foi dita espontaneamente, as outras foram respostas às questões que lhe foram colocadas. A educadora pediu ao R. que explicasse aos amigos o que era o “teférico” e ele disse “um quadradinho”. Explicamos o significado de teleférico com mais pormenor. Quando o R. se foi sentar, o D. levantou-se logo. Sentou-se no colo da educadora mas não disse nada. Ainda que questionado, ele continuou sem responder. Conversamos com ele e explicamos que se não queria falar devia voltar para o seu lugar e dar a vez a outro amigo. Foi o que ele fez. Depois foi o A. que falou e disse “fui ao parque”; “com a mamã, com a vovó N. e o papá”; “uma menina no parque”; “bincou com o A.”. Por último falou o T.. Começou por dizer “fui à casa do F.”; “é o meu pimo”. A educadora perguntou o que é que ele tinha desenhado, ao que ele respondeu “Fui à Biblioteca de Gondomar”; “bincar e ouvir uma história”. Quando terminamos a atividade, a educadora sugeriu que dessem uma corrida para depois irmos fazer a higiene e almoçar. A refeição foi feita de uma forma muito tranquila, o grupo comeu sozinho e terminou rápido o almoço. Estivemos a brincar no jardim até à hora do descanso. As crianças andaram a apanhar folhas e a brincar com elas. Quando chegaram à sala, fizeram a higiene e deitaram-se. Adormeceram muito depressa. Dormiram duas horas. Ao acordar, mostraram-se bem-dispostas. Relembramos as atividades da manhã. A R. disse logo que tínhamos jogado o Loto. Questionamos se se lembravam da palavra nova e o R. respondeu de imediato “ambulância”. Fomos lanchar e depois brincar para o jardim.

Terça- feira, 14 de maio de 2013

Hoje a manhã começou muito sossegada. Quatro crianças do grupo estão em casa, doentes. O grupo que está na Creche fica muito calmo e não sabe muito bem o que fazer. Sugerimos fazer uma torre de legos, ao que as crianças assentiram. Todas queriam sentar-

se ao nosso lado. Falamos com o grupo e dissemos para formarem uma roda. Colocamos os legos no centro e assim todas brincavam. Aproveitamos esta brincadeira para incentivar as crianças a falar sobre as cores dos legos, assim como a contá-los à medida que os iam colocando na torre. As crianças que estavam presentes já conhecem bem as cores e contam sem dificuldade até 6. Terminamos a brincadeira e arrumamos a sala para nos sentarmos a comer a fruta. Todas as crianças ajudaram a arrumar. Sentaram-se e comeram a pera. Quando terminaram, perguntamos se queriam ouvir a história que o R. tinha levado. Mostraram imensa vontade, sentando-se na área da Biblioteca imediatamente. O livro tinha como título *Rapunzel*. As crianças ouviram a história com muita atenção. O R. e a R., à medida que a história avançava, mostravam cada vez mais entusiasmo, as expressões deles demonstravam a atenção com que estavam. No final, pedimos que participassem para recontarmos a história. O T. disse logo o nome do livro, a R. e o R. contaram a história toda. Pedimos que formassem o comboio para irmos para a nossa sala e que quando chegassem se deviam sentar numa roda no centro da sala. Só estavam cinco crianças, o que fez com que estivessem mais concentrados e tenham feito logo o que lhes foi solicitado. Começamos com a atividade *Jogo da Concentração*, este tinha como objetivos promover o desenvolvimento da linguagem oral, fomentar a concentração e levar a compreender histórias simples, lengalengas, poesias, músicas, etc.. Distribuímos as imagens do corpo humano e pedimos às crianças que identificassem a imagem que tinham na mão. O D. tinha a imagem do pé, a M., a da mão, a R., o joelho, o R., o ombro e o T., a perna. O T. identificou a sua imagem como sendo o pé. Dissemos-lhe que era uma perna. Começamos com a música das partes do corpo, mas o grupo entusiasmou-se tanto com a música que se esquecia de associar as palavras e de levantar as imagens. Pareceu-nos pertinente tentar novamente, só que desta vez optamos por contar uma história com as partes do corpo. Funcionou muito melhor, das cinco crianças presentes, três associaram a palavra à imagem e levantaram-na quando a ouviram. Terminamos o jogo e a educadora sugeriu ir para o jardim fazer um jogo com balões. As crianças começaram logo a falar alto e a dizer “Simmmmmmmmm, vamos para o jardim.”. Fizemos o jogo com os balões, visando desenvolver a capacidade de manipulação de objetos e desenvolver a habilidade no lançamento e na receção. O grupo estava muito pouco concentrado no jogo, queria brincar livremente com os balões. Deixamos que brincassem um pouco e sugerimos o jogo novamente, volvido algum tempo. Desta vez, funcionou muito melhor. Das crianças presentes, o T. foi a única que mostrou alguma dificuldade, tanto em receber como em lançar o balão. Estava quase na hora do almoço,

por isso sugerimos que dessem uma corrida para depois irem lavar as mãos para almoçar. O almoço foi muito calmo, o grupo comeu com vontade e terminou sozinho a refeição. Antes do descanso, brincaram no jardim. Estivemos a brincar com bolas. Dormiram duas horas. Acordaram bem-dispostas e cheias de energia. Relembremos as atividades da manhã. As crianças não mostraram vontade de falar. A R. falou do jogo que fizemos, contou que cada criança tinha uma imagem e que devia mostrá-la quando ouvisse a palavra correspondente. Descemos para o refeitório. O lanche foi feito com muita vontade e terminou depressa. Fomos brincar para o jardim.

Quarta-feira 15 de maio de 2013

A manhã foi muito calma, metade do grupo continua em casa com temperatura e tosse. As crianças que vieram para a Creche perguntaram pelos amigos. Começamos por ler uma história *As aventuras do Pokoyo: Que divertido é reciclar!* O grupo ouviu atentamente e participou quando questionado. Ouviu algumas palavras novas e perguntou o seu significado, “coisas velhas” e “reciclar”. Explicamos o significado, dando exemplos para facilitar a compreensão. O grupo mostrou ter percebido e foi capaz de as pronunciar corretamente. O T. tem alguma dificuldade com o “r”, ou seja diz, “plato” e “lecicla”.

Depois fomos brincar com os legos. A R. e o R. faziam de conta que tinham uma quinta e brincavam com os animais. Durante a brincadeira iam enunciando os nomes dos animais e a sua maneira de falar. Depressa chegou a hora da fruta. Quando terminaram, chegou a professora de música, que começou por dar os bons dias. Pediu que o grupo se sentasse numa roda e conversou com ele sobre o que fez na aula passada. A R., o R. e o David lembravam-se da letra da música e do livro que a professora tinha mostrado. Começaram por dizer a letra da música. A professora dizia a frase e as crianças repetiam. “As flores a nascer”; “Os passarinhos a chegar”; “Os dias a crescer”; “De que estamos a falar?”. Depois de repetirem duas vezes, a professora colocou a melodia para acompanhar, assim como a coreografia que consistia em passear como se estivessem num jardim. Neste momento, as crianças deixaram de cantar. Repetimos o exercício e as crianças continuavam sem cantar. A professora optou por pedir que formassem uma roda e fizessem de conta que caminhavam mas sem sair do lugar. Quando o grupo já estava a fazer o exercício com alguma facilidade, a professora sugeriu que cantasse a música. Correu muito melhor, as crianças estavam mais concentradas e foram capazes de cantar e

fingir que andavam em simultâneo. Em seguida, estivemos a ver e a experimentar alguns instrumentos musicais, as clavas, a pandeireta e o reco-reco. O grupo gostou muito de tocar com os instrumentos. Seguiu-se o *Jogo da estátua*, uma criança tocava clavas e as outras andavam a passear e a dançar, quando o som do instrumento parasse todas as crianças deviam ficar como uma estátua. Este jogo funcionou muito bem, o que acabou por prolongar a aula. Terminamos quando já estava na hora do almoço. Despedimo-nos da professora e subimos para lavar as mãos e ir para o refeitório. O almoço foi feito com calma e tranquilidade. As crianças comeram sozinhas, à exceção do D. e do M.. Quando terminam a refeição, foram brincar. Estiveram a fazer construções até à hora de ir dormir. Quando já estavam todas prontas e deitadas, perguntamos se queriam ouvir uma história antes de dormir. Responderam logo afirmativamente e que queriam a do D.. Contamos novamente a história do Pocoyo. Desta vez, o grupo não questionou, a R. afirmou “Velho é ter muito tempo”. Dormiram duas horas.

Grelhas de observação (Grelha de observação elaborada com base nas Metas de Aprendizagem e nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar)

Nome:	Área de Expressão e Comunicação			
Idade: 29 meses				
Data de Nascimento:				
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		Sim	Não	Observações
Relata e recria experiências			X	
Descreve acontecimentos ou narra histórias			X	
Descreve pessoas ou objetos		X		
Partilha informação oralmente através de frases coerentes			X	
Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente			X	
Reproduz músicas ou lengalengas		X		Com ajuda
Sabe que os desenhos e a escrita transmitem informação			X	
Identifica diferentes imagens		X		
Associa palavras a imagens		X		

Nome:	Área de Expressão e Comunicação			
Idade: 29 meses				
Data de Nascimento:				
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		Sim	Não	Observações
Relata e recria experiências			X	
Descreve acontecimentos ou narra histórias		X		Uma/duas palavras
Descreve pessoas ou objetos		X		Uma palavra
Partilha informação oralmente através de frases coerentes		X		Uma/duas palavras
Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente			X	
Reproduz músicas ou lengalengas		X		Com dificuldade e ajuda
Sabe que os desenhos e a escrita transmitem informação			X	
Identifica diferentes imagens		X		
Associa palavras a imagens		X		

Nome:	Área de Expressão e Comunicação			
Idade: 35 meses				
Data de Nascimento:				
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		Sim	Não	Observações
Relata e recria experiências			X	
Descreve acontecimentos ou narra histórias			X	
Descreve pessoas ou objetos		X		Com uma palavra (som)
Partilha informação oralmente através de frases coerentes			X	
Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente			X	
Reproduz músicas ou lengalengas			X	Imita os gestos
Sabe que os desenhos e a escrita transmitem informação			X	
Identifica diferentes imagens		X		Através dos sons.
Associa palavras a imagens		X		

Nome:				
Idade: 35 meses	Área de Expressão e Comunicação			
Data de Nascimento:				
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		Sim	Não	Observações
Relata e recria experiências		X		
Descreve acontecimentos ou narra histórias		X		
Descreve pessoas ou objetos		X		Uma/ duas palavras
Partilha informação oralmente através de frases coerentes		X		
Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente			X	
Reproduz músicas ou lengalengas		X		
Sabe que os desenhos e a escrita transmitem informação			X	
Identifica diferentes imagens		X		
Associa palavras a imagens		X		

Nome:				
Idade: 35 meses	Área de Expressão e Comunicação			
Data de Nascimento:				
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		Sim	Não	Observações
Relata e recria experiências		X		
Descreve acontecimentos ou narra histórias		X		
Descreve pessoas ou objetos		X		Uma palavra
Partilha informação oralmente através de frases coerentes		X		
Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente			X	
Reproduz músicas ou lengalengas		X		Com ajuda
Sabe que os desenhos e a escrita transmitem informação			X	
Identifica diferentes imagens		X		
Associa palavras a imagens		X		

Nome:	Área de Expressão e Comunicação			
Idade: 37 meses				
Data de Nascimento:				
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		Sim	Não	Observações
Relata e recria experiências		X		Com dificuldade
Descreve acontecimentos ou narra histórias		X		
Descreve pessoas ou objetos		X		Uma/duas palavras
Partilha informação oralmente através de frases coerentes		X		
Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente			X	
Reproduz músicas ou lengalengas		X		Com ajuda
Sabe que os desenhos e a escrita transmitem informação		X		
Identifica diferentes imagens		X		
Associa palavras a imagens		X		

Nome:	Área de Expressão e Comunicação			
Idade: 38 meses				
Data de Nascimento:				
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		Sim	Não	Observações
Relata e recria experiências			X	
Descreve acontecimentos ou narra histórias			X	
Descreve pessoas ou objetos		X		
Partilha informação oralmente através de frases coerentes			X	
Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente			X	
Reproduz músicas ou lengalengas		X		Com ajuda
Sabe que os desenhos e a escrita transmitem informação			X	
Identifica diferentes imagens		X		
Associa palavras a imagens			X	

Nome:				
Idade: 38 meses	Área de Expressão e Comunicação			
Data de Nascimento:				
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		Sim	Não	Observações
Relata e recria experiências		X		
Descreve acontecimentos ou narra histórias		X		
Descreve pessoas ou objetos		X		Usa uma palavra
Partilha informação oralmente através de frases coerentes		X		
Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente			X	
Reproduz músicas ou lengalengas		X		Com ajuda
Sabe que os desenhos e a escrita transmitem informação			X	
Identifica diferentes imagens		X		
Associa palavras a imagens		X		

Nome:	Área de Expressão e Comunicação			
Idade: 39meses				
Data de Nascimento:				
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita		Sim	Não	Observações
Relata e recria experiências		X		
Descreve acontecimentos ou narra histórias		X		
Descreve pessoas ou objetos		X		
Partilha informação oralmente através de frases coerentes		X		
Usa nos diálogos palavras que aprendeu recentemente			X	
Reproduz músicas ou lengalengas		X		
Sabe que os desenhos e a escrita transmitem informação		X		
Identifica diferentes imagens		X		
Associa palavras a imagens		X		

Anexos

Projecto Educativo

Introdução

1. Princípios e objectivos gerais
2. Linhas orientadoras de acção:
 - 2.1. Organização do espaço
 - 2.2. Participação da família
3. Intervenção / Acção educativa

Conclusão

Introdução

Muitos encarregados de Educação se interrogarão sobre a necessidade da existência de um Projecto Educativo na creche, mas, na verdade, se entendermos um Projecto Educativo como um documento de carácter pedagógico que estabelece a identidade própria de cada escola, percebemos a necessidade de enumerar os principais princípios e objectivos gerais que orientam a nossa actividade pedagógica, mesmo que eles se destinem a crianças muito pequeninas.

1. Princípios e objectivos gerais

Baseando-nos na Lei-quadro da Educação Pré-escolar, adaptamos, tendo em conta o nosso grupo etário, os seguintes objectivos:

- **Promover o desenvolvimento global de criança**

Tendo em conta as necessidades e características de cada idade e favorecendo aprendizagens significativas e diferenciadas;

- **Proporcionar um ambiente de bem-estar e segurança**

Em que a criança se possa exprimir, desenvolvendo diferentes formas de expressão e comunicação;

- **Organizar o espaço e o tempo**

Segundo critérios pedagógicos como meios facilitadores de novas experiências;

- **Valorizar a expressão / comunicação**

Desenvolvendo as expressões (motoras, dramáticas, plásticas e musical) e desenvolvendo a linguagem;

- Dar oportunidade aos Pais

De conhecer e contribuir para a dinâmica educativa em que os seus filhos estão envolvidos.

2. Linhas orientadoras

De acordo com estes Princípios Teóricos traçamos duas linhas orientadoras que influenciam e determinam a nossa intervenção / acção educativa.

2.1. Organização do Espaço / Tempo

O espaço e a sua organização têm um lugar muito importante nas múltiplas aprendizagens que a criança realiza.

A organização das salas faz-se de modo a permitir às crianças a escolha de diferentes tipos de actividade. O espaço é assim um meio de conhecimento, não só moldado pela Educadora, mas também pelas crianças que agem e exercem mudanças sobre ele. Esta dinâmica é uma forma de aprendizagem.

O mesmo acontece em relação ao tempo. A sua organização proporciona às crianças oportunidades de estabelecer diferentes tipos de interacções (individuais e em pequenos grupos). A “rotina” do dia a dia dá-lhes segurança e desenvolve autonomia.

2.2. Participação de família

A educação da criança deve reflectir a relação entre os dois contextos fundamentais em que esta se move: a família e a creche. É fundamental haver entre eles, diálogo, partilha e troca de informação. Os Pais podem participar sob o ponto de vista pedagógico:

- Cooperando em projectos de sala
- Participando em experiências: Dia do Pai, Dia da Mãe, Natal, etc.
- Assegurando a articulação entre a creche e a família

3. Intervenção / Acção Educativa

A aprendizagem deve partir dos interesses e expectativas da criança segundo o seu ritmo. Assim, a nossa forma de intervir deve ser cautelosa:

1º Observar – Conhecer a criança, alargar os seus interesses e desenvolver as suas potencialidades.



2º Planear – Proporcionar um ambiente estimulante ao desenvolvimento, promovendo aprendizagens significativas.



3º Agir – Concretizar as intenções educativas.



4º Avaliar – Reflectir sobre a acção para melhorar futuras intervenções.



5º Comunicar – Comunicar com toda a comunidade educativa (educadoras, pessoal auxiliar, pais, etc.) como meio de autoformação onde todos colaboram e se enriquecem.



6º Articular – Promover a continuidade educativa para
facilitar a adaptação da criança em
futuras etapas da sua vida.

Podemos assim, resumir a nossa intervenção em três vertentes:

- Uma intervenção não directiva – baseada em projectos de relação em que os aspectos sócio-afectivos e emocionais da criança são privilegiados.
- Uma intervenção pela criação de projectos – através dos quais se pretende satisfazer as curiosidades e necessidades de acção da criança, e que emergem de sua interacção e vontade, competindo à Educadora fazer a sua articulação.
- Uma intervenção interactiva com a família – trocando experiências e cooperando com os Pais.

Conclusão

Acreditamos que este documento é o início de um percurso que desejamos aperfeiçoar e valorizar com a nossa acção e para tal contamos com a vossa ajuda. As nossas crianças merecem o nosso melhor.

PROJECTO CURRICULAR DE SALA

“Conhecendo-nos brincando”

Sala 2 Anos

Ano lectivo 2012/2013

“Assim como a criança descobre o prazer de uma carícia, a ternura de uma voz, a doçura de um olhar, deverá deparar-se no seu caminho com o “não”, com aquele que marca a diferença entre a ordem e a harmonia, a desordem e a transgressão. Pôr limites, transmitir regras é um acto de amor que devemos praticar com os nossos filhos para favorecer o seu crescimento e a sua inserção na sociedade”.

Maria Pascual

Licenciada em Psicologia

INTRODUÇÃO

O início de um ano lectivo pressupõe a elaboração de um projecto direccionado para um grupo específico de crianças com vista ao seu desenvolvimento e aprendizagem, quer da sua individualidade, quer como grupo.

Deste modo, o presente projecto curricular de sala dirige-se para um grupo 2 anos.

No projecto que irei apresentar estão definidas linhas e fundamentos metodológicos, bem como as actividades, áreas e estratégias que pretendo seguir.

No entanto, este assume um carácter flexível, sendo possível proceder a alterações se assim achar necessário.

Um projecto curricular de sala desenvolve-se num contexto muito específico e tem características e necessidades próprias, pois “(...) diz respeito ao grupo e contempla as opções e intenções educativas do educador e as formas como prevê orientar as oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem.” (DEB, 1997,44)

Caracterização do grupo

O grupo de crianças é constituído por 2 raparigas e 8 rapazes, com idades compreendidas entre 1 e 2 anos. Destas 10 crianças, apenas 4 frequentam esta instituição pela primeira vez, 4 crianças transitaram da sala de um ano e uma entrou no berçário.

É um grupo bastante heterogéneo.

A maioria das crianças são autónomas, 3 ainda usam fraldas durante o dia e para dormir.

Quanto às refeições quase todos comem pela sua mão, embora ainda necessitem de ajuda do adulto, principalmente para terminar a refeição. Sabem como se deve estar à mesa, como estar sentados, ou como usar os talheres, no entanto, é necessário, por vezes e com algumas crianças, estar atento e solicitar que se coloquem na posição correcta ou que corrijam a posição dos talheres e que não se levantem antes da refeição terminar.

É um grupo activo e comunicativo, gosta de ouvir canções, dançar, brincar ao faz-de-conta. Demonstam também grande interesse por legos, fazem construções com facilidade.

As crianças deste grupo são meigas e buscam afecto com frequência, pedindo mimos. Quando pressentem que estamos a dar carinho a outras crianças, reclamam o seu lugar junto do adulto.

Já começaram a adquirir uma certa independência e vão sozinhos à casa de banho (solicitando ajuda para se limpar e apertar ou desapertar o botão das calças). Lavam e secam as mãos. As crianças aos poucos e poucos já conseguem perceber as rotinas diárias e a distinção das partes do dia.

Gostam de tudo o que diz respeito à natureza: animais, terra, água e plantas. São curiosas de tudo o que as rodeiam, são muito espontâneas. Gostam de tudo que implicam movimento, correr, saltar.

As palavras são o seu instrumento para explorar e compreender o Mundo circundante: o vocabulário é cada vez mais variado e expressivo. Ao desenvolver as suas competências linguísticas desenvolvem também a sua forma de expressão o que consequentemente vai levar a um desenvolvimento cognitivo.

Já reconhecem algumas cores e alguns já conseguem contar até 10. O grupo apresenta ainda, como é normal nestas idades, comportamentos egocêntricos, o que provoca conflitos entre elas, devido à posse de brinquedos ou na realização de actividades, como também é normal o desenvolvimento da Autonomia versus Dúvida do EU. Este conflito resulta da incerteza da criança de ser um indivíduo autónomo, precisa de ambiente de segurança para que a autonomia se desenvolva. A solução deste conflito reflecte-se no negativismo, em que a criança não aceita a opinião dos outros, querendo agir sempre à sua maneira.

Rotina Diária

A rotina diária baseia-se na repetição de actividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala e desempenha importantes funções na configuração do contexto educativo, permitindo à criança estabelecer pontos de referência da sua acção, ajudando-a a tomar opções relativamente, à escolha das actividades, das matérias que pretende e precisa manipular, bem como, ao desenvolvimento de interacções e experiências.

A sequência dos diferentes momentos diários, contribui para um sentimento de maior segurança, independência e autonomia, na medida em que a criança não necessita de criar expectativas sobre o que irá acontecer a seguir, sem retirar curiosidade e motivação para a vivência de novas experiências e situações.

Segundo Formosinho (1998:71) “Criar uma rotina diária é basicamente fazer com que o tempo seja um tempo de experiências educacionais ricas e interações positivas”, que inclui momentos pedagógicos importantes, nomeadamente a alimentação, a higiene, as actividades da sala, hora de descanso, a chegada e saída estão ligadas à organização dos espaços e dependem das características, interesses e necessidades das crianças.

No que diz respeito à rotina da sala, podemos destacar alguns momentos fundamentais:

8:00h / 9:30h	Acolhimento
9:30h/ 9:45h	Hora da fruta
9:45h/ 11h	Actividades orientadas
11h /11:15h	Higiene
11:15 / 12h	Almoço
12h /12:30h	Higiene
12:30h / 15h	Descanso
15:30h /16h	Lanche
16 h /19h	Actividades livres

Trabalho a desenvolver com o grupo

Tendo por base a caracterização e as características do grupo é pertinente referir quais as suas necessidades para, a partir daí, formular e definir quais as linhas orientadoras a seguir no trabalho pedagógico.

- **Área de Formação Pessoal e Social**

- **Objectivos:**

- * Fomentar na criança sentimentos de segurança e bem-estar, promovendo a criação de um ambiente seguro;
 - * Favorecer a capacidade de expressar os seus próprios sentimentos, emoções e necessidades;
 - * Respeitar os outros;
 - * Favorecer o desenvolvimento da auto-estima e confiança;
 - * Favorecer o desenvolvimento da regulação do próprio comportamento e do controlo progressivo da própria conduta, durante a rotina e em situações ocasionais de jogo;
 - * Incentivar o respeito pelas regras de convivência social;
 - * Contribuir para a consciencialização de regras necessárias à convivência e a organização do espaço da sala;
 - * Incentivar a criança a ser independente, curiosa e com capacidade de iniciativa;
 - * Tomar iniciativa, planificar e sequenciar a própria actividade para resolver tarefas simples e problemas da vida quotidiana;
 - * Promover a consolidação da aquisição de hábitos de higiene pessoal, limpeza e arrumação;
 - * Estimular capacidade de trabalhar em grupo: Capacidade de cooperar e de partilhar saberes;
 - * Fomentar a cooperação e o trabalho em projecto entre as crianças;
 - * Fomentar a partilha, colaboração e interajuda entre crianças;
 - * Proporcionar a utilização correcta dos materiais, apropriação do espaço e do tempo;
 - * Proporcionar a exploração de diversos e novos materiais, utensílios e técnicas;

- * Favorecer o desenvolvimento da capacidade de atenção e concentração;
- * Promover atitudes de respeito e cuidado pelos animais, plantas e meio natural;
- * Incentivar a aquisição de hábitos alimentares saudáveis;

- **Estratégias:**

- * Criação de situações que facultem responsabilidades de tarefas às crianças;
- * Realização de registos de presenças para garantir o reconhecimento de quem falta e de quem está na sala;
- * Realizar actividades que permitam a interiorização de regras sociais (saber esperar, saber sentar-se à mesa correctamente, saber como comer utilizando faca e garfo, entre outros);
- * Motivar a criança a vestir, despir-se, lavar e comer sozinha;
- * Aprender a identificar os sentimentos, desejos e emoções e saber comunicá-los, assim como percebê-los;
- * Deixar que sejam as crianças a resolver conflitos a tomar decisões;
- * Criar situações de interacção e de diálogo entre todos os intervenientes da sala;
- * Criação de momentos de cooperação e partilha entre as crianças;
- * Realização de actividades em pequeno grupo que permitam o trabalho em conjunto e a partilha de materiais;
- * Promover actividades de intercâmbio entre as diferentes salas da valência, logo o contacto e trabalho com crianças de diferentes idades;
- * Realizar actividades que requerem uma participação colectiva;
- * Implicar as crianças na arrumação da sala;
- * Realização de saídas ao meio ambiente;

- * Realização de actividades de higiene e cuidados pessoais;

- * Procurar integrar a família no dia-a-dia da sala;

- **Área de expressão e comunicação**

Segundo as Orientações Curriculares (1997/56) “ a área de expressão e comunicação engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio das diferentes formas de linguagem”.

Neste sentido, esta é a única área sub-dividida em vários domínios que estão estreitamente relacionados:

- **Expressão Motora**

- * **Objectivos:**

- * Promover o desenvolvimento da noção corporal;

- * Desenvolver a identificação e nomeação das partes do corpo em si e noutro;

- * Favorecer o aperfeiçoamento e a consolidação dos padrões motores básicos: andar, correr, saltar, lançar, pontapear, agarrar, atirar e puxar;

- * Favorecer o desenvolvimento do equilíbrio dinâmico e estático;

- * Fomentar a aquisição da noção da lateralidade;

- * Desenvolver a compreensão e percepção do espaço;

- * Promover o desenvolvimento da motricidade fina e agilidade manual;

- * **Estratégias**

- * Realização de sessões de motricidade e expressão corporal;

- * Realização de jogos e canções que explorem o conhecimento do esquema corporal;

- * Jogos de coordenação global, equilíbrio e relaxamento;

- * Realização de circuitos gímnicos simples (Trepal, rastejar, escorregar, saltar...)

- * Promover actividades de modelagem, enfiamento, desenho, pintura, digitinta, rasgar e amachucar papel;
- * Movimentação no espaço seguindo um itinerário traçado no chão;
- * Realização de actividades dirigidas como saltar só com um pé, com os pés juntos, entre outras posições;
- * Realização de actividades de reconhecimento do corpo humano (exemplo: desenhar em papel cenário, indicar e nomear as diferentes partes do corpo, imitar movimentos com diferentes partes do corpo);

- **Expressão Dramática**

- * **Objectivos:**

- * Fomentar o progresso da expressão corporal;
 - * Favorecer a exteriorização de sentimentos através do jogo dramático;
 - * Estimular a capacidade de memorização;
 - * Estimular a exploração do espaço e dos materiais com vista ao desenvolvimento da criatividade e imaginação;

- * **Estratégias:**

- * Criar situações que permitam à criança brincar ao faz-de-conta;
 - * Manipulação de fantoches e de outro tipo de materiais para representar histórias;
 - * Contar e dramatizar histórias;
 - * Exploração de lenga-lengas, trava-línguas e adivinhas que as crianças possam mimar;
 - * Realização de jogos de imitação;

- **Expressão Plástica**

- * **Objectivos:**

- * Desenvolver a criatividade e imaginação;

- * Proporcionar a exploração de diferentes materiais e técnicas;
- * Promover o desenvolvimento da capacidade de identificação e associação das diferentes cores;
- * Desenvolver a destrezas manipulativas necessárias para a elaboração de actividades artísticas e progredir no manejo dos utensílios;
- * Experimentar e exprimir-se plasticamente no espaço tridimensional através da modelagem de diferentes matérias: plasticina, pasta de modelagem;
- * Consolidar hábitos de limpeza, cuidado e ordem do material;

* **Estratégias:**

- * Realização de pinturas individuais e colectivas;
- * Pintura com diversos materiais: lápis de cor, de cera, marcadores, tinta com pincéis;
- * Utilização de diferentes técnicas; giz, lixa, folhas, algodão...;
- * Exploração de digitinta;
- * Exercitar as destrezas de rasgar, cortar em pedaços, recortar, colar;
- * Actividades de manipulação de cores e reconhecimento da mesma;

• **Expressão Musical**

* **Objectivos:**

- * Proporcionar o desenvolvimento da atenção auditiva e da capacidade de escrita;
- * Promover o aumento do repertório musical;
- * Promover o desenvolvimento rítmico:
- * Estimular a capacidade de atenção, de memorização e de concentração;
- * Estimular a utilização da voz e do corpo como agentes sonoros;

*** Estratégias:**

- * Exploração de canções a que se associem gestos e coreografias;
- * Valorizar e incentivar o grupo a escutar, cantar, dançar, tocar e criar;
- * Explorar e identificar sons;
- * Ritmo em canções;
- * Canções populares, canções de roda;
- * Exploração de lengalengas e trava-línguas;

• **Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

*** Objectivos:**

- * Potenciar a correcta articulação de fonemas;
- * Potenciar a correcta articulação de palavras e construção de frases;
- * Promover o desenvolvimento de capacidade de expressão oral de sentimentos e ideias;
- * Promover o desenvolvimento das capacidades de comunicação entre criança/criança e criança/ adulto);
- * Potenciar o desenvolvimento lexical;
- * Proporcionar capacidades de argumentação;
- * Favorecer a capacidade de atenção e concentração em ouvir o outro;
- * Promover o gosto pelo livro e interesses do livro;

*** Estratégias:**

- * Conversar com as crianças em diferentes situações;
- * Permitir que a criança fale sobre situações do seu agrado;
- * Permitir a livre exploração de livros;
- * Incentivar a descodificação de imagens questionando “o que é?” ou “o que acham que está acontecer”;

- * Fomentar a aprendizagem e exploração de canções, lengalengas, rimas e poemas;
- * Realizar registos gráficos de histórias e de saídas;
- * Construir uma história com ajuda dos pais;
- * Contar e inventar histórias;

- **Domínio da Matemática**

- * **Objectivos:**

- * Promover o desenvolvimento de capacidade de memória;
 - * Potenciar o desenvolvimento da correspondência termo a termo;
 - * Favorecer a aquisição das noções temporais;
 - * Favorecer a aquisição de quantidade;
 - * Proporcionar o contacto com diferentes formas geométricas;
 - * Promover o aperfeiçoamento da compreensão da lateralidade;
 - * Promover o desenvolvimento da noção de sucessão temporal; dias da semana; estações do ano, etc.;
 - * Proporcionar a identificação e a nomeação de cores primárias;
 - * Proporcionar situações que permitam a medição;
 - * Proporcionar situações que permitam a seriação;

- * **Estratégias:**

- * Construção do quadro de tarefas;
 - * Criação de actividades de manipulação de diferentes objectos com vista à correspondência/distinção entre cores, formas, tamanhos, texturas entre outros...;
 - * Colocação de imagens pela ordem lógica;
 - * Brincar com jogos de encaixe, enfiamento, puzzle, dominós;

- * Realização de actividades que permitam seriar objectos, exemplo: tamanho, peso;

- * Realização de sessões de culinária;

- * Estimulação para o emprego correcto de antes e depois; ontem, hoje e amanhã; cedo, tarde; manhã, tarde e noite;

- **Área do Conhecimento do Mundo**

- * **Objectivos:**

- * Promover a curiosidade natural e o desejo de conhecer;

- * Sensibilizar para a educação ambiental;

- * Estimular a capacidade de observação, experimentação e reflexão;

- * Favorecer o desenvolvimento de atitude crítica;

- * Favorecer o interesse das crianças para as ciências;

- * Fomentar o conhecimento dos espaços comunitários do meio envolvente;

- * **Estratégias:**

- * Execução de saídas ao exterior para observar o meio envolvente;

- * Realização de experiências de carácter científico;

- * Facilitar o convívio com as crianças de outras salas;

- * Fomentar o contacto e o respeito com a natureza;

- * Organização e distribuição de tarefas para a arrumação dos espaços da sala;

- **Temáticas a realizar ao longo do ano:**

- * Autonomia

- * Regras de sala e regras de convivência;

- * Hábitos e boas maneiras;

- * Higiene;
- * Histórias/ rimas/ canções
- * Tarefas/ responsabilização
- * O Corpo Humano
- * 5 Sentidos
- * Animais
- * Os afectos
- * Números (1, 2, 3); Letras (Nome)
- * Actividades de associação/ conjuntos/ tamanhos

- **Plano Semanal de Actividades**

O plano de actividades surge na necessidade de nos organizarmos. Vai permitir planificar o trabalho de um modo mais perspectivado. Trata-se por isso, de um instrumento de trabalho:

Este vai ser encontrado à entrada da sala.

- **Dia de Brinquedos**

O dia de Brinquedo será à 6.ªfeira. Cada menino poderá levar para a creche **um** brinquedo;

- **Projecto “Era uma vez...”**

Este projecto será desenvolvido pela grande família da creche. Queremos desafiá-los a escrever uma história. Iremos ter um livro em branco, nós damos o mote e de casa em casa a história vai-se escrevendo. Podem dar asas à vossa imaginação e desenhar ou mesmo criar alguma personagem real (fantoques, dedoches,etc).

Plano de Atividades 2012/2013

Data	Atividade/ Tema	Objetivos	Salas
8 de Outubro	Introdução ao Fantocheiro: Contar histórias com fantoches	- Brincar ao faz de conta/ improvisar histórias	Todas
Na semana de 22 a 26 de Outubro	Saída a Serralves: Festejar o Outono	- Levar as crianças a contactar com a Natureza: -apanhar objetos do Outono	Sala 1 e 2
12 de Novembro	Comemoração do dia de São Martinho: Visita à Biblioteca de Matosinhos	Reforçar os valores culturais; Proporcionar momentos agradáveis através da leitura de livros infantis	Sala 1 e 2
23 de Novembro	Expressão plástica: Pintar com os pés	- Conhecer novas técnicas e material de pinturas	Todas
14 de Dezembro	Festa de Natal	- Fomentar o convívio entre todos os elementos da comunidade escolar; - Reforçar o espírito de família e sensibilizar para o espírito de Natal	Todas
9 de Janeiro	Sessão de loga	- Dar a conhecer mais uma forma de consciencialização do corpo	Todas
14 de Fevereiro	Comemoração do dia da Amizade	- Levar as crianças a contactar com uma forma diferente de expressão/sentimentos.	Todas
8 de Fevereiro	Carnaval	- Brincar ao Faz-de- Conta	Todas
6 de Março	Sessão de loga	- Dar a conhecer mais uma forma de consciencialização do corpo	Todas
19 de Março	Comemoração do dia do Pai	- Reforçar os valores culturais; - Favorecer o intercâmbio entre a família e a escola; - Valorizar o papel paternal;	Todas

28 de Março	Páscoa	- Proporcionar momentos de convívio e lazer; - Reforçar os valores culturais	Todas
2 de Abril	Hora do Conto – Saída aos Jardins de Serralves	- Promover o gosto pela leitura	Sala 1 e 2 ano
6 de Maio	Comemoração do Dia da Mãe	- Reforçar os valores culturais; - Favorecer o intercâmbio entre a família e a escola; - Valorizar o papel maternal;	Todas
15 de Maio	Dia da Família	- Favorecer o intercâmbio entre a família e a escola; - Reforçar a importância da família na escola;	Todas
3 de Junho	Dia da Criança	Promover na criança o gosto pela manifestação e atividades organizadas em sua honra.	Todas
7 de Junho	Sessão de loga	- Dar a conhecer mais uma forma de consciencialização do corpo;	Todas
Semana de 25 a 28 de Junho	Praia	- Possibilitar o convívio num espaço diferente; - Proporcionar brincadeiras ao ar livre;	Sala 1 e 2
12 de Julho	Festa de Final do ano letivo	- Promover o convívio entre a família e a escola;	Todas
13 de Julho	Pic-nic em família	Intercambio entre famílias fora da Instituição;	
15 de Julho	Saída à Quinta de Sto Inácio	- Permitir o contacto com a Natureza e animais; - Conhecer os hábitos, a sua alimentação, alojamento e os cuidados diversos a ter com os animais	Sala 1 e 2